

A ESPERANÇA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDIGIDA POR

A. DE CASTILHO.

N. 1 — 14 DE MAIO DE 1961.



DIR. DE JORNALISMO

IMP. POPULAR — DE ALFREDO LEITE — RUA NOVA DO OUTUBRO N. 2

1961

A ESPERANÇA

Não são raros neste paiz os jornaes litterarios; antes a chronica registra o apparecimento de muitos com pequenos intervallos. Longe porem de nos incutir receios a tendencia com que nestes ultimos tempos se tem pronunciado tão explicitamente, vem ella corroborar em nós a opinião de que a nossa mocidade vive, desse viver animado pelo fogo de espirito e que a colloca na primeira linha de todos os que trabalham pelo porvir das nossas patrias. A emulação virá ao depois robustecer a nossa fé nas nossas tarefas, e do exemplo alheio colheremos talvez muito que aproveitar.

Estes ensaios em que se adresta a mocidade, são de largo proveito para os fucturos tempos da litteratura. A cópia de jornaes litterarios, que neste momento correm os azares da publicação, tradusimol-a nós como uma valiosa demonstração da idea que domina hoje a mocidade e serve-nos de penhor ao nosso fucturo.

Ha ate certo ponto nessa exhuberancia de vida espiritual, um como que percursor signal do muito que nos reserva ainda o fucturo para fazer.

A mocidade emballada ás musicas suaves da festa, que a vivacidade da imaginação, junta aos ardentes impulsos do coração, descerrando com o olhar seguro do pressentimento o mundo inteiro de praseres que a vida offerece, tendo na idade a desculpa, pora entregar essa mocidade tão robusta ás felicidades passageiras dos triumphos faceis que lhe dá o mundo, não offerece um exemplo frisante e digno, capaz de convencer os retardarios no caminho do saber, os scepticos de desolto annos, que leem a ultima palavra da sabedoria humana no descuido e no desprezo do fucturo?

Sacrificar-se o bem momentaneo, poderoso incentivo na determinação dos actos da vontade juvenil, ao labor improbo do estabelecimento de um bem mais solido no fucturo, é, parece-nos, augurio favoravel para as letras patrias.

Se não pertencemos aquelles que encontram a rasão na exclusão prejudicial aos moços dos praseres da sociedade e lhes recommendam a solidão e os livros como unicos capazes de os encaminharem ao bem, também não pertencemos aquelles, que julgam preferivel guardar para depois de passada a idade propria, as recommendações do estudo, do amor ao trabalho.

A mocidade deve ser aproveitada em favor de ideas, cujo cultivo traga no fucturo os fructos exigidos. Acreditamos porem que para conse-

guir-se tão nobre fim, não ha mister segregar a mocidade dos praseres da sociedade.

Na educação daquelle, entra tambem por muito a sociedade em que ella vive, e em que faz valer o que aprendeu.

Os jornaes litterarios de que ahi falla muita gente, são o resultado desses trabalhos que consomem o tempo e as vigílias aos moços: é um auxilio que os ajuda no estudo, servindo-lhes igualmente de incentivo de emulação, e ao mesmo tempo um meio de estudo, que muito aproveita o que faz no gabinete.

Longe pois de ver-mos o que quer que seja de censurar-se nos jornaes litterarios que affluem, saudamol-os sempre como uma promessa lisengoira de futuro e uma segurança no presente.

A elles juntamo-nos hoje: se não temos a felicidade de nutrir as forças que os fazem mais importantes, temos a vontade de tornar-nos dignos, vontade que suppre a coragem e faz prodigios, quando, como hoje não lhe faltam os bons exemplos.

A. de C.

QUADROS DO UNIVERSO

PROVINCIA DE MINAS. — RIO SAPUCAHY.

As maravilhas com que a natureza se ostenta na Provincia de Minas, os soberbos painéis de sedutoras e romanticas paisagens, a belleza de um céu puro e benigno, vegetação a mais espantosa e a riqueza de um solo productivo, sem duvida farão espantar o estrangeiro que se interna pelo Imperio.

Um dos rios mais notaveis da provincia de Minas, é realmente o *Sapucahy*, não só pela grande extensão de terreno que percorre, como tambem pela sua profundidade e largura.

Confluente do *Paraná*, é elle o gigante que vai engrossar este ultimo em uma extensão consideravel, e em seu pontal forma uma bacia ou lago onde as aguas voltejam, sendo a extensão de um barranco a outro para mais de legua.

O coração humano parece que se extasia na contemplação das pitorescas paisagens, que as margens do Sapucahy offerecem: planicies que se perdem de vista, verdegante capim intermedeado de pequenos arbustos, tapizam o solo como um manto curvilino, devido ás immensas

voltas que este Rio faz durante seu curso; um sem numero de rebanhos de galo, e diversos animaes, pastando em manadas sobre estas planicies, apresentam o quadro das margens do Rheno.

Aves aquaticas de muitas especies, travessas saltam sobre as galladas de madeira, que suas enchentes tem conduzido.

Se o sol galgando as alturas meridianas, reflecte os raios sobre as adormecidas aguas do Sapucahy; diriamos que uma zona prateada, se estende sobre as campinas mineiras.

Myriades de purilampos á noite crusando este rio de um lado a outro, fazem que o espelho das aguas se assemelhe a um firmamento, onde rapidamente muitos meteoros igneos rapidos lampejam.

O Rio Sapucahy tem sua origem na latitude de 22 grãos, 43' o 2 e de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro é formado pela reunião dos riachos, S. Bernardo, Marmello, e Capivary, que todas nascem na pedra do Bahú, Municipio de S. Bento do Sapucahy-mirim.

A serra da Mantiqueira, é singular neste ponto formando um plato de 3 leguas de diametro, e 5 de longitude, na extremidade deste plato pequeno, ergue-se o pico do Bahú: deste ponto partem os 3 riachos, em direcção para E: ao sul do Itajubá reúnem-se, em direcção quasi que para N., formando sempre immensas curvas, como a Volta Grande, e depois de ter corrido para NO, torna-se tributario do Paraná, banhando os Municipios de Itajubá, Pouso Alegre, Campanha, Tres Pontas.

O Sapucahy durante seu curso, recebe os seguintes Rios.

1.º O Sapucahy-mirim que vem do Bahú, e é engrossado por muitos riachos, e pelo Rio Mandú.

2.º Agua limpa, que nasce na Soledade do Itajubá, e entra no Sapucahy acima da villa Nova: uma legua para o S.

3.º Lourenço Velho, cujas vertentes são na serra da Bocania da villa Christina, correndo de E. para O. é tributario do Sapucahy: 3 e meia legua abaixo da villa Nova do Itajubá.

4.º Rio do Servo, que nascendo no campestre municipio de Caldas entra no Sapucahy, perto de S. Anna.

5.º Rio Verde, um dos mais caudalosos do sul de Minas que nasce na Mantiqueira, na serra do Jardim municipio de Baependy: e depois de ter recebido o Rio Baependy, Lambari, Rio do Peixe, e outros mais entra no Sapucahy no municipio da Campanha.

Ainda podiamos accrescentar os Rios Douradinho, Piranguetú, Machado. etc.

O Rio Sapucahy em geral fórma em suas margens um extenso terreno de alluvião, que todos os annos se renova, em razão das caudalosas enchentes que seu leito apresenta: as materias vegetaes de compondo-se formam pantanos terriveis: uma abundancia de turba cheia de arêa, ou sedimento terreo que este rio em sua impetuosidade rola, estes districtos de altas montanhas, são em geral o que compõem as alluviões do Sapucahy.

Pouco quarts nota-se em suas planicies, e mesmo a ausencia de arêa

ferruginosa, comtudo em suas cabeceiras encontra-se o ouro, mas não em abundancia.

Deste rio no futuro a provincia de Minas se utilisará de suas aguas para a navegacão: então quando raiar essa época no horisonte mineiro a prosperidade, riqueza e agricultura, muito florescerá para os municipios do sul dessa provincia.

A navegacão do Sapucahy não é um problema de intrincada soluçãõ, attendendo nós a posicão topographica do solo, estudando-se a natureza do Sapucahy, ver-se-ha que facil é emprehender-se a sua navegacão.

As vertentes do Sapucahy são em geral serras onde a agricultura floresce; mattas virgens, peçadas de jectibas, sobrais, paineiras, bastam para o distinctivo de terrenos productivos.

Não ha muitos campos para as partes de Pouso Alegre senão nos altos da Mantiqueira; por conseguinte por aqui veremos que uma extensa região de florestas, ou mattas aqui existe, o que tudo annuncia um risosinho porvir para estes lagares, que em pequenos barcos e canoas já transporta muitos generos alimenticios para varios pontos.

E' notavel o Sapucahy: por ser um dos rios mais caudalosos de Minas e na nossa geographia merece um lugar mais esclarecido, não pelas vantagens que pode offerecer, mas sim como o 1.º confluente do Rio Grande na provincia de Minas.

Franklin.

A FILHA DO MARINHEIRO.

POR D. MARIA JOSE DE NORONHA FEITAL.

Na viagem que fiz a Normandia, durante o mez de Setembro ultimo, quiz visitar o pequeno lugar de Villiers, para saudar o berço do grande pintor que sua patria não soube apreciar! desse illustre Nicolao Poussin, que a inveja e a perseguição forcaram a se exilar na terra mais hospitaleira da Italia.

Quando terminava minha perigrinação, encontrei alguns pastores que atravessavam Villiers, cantando canções normandas e caminhando alegremente como se fosse para uma festa.

Não era domingo nem dia santo, e entretanto todos: homens, mulheres e meninos, trajavam seus mais bellos vistidos; os homens trazião grande vistia de panno azul e longas polainas que subião acima dos joelhos; as mulheres, corpinhos escorlates, saiote azul, a coifa pyramidal do vertice do qual escapavam fluctuantes ao vento, duas longas pontas guarnecidas

de rendas; emfim a cruz de ouro pendendo de uma fita de velludo preto.

Aproximei-me de uma alta e vigorosa camponeza que tinha um menino nos braços, e levava pela mão um rochunchudo rapaz de rosto rosado e altivo, com os cabellos loiros e anelados, olhos azues como as pervincas dos campos.

—Senhora, lhe perguntei, onde vai esta alegre procissão?

Olhou-me com admiração, depois me respondeu levantando os hombros:

—Não sabeis que é hoje o dia do casamento de Clotilde, a filha do marinheiro?

Ah!... disse eu, é o casamento de Clotilde.

Depois continuei com curiosidade:

—Porem esse casamento será algum acontecimento notavel para o paiz?

—A senhora é estrangeira sem duvida? me pergantou um camponez delicado e esperto, que tinha ouvido esse pequeno colloquio.

Eu respondi affirmativamente; e um sorriso passou sobre seus labios como para me dizer:

Nada se sabe nas vossas cidades? Depois continuou com cortezia:—E' mais que um acontecimento, é uma curiosa historia esse casamento, senhora; e se desejaes conhecê-la, vinde connosco para baixo, sobre a borda da ribeira, onde devemos parar, porque chegámos lá pouco, e lá então, eu vol-a contarei com todos os seus detalhes.

Acceitei com praser aquelle offerecimento amavel e, alguns instantes depois, assentada mollemente sobre a borda musgosa de uma bonita corrente que murmurava alegremente através dos salgueiros, escutei essa historia que tencionei contar-vos á minha volta.

Ha vinte annos pouco mais ou menos, a senhora baroneza de la Preslay, (que habitava então Dieppe, aconselhada por seus medicos, que lhe haviam receitado os banhos do mar por causa de sua saude arruinada,) depois de uma noite inteira de insomnia, se tinha levantado ao romper do dia para ir respirar na borda do mar o ar puro e fortificante que se escapa do seio das ondas.

Como andasse vagarosamente, deixando errar sua imaginação no vasto campo das chimeras e seu olhar sobre o balancear monotono das vagas, foi bruscamente despertada por um doloroso gemido que ouviu a seu lado; o terror se unio á surpresa, quando, voltando-se percebeu que estava só. «Eu me enganei, sem duvida, murmurou no fim de alguns instantes, foi o grito de algum passaro, que me pareceu um grito de dor.»

E seguiu seu caminho; entretanto ouviu um novo gemido que parecia desmentir suas proprias palavras.

A baroneza de la Preslay era corajosa e boa, e procurou adormentar o medo que lhe invadia a alma dizendo: «Ha alguém que soffre daqui perto, meu dever é socorrer se poder.»

E logo se pôz a procurar, seus esforços foram bem depressa coroados de bom exito porque atraz de um ligeiro montinho de arêa viu uma moça

desmaiada, tendo uma criança unida ao seio; eram os vagidos da pobre creaturinha que tinham trasido soccorro a sua mãe.

A baroneza foi procurar auxilio, e, depois de ter chamado a moça á vida, fez-la transportar a sua casa, porque uma febre violenta se tinha apoderado da infeliz, e em seu delirio não podia fazer conhecer nem seu nome, nem sua morada, nem seu estado. Esta posição terrivel durou um longo mez ainda, depois, um dia a moribunda tornou um instante a vida; e para recomendar sua filha a baroneza, contou então sua curta e triste historia.

Era a mulher de um marinheiro, que havia partido ha um anno para entregar-se ao commercio de marfim, e como não recebeu delle noticia alguma, vinha sobre a muralha esperal-o todos os dias; depois esta mulher abençoou sua bemfeitora, supplicou-lhe de velar sobre sua filha, e morreu.

A baroneza acceitou piedosamente esta herança, e, depois de ter feito sua declaração ao Maire prevenindo o caso em que o pai da menina viesse a reclamar-a, deixou Dieppe, levando consigo sua pequena Clotilde.

Trad.—(Continúa.)

POESIAS.

ISOLAMENTO.

Anjo, por quem suspiro! — si n'ausencia
Meus seios tremem de saudade infinda,
E' que tenho minh'alma á tua unida,
E' que te amo e que te adoro ainda!

E' que sempre vem languida e mimosa
A tua sombra reflectir na minha
Como o sol resvalando no occidente
No sombrio crepusculo — á tardinha!

Ah! si aqui estiveras! — si a saudade
Revellasse-te o amor que por mim erra
Neste instante sublime em que o silencio
Disperta vibrações que a lira eneerra...!

Então — talvez! — eu não soffresse tanto
E em teu amor topasse o meu remedio.
Não me seria a vida ennegrecida
Uma hora d'insomnia, outra de tédio!

Esquecêra que um dia a desventura
Encostára-se ao leito onde eu dormia
Para acolher, em extasis divinos,
De cada gesto teu uma harmonia!

E a gloria! ? — eu sedento e louco amei-a
P'ra ser da turba conhecido um' hora!
Futil desejo que nutri na insomnia
Como se foge e me abandona agora!

A minha gloria és tu — que tens no seio
Muito fogo do céu dormente ainda....
E um teu olhar de amor turva e dissipa
Essa fátua visão que vem tão linda.

Deixa que os *doidos* sobre os cahos se atirem
Da serração de sangue que é a historia
Mas não deixes que morra miserando
Sem teu sublime amor.... a minha gloria!

Amo-te — como a paz os cemiterios!
Como a virgem da noite ama os desertos
Como o nauta a centelha de bonança
Que abranda os céos de temporaes cobertos!

Tu que tens tanto fogo nos teus olhos,
Tanta graça de amor no rosto lindo;
Que n'alma me ateiaste o facho ardente
Da abençoada dôr qu'estou sentido....

Ergue-me altivo a regiões mais puras
Envolvido — entre amor — n'um teu sorriso
Faz qu'eu mude os andrajos do infortunio
Pelas galas de um novo Paraíso!

Não dês que um máo destino — desbendito —
Arroje-me no mar da tempestade!
E que eu vá pela treva — vagabundo —
Sem luz — amor; sem vida e mocidade.

Deixa ao menos qu'esta alma que se inflamma
Tão longe do teu ser — n'um céo nevoento —
Possa um'hora fruir no teu regaço
Quando os laços quebrar do isolamento!

Caetano da Silva.

O JAMBO.

PARABOLA

Brasílio Jambo
É uma fructa
Que se reputa
Mui primorosa.

Tem, como a rosa,
Suave aroma,
E que se coma
Diz-nos a loca.

Porém é ôca,
E só a casca
Se engole e masca
Da fructa jambo.

E nem eu lambo
O seu caroco,
Porque é insosso,
Sinão amargo.

Agora largo
As vellas soltas,
E vou dar voltas
Por outros mares.

Quando topares
Um bello aspeito,
Vê si o sujeito
Jambo é por fora;

Si acaso mora
Casca a dentro
E bem no centro
Caroco ruim.

REVISTA THEATRAL.

A appareção de um novo jornal que nas suas columnas reserva um pequeno espaço para fallar sobre theatros, é sempre um motivo de alarma e alvoroço para o mundo theatral: querem todos saber quem se encarrega

desse trabalho, lançam sortes ao acaso, affirmam, negam, e por fim ninguém se entende ou dão a paternidade a alguém que nem sonha intrometer-se em intrigas de bastidores. Com effeito a tarefa é ardua, e só um desejo muito pronunciado de ver progredir a arte dramatica, poderá obrigar qualquer a lançar mão da penna para tratar de semelhante assumpto: Se louva este . . . é *parcialidade*; se censura aquella . . . é *despeito*.

Sem embargo, porém, dessas contrariedades e do *que dirão?* . . . hei de sempre animar, louvar ou censurar aquelles que tal merecerem.

Muito bem conheço a posição excepcional do artista para não ser justiceiro. Incommodado ou não é forçoso que esteja sempre prompto a dar prazer, estando, muitas vezes, acabrunhado de desgostos; soffrer a rudez da mór parte das pessoas com quem lida, e captar as boas graças do publico que tem direito de ser exigente por que paga.

A vida do artista é um rochedo de Syspho, uma lucta sempre constante, em que o trabalho renasce do mesmo trabalho, e a quem não valém os louros da vespera, se no dia seguinte se não esforça por merece-los novamente.

Quando fallo do *artista*, não me refiro áquelles que abraçam tal carreira só pelo desejo da ganancia, sem cuñar da gloria. Estes limitam-se a decorar os seus papéis, *quando o fazem*, rastejam sempre no pó e nunca passam de machinas de repelir palavras, sem se quererem convencer de que a arte dramatica é uma sciencia e que como sciencia deve ser estudada, que a natureza começa o artista e que só o estudo o acaba, que deve ser o imitador da natureza e reproduzir, á vontade, todas as paixões; que tem, sempre que piza em scena, de apresentar tres expressões — a da paixão que o domina, a do character, e a da situação, e que só poderá vencer tamanhas difficuldades com um estudo muito aturado.

Não fallo tambem daquelles que tendo algumas disposições se enchem de vaidade apenas recebem meia duzia de palmas, quando muitas vezes acabam de estropear uma scena por meio de uma gesticulação desenfreada e uma declamação horriovel; e julgando ter tocado o zenith da sua arte não se lembram que a multidão sempre applaude o que sahe fora do natural, e que o verdadeiro artista só almeja os suffragios do pequeno numero de espectadores illustrados.

Tudo depende do jogo de phisionomia; é o rosto, os olhos, é todo o corpo emfim que deve ter movimento e não os braços. O artista não deve ser prodigo de gestos, pois estes, as mais das vezes, prejudicam a graça da dicção. O abatimento da dôr permite alguns, a reflexão profunda ou a dignidade, nenhuns. Os olhos e a expressão do rosto exprimem melhor que os gestos, o despreso, a indignação ou o furor concentrado.

Tem apparecido ultimamente uma tendencia muito pronunciada para aquillo a que dão o nome de *escola moderna*, isto é, um enredo frio, sem paixões a jogar, e sustentado em dialogos. A meu ver taes composições servirão apenas para matar o tempo durante algumas horas, e só serão preferidas por mãos actores, que não sabendo representar a tragedia ou o

alto drama, agarram-se a esse género, que consideram a sua taboa de salvação, por não apresentar difficuldade alguma: pois qualquer que tenha um pouco de desembaraco, educação, e dicção correcta, está perfeitamente habilitado a representar os taes dramas da escola moderna. Os grandes artistas europeos, Shakspeare, Garrick, Kemble, Kean, Lekain, Talma, Prévillo, Mole, Baron, Mile. Mars, Rachel e ultimamente Frederick Lemaitre o Ligier como fundaram as suas reputações? Representando a tragedia e o alto drama. Basta porem de reflexões e tractemos da revista.

Começarei pelo theatro de S. Pedro, por ser subvencionado, e o primeiro desta corte.

Sexta-feira 3 fez o Sr. João Caelano a sua reentrada em scena com o drama intitulado *O Prestigiador* que já havia sido representado no Gymnasio com o título *O Pelotiqueiro*. A composição é excellente e cheia de bellos e bem combinados lances: n'ella mostrou o autor perfeito conhecimento da arte de escrever para o theatro. Fallemos da execução.

A Sra. D. Ludovina (*Condessa de Varennes*) trabalhou com grande mestria, n'execução parte das honras da noite, e foi com justiça muito applaudida.

A Sra. D. Leonor Orsat *Joanna Vidal* no prologo mostrou ter estudado muito o seu papel, representou bem, e conseguiu commover os espectadores; porem nos actos seguintes, no papel de *Helena de Varennes* decahiu alguma cousa. É preciso que a Sra. D. Leonor busque corrigir-se de um grande defeito: ouça todas as palavras pela penultima syllaba, faz uma pequena pausa, e pronuncia depois a ultima carregando sobre ella. É um defeito terrivel que torna insupportavel a sua declamação.

O Sr. Florindo *Darmenieres* representou com naturalidade e conservou-se na altura do seu papel.

O Sr. Simões *Conde de Varennes* caracterizou-se bem, mostrou dignidade, porem estava deslocado no papel. Não pretendo com isto negar o seu merecimento; conserve-se nos seus papéis como *«Feio no corpo, Probidade, Tecelão etc.»* e ha de ser sempre applaudido, porque nelles está acima de todos os que tem vindo ao Brasil.

O Sr. Martinho *Vol-au-vent* representou bem, porque não exagerou, nem adulterou o sentido do papel de que se encarregou.

No desempenho do papel de *Beaujolais* representado em Pariz, pelo insigne actor Paulin Meunier, sustentou o Sr. João Caelano a sua reputação de primeiro actor brasileiro.

No segundo acto, reproduzindo fielmente o typo de charlatão francez, que teve occasião de ver na Europa, tocou a perfeição, pois na scena ella consiste em imitar a natureza.

No terceiro acto representou com a maior naturalidade, e no final, quando arranca a filha dos braços da condessa de Varennes, e diz a *Darmenieres* *«Está satisfeito com a infamia que me fez praticar?»* arrancou freneticos e merecidos applausos. O quarto acto por si só equivale a um drama: em todo elle e mais que tudo quando reconhece a filha, no arrependimento que mostra pelos seus erros passados, no grito de espanto

João Caelano

e terror quando comprehende a razão porque Darmentières se apresenta em sua casa ás dez horas da noite, em todo o seu dialogo com elle, nas soberbas transições do furor para a ironia, reproduziu estes sentimentos com tanta verdade e força que obrigou o espectador a identificar-se com elle, a sentir as differentes emoções que o embatiam, e esperar ansioso pelo desfecho; emfim, bastaria a execução deste acto para dar-lhe o nome de *grande actor*, se como tal ha muito, já não fosse conhecido. No quinto acto conservou-se na altura do precedente, e no seu adeos derradeiro arrancou lagrimas a quasi todos os espectadores. O papel de *Beaujolais* é mais um florão para a sua coroa de gloria; a noite de 3 de Maio de 1861 ficará registrada nos annaes do nosso theatro.

Findo o drama chamaram-o á scena, offereceram-lhe diversas corôas de prata e louros, recitaram-lhe poesias e juncaram o palco com flores. Era uma demonstração do sabido apreço que dá o publico ao nosso primeiro actor, uma das glorias do Brasil, da saudade que sentia pela sua ausencia, mas era tambem a justa remuneração dos seus constantes esforços em prol dessa arte que o seu nome tem illustrado no Brasil, e que muito ganhou com a sua viagem á Europa.

Já o scenario foi completamente reformado e feito por um novo systema com todos os melhoramentos que a longa experiencia da velha Europa tem reconhecido necessarios. Já estão lançadas as bases de uma escola e Jury dramatico, e consta que se progride com ardor na construcção do pequeno theatro de ensino, o qual brevemente será posto á disposição daquelles que se quizerem dedicar a tão difficil carreira; finalmente tem partido do Sr. João Caetano todos os melhoramentos que tem soffrido o nosso theatro: todos os outros não tem feito mais do que imital-o ou seguil-o.

Passaremos ao Gymnasio.

A Sra. D. Clelia *Condessa de Varennes* poderá ser boa actriz, mas neste papel esteve insupportavel. No prologo entra com um vestido branco que parece ter sahido naquelle momento das mãos da engommadeira, e no entanto é uma louca que, escapando á vigilancia das suas creadas, foge e anda sem destino pelos campos. O vestido com que se apresenta no segundo acto é digno de ser visto; amarello e preto.

O Sr. Heller, *Darmentieres*, seguiu as pegadas da Sra. Clelia. Duas cousas suas *agradaram-me* summamente; a sua voz de assobio, e a maneira desembaraçada e sem hesitação porque entra ás escuras, em casa de *Beaujolais*.

O Sr. Joaquim Augusto, *Beaujolais*, envidou todos os esforços, fez quanto estava nas suas forças, queimou o seu ultimo cartucho, mas não reproduzio a verdade, nem o podia fazer; primeiro, porque não conhecia o typo; segundo, porque o seu physico não o ajuda; além de ter pouco ouvido, é fanhoso e a sua voz não se presta a todas inflexões preeisas; além disso em alguns lugares enganou-se na comprehensão do papel. No terceiro acto é humilde de mais para um homem que se apresenta com documentos falsificados, exigindo uma menina que lhe não pertence, e que quer fazer acreditar que a justiça está do seu lado. No quarto acto, no

reconhecimento da filha, e no dialogo final com *Darmentières* não mostra a ternura nem o vigor necessários, e por fim atira-se pela janella sem dizer agua vai !. Qual é o homem, mesmo acrobata, que tendo de saltar de qualquer altura, não calcula primeiro o lugar em que deve cair para se não offender ? No quinto acto, quando a filha, propondo-lhe um passeio, recusa ir para o lado do prado, e pede que seja para o lado da montanha, responde-lhe nestes termos: *Sim, d'alli vé-se mais longe*, porem esta phrase deve ser dita com pezar, por ver que a filha lhe tem menos amor do que a condessa, e não com alegria como o faz. conturbo o Sr. Joaquim Augusto teve momentos felizes e mostrou ter-se esforcado por agradar.

O Sr. Vazquez conduziu o papel para o lado de que poderia tirar maior partido; porem procedendo assim adulterou o sentido do original; e espiçou-se.

A Sra. D. Adelaide e Pedro Joaquim representaram concisamente e perfeitamente; e a elles cabem as honras da noite. Quer no prologo, quer no correr do drama, a Sra. D. Adelaide mostrou ser a mesma actriz das *Recordações da Mocidade* e muitos outros papéis que são exclusivamente seus.

O Sr. Graça caracterizou-se bem.

A traducção feita por uma habil penna tem defeitos e erros: fallaremos somente dos erros.

Vol-au vent por *Salta-murem*, *Père Blanquette* por tio *Macario*, *Greta* por *Pedrisco*, são cousas inadmissiveis.

No segundo acto, na scena de *Darmentières* com *Beaujolais*, diz-lhe aquelle: *Vejo por esta carta egypcia que te chamas Jaques Vidal*; responde-lhe *Beaujolais*, *No Egypto*, *Beaujolais*; aqui em França, *Jacques Vidal*. Não isso o que diz o original. *En egyptiens Jaques Vidal, en français Beaujolais*, isto é. *No lingua egypcia Jaques Vidal; em francez, Beaujolais*.

Errou ainda o traductor quando diz: *Esta carta prognostica um futuro tão fallante a esse Jaques Vidal, que se te precisasses de dinheiro, eu não hesitaria em adiantar-te, etc.* A traducção é que—Se elle precisasse de dinheiro eu não hesitaria em adiantar-lhe etc. No terceiro acto, na scena de *Beaujolais* com *Helena*, diz-lhe esta: *Ah! sempre é isto! C'est toujours cela*. Nessa situação, o segundo o sentido do dialogo, a unica traducção possível é... *Ah! já é alguma cousa!* Quanto á traducção feita para o theatro de S. Pedro, se não é isempta de defeitos, reproduziu fielmente o sentido do original... mas, basta por hoje, e ponto final.

Fritz Lillo.

ANTES E DEPOIS.

NOVELLA.

I.

Alberto e eu amamos a conversação e a chuva, e quando a segunda acoula compassadamente as nossas vidraças, não é raro ver-n'o-nos entregues aos caprichos da primeira em uma saleta, pequena e azul, onde o divan, a meza d'estudo, e as estantes dos livros queridos fazem-se mutua e serena companheira. O quarto d'Alberto é assim: alegre como um prado, alcalificado de flores, quando no mez de Julho o sol lh'entorna em casa a sua luz brilhante e o seu calor, quando a viração da tarde lhe traz aos ouvidos os ruídos da rua, quando o movimento de todos o vem tirar da apathia em que o lança o seu espirito triste. Ontros dias ha — sem sol, sem viração e sem ruido — em que a linda saleta é triste, triste como uma casa que vamos abandonar e que guarda nas suas paredes e nos seus moveis, recordações dos tempos felizes. E' triste assim a saleta d'Alberto, quando o céu está coberto de nuvens côr de cinza, quando os carros passam rápidos n'um ruido abafado. Parece que o azul das paredes se torna mais pesado, e cheio de confidencias.

E' n'um d'esses dias que nos reunimos ambos e deixamos correr ligeira a conversação ao som da chuva, á luz do espirito e ao fogo da imaginação. Havia semanas, mezes, que estávamos separados; mas reuni-n'o-nos um dia, um dia de chuva, e a conversação íntima e confidencial seguiu o seu caminho.

Era a tarde, depois do jantar, que fizemos juntos, que Alberto se estendeu horisontalmente no divan, e me convidara a sentar-me com aquelle dictado indico: mas vale estar sentado do que de pé, mais vale estar deitado do que sentado.

Sentei-me n'aquella cadeira, longa, commodá, molle, que conhecem todos os amigos de Alberto. Eu amo as boas cadeiras, porque uma vez sentado, logo que o corpo tenha achado lugares para as suas redondezas, o espirito, como que se sente mais desembaracado e mais livre, e galopa vertiginosamente nos campos infinitos da phantasia. O homem que faz uma boa cadeira, pratica uma boa acção. Não me chamem preguiçoso, porque sempre me pareceu mais conveniente e mais glorioso nada fazer, do que fazer muito sem fazer-cousa alguma.

Alberto é um rapaz de vinte e quatro annos, moreno, de suissas encantadoras, d'um olhar vivo e inconstante, d'um coração de cera e d'uma alma de mulher. Por minha vontade, eu vos faria um retrato

completo do meu amigo; mas depois que li em Alphonse Karr, que os romancistas, s'esforçarão sempre embalde em descrever as suas personagens: mas nunca as farão conhecidas, porque não conseguirão com a penna o que outros artistas, atravez das feições, esse *fluido* de vida, que anima a figura. E Alphonse Karr tem razão em que pese aos de opiniões contrárias.

Assim pois sabei somente que o meu Alberto é isso, e reúne a uma fortuna independente, o amor aos cavallos e às elegancias que a nossa civilisação nos offerece, e com um pouco mais cuidado no traje e menos juizo na cabeça, elle poderia passar por essa alguma cousa a que chamam *dandy*. Nunca o quiz ser, embora nada lhe faltasse dos materias precisos; mas o que antes que Roger de Beauvoir o dissesse, ja elle tinha comppe- elle tinha comprehendido que « um *dandy* é uma creatura cuja intelligencia esta ao nivel d'uma sella ingleza » ja comparação do segundo termo da proposição, seria bastante para afastal-o da carreira, se ja não bastassem, essa aflicção que elle havia tomado ao estudo em vida de seus pais, e essa perspicacia superior pue se acquire nos livros e na observação das cousas deste mundo.

Contentai-vos com essas ligeiras informações sobre Alberto, e procuraí saber no decurso desta historia, prestando-me attenção, factos que o caracterisam, accões que o pintam melhor do que eu. Assim ficará completo o retrato e a minha consciencia satisfeita.

Estavamos ambos em face um do outro: Alberto deitado, aspirando as fumacas de um *chibouque*, com esse recolhimento que especialisa os amadores do tabaco, com essa expressão de beatitude que so tenho encontrado n'elle.

A chuva continuava a calir e o silencio nos opprimia a ambos, mas corriam no ar tantas cousas a diser-se e a ouvir-se, que, uma vez quebrado o silencio, a conversação iria muito longe. Foi Alberto o primeiro que fallou, movido por uma razão poderosa: e que o fumo se havia acabado poucos instantes antes, e o fumador cinza da fornalina extipeta.

O criado trouxe luz e renovou o fumo no *chibouque*: Alberto me perguntou com a cara mais seria deste mundo se realmente as mulheres eram de facto o que se diz d'ellas.

Foi muito de proposito e caso pensado que eu não vos fallei em mulher quando vos apresentei o meu amigo; porque nunca poderia conseguir, por mais que escrevesse o que fallasse, dar-vos a perceber sequer a maneira original por que elle pensa a semelhante respeito.

Alberto, quando mais moço, inventou para seu uso exclusivo uma creatura ideal, de que não ha na terra o modelo, e que elle gravou n'alma como typo da mulher que deveria amar. A mulher, como elle imaginou é impossivel; seria preciso tocar-se na organização do ser, e como esse acto implicaria uma nova creação, o meu amigo pôde diser adeus á mulher que se ama com esse sentimento intenso que se qualificou de « primeiro e ultimo » na vida. Assim Alberto nunca *amou*; tem vivendo apenas curioso das mulheres, em vez de amoroso, resignando-se á

louca esperança de encontrar um dia ou outro a mulher de seus sonhos.

— Que loucura, meu amigo Alberto! Aceitai o mundo, os homens e as mulheres como elles realmente são, e não procureis o impossível. Montaigne, que intendeu um pouco deste melhor dos mundos, onde tu e eu tivemos a honra de nascer, aconselha-nos a aceitar a sociedade, como ella se nos apresenta. Segue o aviso desse bom velho, o entrega-te sem receio aos incantos de amar alguma dama que te tenha commovido; segue o teu caminho: não pares detido pelas sorcas da duvida — e ama.

Poi assim mais ou menos que eu respondi a Alberto, que continuava a fumar placida e tranquilamente com a cabeça envolta em nuvens de fumaça.

O silencio não podia durar por muito tempo, que Alberto, dado o primeiro impulso á conversação, não a deixaria empalidecer, principalmente quando aquella cabeça revolia em seu seio pensamentos e idéas sobre mulheres. Outro qualquer não deixaria passar desaperccebida a occasião, porque a mulher hade ser sempre o assumpto menos conhecido e menos estudado. Não ha meio termo, escreve Chamfort — ou conhecêl-as ou amal-as. O melhor caminho para conhecêl-as, será talvez amal-as; mas Alberto assim não entendia, e para amal-as procurava conhecêl-as primeiro. Triste sistema e ainda mais triste resultado! Arriscava-se a correr atraz de sombras, — em busca sempre de uma mulher, que não existia senão em algum romance de cavalleria.

Mas o que sobretudo em Alberto a afastava um pouco do caminho commum, do coração feminino, era a espirito da analyse, que elle applicava ás menores accções, aos mais ligeiros movimentos e phrasas, e inda mais essa sagacidade de que era dotado, de ter a alma nas feições do rosto, e o coração no brilho dos olhos.

Em amor é preciso enganar-n'o-nos um pouco a nós mesmos, se queremos que elle tenha duração. O primeiro desengano, é o primeiro passo para renunciar-mos a elle, — Alberto procedia de um modo contrario, e veréis no capitulo seguinte, como o meu amigo inda mesmo no seio do amor, e desfolhando as suas flores mais brancas e perfumosas, procurava levar a luz da analyse, ao coração do amante. — Ouvi-o.

(Continua).

E. de Vasconcellos.

A FILHA DO MARINHEIRO

A senhora de la Preslay não era feliz, porque tendo o procedimento mais cortez para com seu marido, o barão a desprezava completamente, o que a ferio a principio na sua ternura, depois tambem nos seus intereses:

a vida de dissipação e o jogo, ao qual elle se entregava, compromettiam a cada instante sua fortuna, deixando a merecê de uma mulher frívola ou de uma carta fatal seu futuro. E o de Marcello, seu filho unico, então no collegio, por isso olhou ella, não somente como uma distração; porem ainda como uma felicidade, para sua casa, desherdada de alegria e de ternura, a vinda deste innocente ser que lhe tinha concedido a Providencia.

Grande numero de annos decorreram sem que nenhum acontecimento viesse mudar este estado de cousas; o barão continuava sua vida frívola, Marcello, seus estudos e Clotilde, cujo pai não tinha apparecido, crescia sob os olhos de sua benfeitora, que se tinha habituado a olhar-a como sua filha, e dando-lhe toda a educação que era-lhe dado receber em semelhante circumstancia; porem um dia tudo mudou de face, e o Sr. de la Preslay, com os olhos arrasados de lagrimas, veio annunciar a sua mulher que toda a sua fortuna estava perdida, e que não lhes restava por unico recurso senão uma pequena herdade na Normandia para onde era preciso partir immediatamente.

A baroneza não derigio recriminação alguma a seu culpado esposo, e ajudada de Clotilde, da idade de 16 annos, então, fez os preparativos necessarios afim de deixar para sempre Paris. O Sr. de la Preslay e Marcello asseguraram resignando-se ambos ao exilio; um pelo remorso; o outro por orgulho; a ruina de sua familia não lhe permittia mais, dizia este ultimo, ter nemundo a dignidade que seu nome e seu titulo lhes davam o direito de occupar. Pouco tempo depois da instalação da familia la Preslay em seu domicilio, o pai de Clotilde chegou de suas longas e longinquas viagens com a bolsa bem guardada; acompanhado de seu irmão, tambem marinheiro, que com elle tinha partido, e enregelado da mesma sorte, vinha reclamar sua filha. A baroneza, com o coração despedaçado de dor, os olhos cheios de lagrimas que procurava inutilmente reter, queria-lhe entregar Clotilde, mas esta recusou deixar sua benfeitora, e, não obstante a cohera do marinheiro, que ameaçava desherdál-a, preferio a miseria com aquella a quem devia mais que a vida, a opulencia com aquelle que não se deu a conhecer senão como um senhor irritado e exigente.

Os dois irmãos, furiosos, juraram então se vingar dessa recusa cazando-se cada um a sua vontade e deixando toda sua fortuna as suas novas companheiras; porem logo de se assustar por esta ameaça, a pobre Clotilde, depois de lhes ter pedido perdão de joelhos por lhes haver desobedeccido assim, persistio em sua recusa; e mostrou n'isto uma coragem admiravel, porque a infeliz menina já conhecia verdadeiramente a dor: a Sra. de la Preslay, exasperada pelo soffrimento, tornava-se cada dia mais injusta e exigente para com ella: o barão a tratava duramente, e Marcello com toda a familiaridade protectora que se concede a uma criada gentil, pois que agora já a pobre menina não occupava outro lugar entre elles.

Emquanto ella soffria assim, seu pai e seu tio, que tinham comprado um bello dominio na vizinhança da pobre casa, viviam como abastados,

desprezando com soberba, não somente a família la Preslay, mas ainda a triste Clotilde, que tinha infinitamente tentado vê-los para enternecê-los, pois que as ordens as mais severas tinham sido dadas para impedil-a de penetrar até juntos delles.

Tu virás a nossa caza para sempre ou nunca. Elle tinha dito seu pai.

E ella tinha comprehendido que esta ordem era sem replica.

Uma noite, o vento soprava com força, a chuva cahia em rajadas fazendo gemer sob suas pancadas as altas janellas da sala onde, sentados diante de um bom fogo, dous homens trigueiros, de talhe quadrado, formas athleticas, conversavam em face de muitas garrafas postas sobre uma meza, as quaes quasi todas vazias, mostravam que a conversação tinha já sido longa e animada.

E eu te affirmo, disse de repente um d'elles dando com a mão uma forte pancada sobre a meza, de modo a fazersaltar todas as garrafas, que es um desmazelado, e que se eu fosse, como tu, o pai de tua filha ha muito tempo já a teria aqui.

E depois? disse laconicamente o outro marinhoeiro escarrando sobre os lições, e virando outro copasio.

Depois! depois!... pois bem! ella estaria aqui, e nós não nos acharíamos mais sempre sós como velhos ratos no fundo do porão.

Apenas essas palavras foram pronunciadas, passos rapidos se fizeram ouvir, e a porta abrindo-se bruscamente, Clotilde, com os vestidos sujos de lama, os cabellos alagados de chuva, precipitou-se aos joelhos de seu pai, exclamando:

— Eis-me aqui!... soccorrei-os, e eu sou vossa para sempre!..

O marinhoeiro, surprehendido por esta appareição que acreditou um momento sobre natural, recuou a principio estupefacto; depois, reconhecendo sua filha, levantou-a, e, indeciso entre a ternura e a frieza, a fez sentar a seu lado, e elle perguntou docemente o que queria d'elle.

— Eu quero que salveis meus benfeitores, que estão perdidos senão os ajudares, disse ella deixando romper seus solacos, vós o deveis, meu pai, não somente por mim, mais sobretudo por aquella que tanto amaste, e que do alto céo, sua morada, vos implora por minha voz.

E fallando assim, a nobre moça elevava sobre seu pai seus bellos olhos cheios de lagrimas.

O homem do povo é naturalmente bom, e nelle o amor paternal é um dos primeiros sentimentos desenvolvido pela natureza. Tanto o honesto marinhoeiro se sentio vencido por este olhar e por esse pedido, que tomando sua filha entre os braços, a apertou ternamente sobre o coração, promettendo-lhe obedecer em tudo, se ella quizesse se obrigar a não deixal-o mais.

(Continua.)

D. M. J. H. Fidal.

O AMOR.

PAGINAS DE UM ALBUM. (*)

Tirai do mundo a mulher e a ambição desaparecerá de todas as almas generosas. — Realidade, ou desejo incerto, o amor é o elemento primitivo da actividade interior; é a causa, o fim e o resumo de todos os affectos humanos.

A. HERCULANO.

O amor é um dos mais pobres sentimentos que florescem no amago dos corações; é o germin fecundo de sublimadas virtudes; é o quadro encantador onde se desenham os mais bellos epizodios da vida; chamma celeste, que purifica os ternos peitos; delicioso alimento das almas innocentes; fonte perenne de infinitos bens e de infinitos males.

O amor, nasce sempre com um rubor, com um sorriso, com um volver de olhos, com um « não sei que » tão expressivo em sua mulez, como o mais eloquente pensamento.

O primeiro amor, pertence mais ao céu, que à terra: tem mais de divino, que de humano. É puro, como a flôr que desabroxa na campina: doce, como um favo de mel das abelhas do Hymetto; ou como um suspiro que foge do coração: terno como o sorriso que brinca nos labios da innocencia; ou como as caricias de duas pombinhas que se aproximam, se afagam e se beijam... sublime como os lindos sonhos que doiram a imaginação do poeta; sagrado, finalmente, como um pensamento de Deus!

O amor, pôde derivar-se da amizade como esta deriva-se da sympathia, sendo porém, mais sublime que aquella, é mais constante que esta.

O amor, é extravagante, por natureza; exigente, por capricho; temerario, por irreflexão; ancioso, por despeito; orgulhoso por vaidade; tyranno por vingança; as vezes, mau sem intenção; culpado, sendo innocente! Em tudo, deseja ser obedecido, e a ninguém obedece; decreta leis, e a ellas não se sujeita; avaro de gozos, delles jamais se farta!... O seu Deus, as suas crencas, os seus sentimentos, as suas affeições, as suas alegrias, as suas tristezas, tudo encerra-se dentro do coração, que responde com um palpar, o palpar do seu: com um gemido, o gemer do seu; com um suspiro o suspirar do seu!

O amor, é sempre egoista e insaciavel, não se contenta com pequenas concessões; só na posse do objecto amado, é que existe o complemento da sua felicidade.

O amor, surge em toda a parte: ora risonho, como a imagem da esperanza, ou como a face da innocencia, ora triste, como o espectro do

(*) Pedimos desculpa á illustrada redacção do *Correio Paulistano*, e ao Illm. Sr. Reis pela reproducção deste artigo. Apesar de inimigos capitaes das — copias — temos muito prazer em offerecer a nossos leitores trabalhos tão mimosos como este.

desespero, ou como a sombra dos cyprestes que se debruçam sobre os tumulos: ora ameaçador como a espada de Damocles: raivoso como a Hyena que escapou da jaula; terrível, como o raio, que riscando o espaço, derrama a destruição e a morte, de envolta com os ais da afflicção, e o pranto do desespero!

Este sentimento do coração humano, a que damos o doce nome de «amor» cuja fonte é a amizade, foi completamente desconhecido na antiguidade (como affirmam varios escriptores,) e deve o seu aperfeiçoamento moral, ao christianismo, que purificando as tendencias do coração, o espiritualizou, tornando assim uma paixão christã que recebe a sagrada sanctação junto ao altar da Divindade.

O amor à semelhança do microscópio, exagera sempre ou a grandeza de sua felicidade, ou a intensidade dos seus males: Caprichoso, metamorphosêa a fealdade em belleza! Uma vez engrinalda-se com as flôres da ventura; outras vezes cobre-se com o manto do desespero, e alaga-se em um mar de lagrimas!

O amor, não teme as difficuldades, não receia os obstaculos; não mede as distancias, não vacilla ante o perigo; pelo contrario como que o apetece, como que o procura. Não lhe apraz cantar victoria sem lutar, e portanto elle torna-se cada vez mais forte e por isso mais intrepido, cada vez mais sincero, e por isso mais sublime! E' assim que «Leandro» ao ver scintillar os raios da luz signal dado pela sua adorada «Héro,» só por vê-la precipita-se no Hellesponto, e depois de lutar longo tempo contra as fúrias do elemento enraivecido, o atravessa a nado, rompendo afinal, suas carnes de encontro ás aguçadas pontas dos rochedos; ficando seu corpo insepulto sobre as areás da praia!...


O amor, (diz o eloquente Massillon) nos occupa, nos domina, nos embriaga; encontramol-o por toda a parte, tudo nos representa a sua imagem, tudo desperta em nós injustos desejos; o mundo, a solidão, a esperança, a ausencia, os objectos os mais indifferentes, as occupações as mais serias, os mysterios terriveis o recordam.

O amor, é uma necessidade do espirito humano, é a móla real das nossas accções, é um tributo a que estão sujeitos todos os corações. Na phrase de Lamartine «o homem é de tal modo, creado para o amor, que não se reconhece homem, senão do dia em que tem consciencia de amar completamente. Até então, procura, inquieta-se, agita-se, erra em seus pensamentos. Desde este momento para, descança, está no essencial de seu destino.»

O passaro ama o verde ramo onde construe o seu ninho, a flôr ama a brisa que lhe furta beijos, o cysne ama a lympida fonte em que se banha, o nauta ama o bello céu da sua patria, a natureza inteira é uma harpa melodiosa entoando hymnos de amor que resoam pelas abobadas celestes, hindo expirar junto ao throno da Divindade!

(Continua.)

M. M. dos Reis.



A ESPERANÇA.

FOLHA SOLTA.

A esperança é o lenitivo da alma !... sem ella o homem morreria de desgostos e pesares no meio desta procella tormentosa a que se chama vida, a esperança consola e reanima o coração ao descer de toda a felicidade. Ella é o ímã que nos atrahê a vida quando temos esgotado o calix de fel e desejamos despolar-nos do manto dos prazeres para dormirmos o tranquillo somno da morte !..

O soldado, pobre ente sobre a terra que só sabe gemer e carregar o peso do madeiro de um destino cruel e mau, e que sujeitando-se aos preconceitos mais brutos e ingratos da sociedade o obriga a uma eterna obediência e a uma vida sempre triste e miseravel, inda assim é feliz, e orgulhoso porque tem esse doce mel que embriaga a existencia, elle tem *esperança* em seu futuro... e seus dias são felizes... e elle é contente... por entre o fumo negro da batalha vê ao perder as ultimas forças, o semblante doce da patria que lhe sorri, e o *esperaço* della, apercebe essa meiga esperança que o reanima e que o torna rei entre os povos da terra !..

A *esperança* é a *crença* forte que faz virtuoso e bom, que converte o coração enrijelado do assassino que luto de sangue frio e cre na *esperança* de um arrependimento prompto e suave....

Quando ausentes da terra aonde fora desabrochada a flor de nossa existencia, e separados d'aquella mãe, que nos ensinou a dar os primeiros passos, que nos cobrio com seus doces beijos, quando separados de nossos irmãos, e que num lugar solitario contemplamos a paeza do outro céu, a cor de outras flores, o ruido de outro mar e o som de outras cantigas, nosso coração se engolfando numa terra o doce saudade, e em nossas palpebras paira uma lagrima triste e saudosa, nossa alma é melancolica e lamenta os sonhos de outra era, os brancos da infancia, e a innocencia de um outro tempo, nos soffremos muito; muito, porém entre estes pensamentos agitados, por entre estes suspiros d'alma nem um sentimento fero e suave, como a gota de orvalho que se desliza sobre a folha da violeta e a faz reviver, esse mel faz o coração palpar de alegria, nossa alma se desprendo do manto da tristeza e da dor, e se eleva embalsada pela doce rede da felicidade, intimamente nos enchemos de satisfação, e a *esperança* torna, suave e meiga, como o som agradável de uma harpa portando ao longe o silencio da noite, vem se depositar em nosso coração, já murche pela miseria !... e pela dor ! !... .

A *vingem* casta e pura que sente andar em seu peito esse fogo sublime do amor e que vê ir em-se finando seus sonhos dorados, distante do homem que a fez soffrer muito, se com esse sentimento, é firme e inabalavel; qual a rocha que recebe as ondas furiosas do mar e que soberba e firme se conserva serena, assim a donzella reconcentrada com o seu amor, re-

cebe os combates de uma sociedade falsa e illusoria, repelle esses elogios mentirosos e constantes, e com a *esperança* unica companheira cre na volta do amante !...

Uma mãe que debruçada sobre o leito de dor de seu filhinho, ouve seus ternos suspiros, que o vê, coitadinho, gemer mui triste, seos olhos já moribundos, e sua alma prestes a voar aos céos, ella sente o frio suor de seu filho banhar-lhe a fronte, perem com a *esperança* nos labios, no coração e no pensamento, espera ver abrir os labios do semi-morto, e seus dias tornarem-se n'um quadro de ventura para ella : essa mãe, não desanima, espera, e espera feliz... porque esse raio da omnipotencia de Deos vem aquecer seu coração ja frio....

A *esperança* é o sentimento mais doce do coração..... Sem ella o que seria da humanidade ?.....

A *esperança*, é como o doce ciciar da brisa que vem embalar e florescer as tristes folhas do lyrio do valle !...

J. Montenegro.

ESTATUA DA VIDA

Estatua inerte, insensivel, calma

Mimoso corpo, não conhece a vida,

Pallida estrella que brilhar não sabe,

Perola santa, para os ceos perdida.

Jardim sem flores, sem perfume, secco

Lodosa argilla, desprezível pó,

Orgulho inutil, sentimento morto,

Gollado peito, não conserva dó,

Formosa e linda, alabastrina Venus

E muda e fria, nem um riso tem,

Alma do marmor, sem fé, sacrilega

Aos ceos, prendel-a nem um sorho vem

Altar sem culto, sem amor, sem idolos

Religião sem crentes, muda esta

Sacrario augusto, *esperança* morta

Nem um suspiro, o coração lhe dá.

Vaso esculpido de valor sublime

Que doce orvalho não colheo do ceo

Bello horisonte, mas sem luz, sem brilho

Sempre escondido por funereo véo.

Adormecido, sepulchral archanjo,

Celeste aroma — Nem a Deos orou,

Apenas folhas — desbetada rosa,

Sem ter amor seu coração ficou.

PHISICA.

BREVE ESTUDO SOBRE O ECHO.

Chama-se *echo* o resultado da reflexão do som quando encontra um obstaculo grande e allastado.

O ponto em que o som se produz é o *centro phonetico* (do grego *pho-ne*, voz), e o ponto em que elle se reflecte é o *centro phonocampico* (do grego *campio* reflectir).

A velocidade do echo é igual a do som directo e a intensidade do som não depende senão do caminho percorrido.

O tempo que decorre desde a producção do som ate a sua repetição é de 2 segundos, se o obstaculo estiver a 340 metros, ou 133 braças do centro phonetico; isto é: é necessario 1 segundo para a ida e 1 para a volta.

Se o obstaculo estiver a uma distancia menor de 17 metros ou 8 braças, o tempo que mediará entre o som directo e o som reflectido será menor do que 0,1 de segundo, e não será possivel distinguil-os um do outro, por se confundirem. Se a distancia for exactamente de 17 metros, ouvir-se-ha somente a ultima syllaba e o echo será *monosyllabico*. Lendo distancia entre os dois centros, 2, 3 ou mais vezes 17 metros, o echo será *bysyllabico*, *trisyllabico*, etc.

Os lugares os mais favoraveis para a producção de um echo, são: as cavernas, as passagens longas e tortuosas, as grutas, os muros, os rochedos, as neves de uma cathedral. Pode tambem produzir-se contra uma massa de folhagem e mesmo contra as nuvens, de por isso que ouvimos muitas vezes, depois de um tiro de canhão, um estroendo semelhante ao do trovão, provem em parte da reflexão do som sobre as nuvens, porque nota-se esse phenomeno somente quando ellas existem.

Nas grutas e cavernas as ondas sonoras não podendo penetrar, são reenviadas por ellas.

Não se observa-se a formação de echos perfectos sobre as velas de um navio allastado, quando ellas estão bem estendidas.

Em uma sala ou quarto parece não haver echo; é engano, elle forma-se; mas, como tem lugar em um recinto fechado, de pequena extensão, não pode ser notado porque, como já dissemos, confunde-se com o som primitivo. Comtudo, se a sala ou quarto estiver vazio, vê-se que o som fica sensivelmente reforçado.

Os Architectos costumam formar echos artificiaes em edificios como theatros, igrejas etc., dando ás abobadas certas formas determinadas.

Chamam-se *échos multiples* aquelles em que os obstaculos sendo collocados convenientemente, o som reflecte-se 2, 3, 4 ou mais vezes.

O som reflecte-se segundo as mesmas duas leis da luz e do colorico, muito conhecidos.

O *écho* propaga-se a maiores distancias durante a noite do que durante o dia; isso tem lugar por 2 causas: 1.^a porque o ar atmosphérico, é mais denso a noite do que de dia; 2.^a, porque conforme Mr. de Humboldt, o calor do sol produzindo uma desigualdade de temperatura determina uma porção de correntes ascendentes e descendentes, que rompem as ondas sonoras.

Entre os *échos* mais notaveis, tanto naturaes como artificiaes, contam-se os seguintes:

O *écho* de Nancy que repete distinctamente um verso alexandrino inteiro.

No lago de Killarney ha um que transmite a ultima parte de uma aria, tocada em piston.

O *écho* de Woodstock na Inglaterra que repete até 17 syllabas durante o dia e 20 durante a noite.

O do castello de Simoneta, proximo a Milão, que transmite um som até 40 vezes.

A 3 leguas de Verdun existem duas grandes torres afastadas entre si de 27 bracas e dispostas de tal modo, que produzindo-se um som na linha que as une, esse som repete-se 12 ou 13 vezes, enfraquecendo-se gradualmente.

No Conservatorio das artes e officios em Paris, existe uma sala quadrada, de aboboda, na qual observa-se um phenomeno notavel: duas pessoas collocadas nos 2 angulos oppostos, podem entreter uma conversação em voz baixa, sem que seja ouvida pelas pessoas que estiverem no intervallo que as separa.

Porem, de todos os *échos*, o mais extraordinario era sem duvida o do castello de Rosneath, a 6 leguas de Glasgow, que repetia uma aria simples, perfeitamente; quando o 1.^o *écho* terminava, um 2.^o o repetia, depois um 3.^o, e assim por diante até extinguir-se completamente o som.

M. Saurio.

REVISTA THEATRAL.

Pobre em novidades theatraes foi esta semana, e pouco tenho que dizer.

Uma das principaes curiosidades foi o beneficio do cego Morando, que teve lugar em 8. Janeiro no dia 14 com o drama *Pedro*. Apesar da belleza d'essa composicao, reforcada com a interessante e espirituosa scena comica do Sr. Magalhaes — *O caloleiro em calças pardas* — e da engracada comedia — *Zuavos* — que tantos applausos tem merecido do nosso publico, triste e descontente estava o beneficiado, a quem se antolhava a perspectiva de magrissima receita, sufficiente apenas para os gastos de illuminacao, musica, cartazes, etc. etc. Estavam as cousas n'este ponto, e dava o beneficiado tractos a imaginacao para ver de que maneira poderia sair airosoamente d'este apuro: era um problema de difficil resolucao!... Finalmente, depois de longo scismar, dá um salto da cadeira exclamando: *Eureka!... Eureka!... achei... achei!*... e a seu rosto, ha pouco tão carregado, assomam signaes de alegria e satisfaccão.

Qual segue a noite o dia, a luz ás trevas

Em seguida faz-se conduzir a typographia, e lá declara querer accrescentar um appendice ao annuncio do seu spectaculo. *Outra farça ou scena comica, talvez!*, perguntam-lhe. *Não!*... *Declare que a officialidade da canhoneira pertence a Barão de Lazarim irá assistir ao meu beneficio.* Fez-se o annuncio, e o resultado correspondeu á sua expectativa, dando-lhe quasi uma enchente; mas se foi feliz a lembrança, foi de certo de mau gosto; emfim

Audaces fortuna juvat

No dia 16 trabalharam no mesmo theatro o artista Pesenti e sua familia. Apesar da pericia que desenvolveram, das interessantes series que apresentaram, a concorrência foi quasi nenhuma. Recentes ainda foram as proezas do Love, e o publico recebeu com segredo logro; mas n'esse caso não está o Sr. Pesenti, artista consciencioso, perito na sua arte, o que carregado de familia, torna-se merecedor da protecção do publico.

O Gymnasio nemontou a *Actriz Hebræa* composicao de problematico merecimento, e da qual nada direi por já ser muito conhecida.

O theatro do Sr. Pedro não apresentou coisa alguma nova. Annunciou-se o beneficio do Sr. Simões com *Trabalho e honra*, imitacao da comedia franceza — *Les crochets du pere Martin* — uma scena comica, e a comedia *Trabalho e ventura* e aas foi transferido por molestia do mesmo Sr.; portanto ao no proximo numero poderel-lhe conta do seu desempenho.

João Lillo.

ANTES E DEPOIS

NOVELLA

Continuação

IV

Balzac, continuou Alberto, escreveu uma phrase dolorosa sobre as mulheres de provincias; assim ella é tão incompleta como desanimadora. E' a seguinte: Em Paris existem muitas especies de mulheres—ha a mulher do consul e a embaixadora, a duqueza e a mulher do financeiro, a mulher do ministro, que é ministro, e do ministro que já o não é; ha a mulher *comme il faut* da margem direita, e a da margem esquerda do Sena; mas em provincia não ha senão uma mulher, e essa pobre mulher é a mulher de provincia!

Balzac excluo a mulher, que por natureza, aspira a uma esphera mais larga, e como que sente em si e se preza nas conveniencias estreitas e nos laços apertados da sociedade provinciana. Antonieta era uma destas ultimas mulheres. Distingua-se-lhe nas maneiras, na linguagem, na leitura de seus livros, a mulher que está deslocada do mundo que lhe é proprio. O seu constrangimento era o resultado de habitos adquiridos sem meio d'outra gente, ou desses dotes, que realçam a formosura d'uma mulher, mas que se alcançam depois de longa pratica da sociedade elegante e civilisada.

Pela primeira vez, auxiliado por uma carta de recommendação, eu entrei na chácara do pai de Antonieta. Era tarde; o arvoredo murmurava ao sopro do vento; a noite annunciava-se fria; ella passeava só com sua mãe. Fui recebido na auzencia de seu pai com aquella cordialidade, e um não sei que de curiosidade, com que em geral são recebidos todos os rapazes da corte. Antonieta, teve para mim as maneiras mais distinctas, serviu-se da sua linguagem mais escolhida e descobri nella um certo orgulho, de quem se sente bastante grande em si para dispensar o mundo, e que o regolta nas pessoas, que a vão ver, mostrando-lhes uma superioridade affectada e sustentada.

ANTES E DEPOIS

NOVELLA

Continuação

II.

— Meu amigo, dizia Alberto, o amor é, na minha muito humilde opinião, o sentimento, a paixão que mais escapa a análise, a observação. A variedade de seus phenomenos, a diversidade de maneiras de que elle se serve para mostrar-se, as originalidades, que elle apresenta tornam-no um objecto seductor para todos aquelles, que procuram ver mais do que a superficie das cousas, e estudar os effeitos na natureza das causas. — Mas as difficuldades para o observador crescem ao mesmo tempo com a variedade de factos e de ideas, de que o assumpto se torna gerador. O que acabo de dizer-te é o que faz o desespero de todos estes desgraçados, que nasceram com uma dose tal d'espírito de analyse, que depois de terem-se acostumado a analysar tudo, acabam por analysar as suas proprias impressões e por discutir consigo mesmo o valor de suas emoções: — de que devia ser quando muito um estudo puramente moral, estes fazem um objecto de pesquisas physiologicas, e citam Beaumont e Cabanis, quando Lamartine seria bastante. Não sei, meu amigo, se chegarei algum dia a este triste resultado, que observo e copiarei nos outros, mas o que posso affirmar é que esta talha mania (podemos-lhe o termo) de tudo dissecar me tem privado do amor, como é este geralmente conhecido e fallado. Não me venhas, meu caro, de lavoura, não me elucubres de outro qualquer qualificativo mais ou menos para dar a entender certa classe de rapazes, que nada conhecendo — nem grandes desgraças, nem grandes felicidades — deste mundo, pegam-se ventado, por certas leituras e depois de certas narrações, que os ensinam com o direito de não esperarem e quer que seja da sociedade, e a condemnar em nome de prejuizos, cada acção não se chocaram, em nome de injusticias, que não soffreram, porque ainda nas portas do mundo, deixaram-se assallar por esses terrores, que não eram reaes, tão nos livros, que decoraram, ou nas sociedades phantasticas, que as suas cabeças em delirio sonharam uma noite ou outra.... Não: não sou do

desenhavam mais no que viam, do que viam aquillo, que aconteciam, fizeram a allegoria do amor, figurando-o n'uma criança gozando de um poder mais forte do que Alceide, que por uma vez sentiu a fraqueza na presença das crianças. Para os philosophos que resalta das allegorias, e sem as obrigados a dar-lhe razão.

— Nem amarei nunca, como Julgas, porque quando se tem chegado a minha idade, illeso das paixões dessa ordem, o passado serve de garantia ao futuro.

— E na tua idade, que se começa... Até então, souba-se muito, mas o amor não souba tanto — Meu amigo, nunca te fiz sabedor de um dos acontecimentos, que me consumiram alguns annos, de que sinto falta, e que vieram confirmar-me a opinião de que o amor nem sempre consegue triumphar de todos — E' ainda uma pagina de amoroso, que te vou ler.

(Continua)

E. de Vasconcellos

O AMOR.

PAGINAS DE UM ALBUM

(Continuação)

Se não amei, não existiriam tolmas, os edipos, romulos do Goethe, Sallustio, Tasso, Dante e Camões, os diuizos sublimas de Ilacete, Malra e Voltaire e os hesperos, os principos mágicos de Leconte de Lisle, Hugo, Chateaubriand, e Garrett, os quadros imortaes de Rubens, Avelar, Angelini, Raphael e Aristides, as estatuas primorosas de Praxiteles, e Polideto.

O amor, é a fonte sagrada onde o poeta vai beber as mais bellas inspirações, é a voz do ceo que murmura em seus ouvidos os mais doces acordes, é o anjo que o conduz pela mão fazendo-o sobrear as folhas que revestem as arvores, na relva que maliza os campos, na flor que embeleza o prado, nos cantos que as aves soltam, no riso que desprende a aurora, os mais reconhecidos mysterios da criação — traduzidos em linguagem mais

delici que illumina, e que exprime os mais bellos sentimentos da sua alma ao choia da vida, de crenças e de enthusiasmo!

O amor, é o livro monumental, onde o Dramaturgo vai esculdo a existencia, contener os costumes, e julgar da condicão dos povos, para ao depois de dar vida e colorir estes quadros com os labios brilhantes da sua imaginação, apresentar os ao olhos postumos da humanidade horridos com o celtaste orvalho da mais sa moral; apondo o simulacro da virtude, que o altar do posterioridade cinge a frente com uma aureola de gloria, e o capoteo de crime, que voante sobre os enrugamentos dos degraos de um criminal, indo van receber, des mais do algar, a justa punição que lhe é reservada.

O amor, é o luz que illumina o pensamento do romancista, quando penetra no nimenso labirinto das paixões, pateando-lhe o sequeario das paixões, onde elle vai encantar os episodios mais locantes, as scenas mais encantadoras, os colloquios mais ternos, as descripções mais engenhosas, e que reúnem-se como em um só grupo, formando um verdadeiro typo de belleza!

O amor, é o original, donde o pintor copia as formas mais bellas e graciosas, as feições mais poeticas e seductoras; as posições mais ternas e cheias de volupia; cujos quadros se apresentam reflectos de vida e perfeição, apenas com alguns traços de seu tremendo pincel; e se moldam com os raios fugitivos do sol, divina inspiração, impregnada dos elevados sentimentos do bello e do sublime!

O amor finalmente, é o genio invizível, que auxilia a mão do escultor, a esculpor no bronze os seus marabes, o brazão da virgindade, que atravessando as brumas dos seculos como um talisman sagrado, deve inspirar a futuras gerações, um nobre respeito a liberdade da divindade na terra, como um testemunho relativo de que a natureza sera sempre o respeito e a homenagem; ao passo que o vicio existira coberto de odios e maldades.

O amor, (diz um escriptor) não é senão um poeto luminoso, mas este poeto não se esgota!

O amor, é o archivo, que dispensando as regras da grammatica ehebraica e hebraica da sabedoria, com seus raios! É o amor, que os uns, quasi ligas, como os antigos romanos, mudam de laureo e Petrarca, Lauro e Tasso, Boccaccio e Dante, Boccaccio e Boccaccio, Marullo e Boccaccio. É o amor o solo, onde se encontra o quadro da mais magnificência do bem e do mal! É o amor quem inspira ao escriptor, os mais sublimes segos de elegancia e de sentimento, que de outro modo jamais lhe cabiam de bico de penna. Amor em amor — virgem de alma e corpo — (diz um litterato moderno,) contemplar os devotos legados de uma belleza que se ignora, toda virgindade da paixão; olhar dentro d'alma um raso dequelle amor que se ignora, e pedir ao seo para animar a sua fantasia, haber as primeiras legiões de um primeiro affecto, devorar as primeiras adorações de um

sentimento, que accorda novo o singelo, não é por assim dizer, realisar a mais intima e inebriante felicidade da vida?

Quando o amor se apodera do coração do homem, torna-se este capaz das maiores acções, assim como dos maiores crimes. — Elle já não vive então somente para si, mas também para o ente querido, com quem reparte as doçuras dos seus affeitos, e que o segue por toda parte, como a sombra segue o corpo.

Já não lhe são indifferentes ao ouvido, o som ruidoso da cascata, que reboando por entre immensas pedras, se precipita do alto, formando alvissimos frocos de espuma, que se extinguem e se renovam com a rapidez do pensamento. Já descobre uma doce melancolia nos raios da lua que se alufao no crystal da fonte; já sente delicias ao respirar o delicado perfume da borinhalva que se mira no agitado espelho do lago; já curva-se com interesse, para ouvir a mudoa canção que o mar arreMESSOU com despreso sobre a fina areia da praia! É a colubinha que cedeMUNHA no ar, o passarinho que descansa seus ternos ampres a sombra do arvoredo, a borboleta que estremece nos ares com suas azas de ouro em suave nêjo, a rolinha que geme com saudade da amante. . . . são para elle vozes de enlevo e de leraMCA, que vão misturar-se, confundir-se com os doces arrouhos do seu coração!

Então transbordando o vazo do seu peito em ondas de melancolica poesia, seus labios modulam difficissimos hymnos de amores, canções como que se traduz em alguns pobres versos, que são apenas o resultado dessa embriaguez do espirito, desse ardor febricitante que mais sabemos sentir do que narrar, porque os labios não acham expressões para fazel-o e a penna recusa-se a obedecer-nos. — « Escreve acaso o vento o que canta nas folhas sonoras sobre nossas cabeças? (dizia Rafael); O mar escreve o gemido de seus prais? Nada do que está escripto a bello. O que ha de mais divino no coração do homem, jamais delle sabe. O instrumento é de carne, de fogo a nota. Entre o que se sente e o que se exprime, ha a mesma distancia que entre a alma e as vinte e quatro letras do alphabeto. Isto é, o infinito! Como representar n'uma trilha de canna a harmonia das espheras? » Realmente que é assim. So o coração pode comprehender o que se passa no intimo de outro coração.

(Continua)

M. M. da Silva



A FILHA DO MARINHEIRO

Continuação

Clotilde promettera: e depois de ter recebido tambem o herdeiro e as cartas de seu boi, contou aos dois marinheiros, como tinha sido aduado pela sua de la Preslay, e contou do modo mais tocante os cuidados affectuosos de sua memoria para sua mãe, luctos na educação que tinha recebido, da fortuna que tinha encontrado: depois disse a condessa, a filha do Sr. de la Preslay, o modo pelo qual toda sua fortuna tinha sido consummellida, confessou que, não obstante suas promessas de casamento, o barão tinha continuado a captivar a herdeira, ommittindo que os herdeiros de la Preslay apresentando em casa para intimar que se casaria em quatro horas, uma somma de 40.000 francos não fosse paga, tudo seria vendido e os habitantes expulsos.

— Pois ham, meu pai, sou rico assim me dissastes: dai este dinheiro que eu preciso, elle sera meu dote: e eu ficarei sempre junto de vos sem me casar nunca, disse a generosa menina depois de ter acabado sua narração.

Com mais força ao seu pedido, passou os braços em torno do seu pai, e deu-lhe um doce beijo.

— Tu facas o que quizeres, pequena, disse o bom marinheiro deixando de lado as suas tres machetas e suas grossas e bellhantes botinas, mas porque queres ficar solteira? agitou elle o seu cinto: ha ainda milhares de outros rapazes no paiz, de mais, dizel-me, esta senhora não tem dinheiro?

— Não, respondeu Clotilde, tornou-se vermelha como uma cereja e sorriu para o pai e o irmão.

— Isso e boa! disse elle, piscando os olhos e enchendo um copo de vinho, apresentou um igual a seu irmão: a tua saúde! disse, e tranquillisa-te pequena porque tudo andara melhor do que pensas.

E os dois marinheiros viraram seus copos.

Agora abraça-nos, fica tranquilla, volta para baixo, e se silenciosa como um corralho, amanha, teras novas minhas.

Efectivamente, de manha muito cedo, o marinheiro se tinha apresentado a de la Preslay, e lhe tinha bruscamente offerecido Clotilde em casamento para seu filho com 300.000 francos de dote: A de la Preslay que ha muito tempo olhava Clotilde como sua filha, accellou com alegria, o barão que se achava presente a entrevista, sentio ao principio o rubor da pezo, lhe subiu ao rosto lembrando-se de unir o herdeiro do seu nome a filha do marinheiro, porém a necessidade fez curvar o orgullo, e como a baroneza, elle deu seu consentimento de muito boa

vontade; só Marcello faltava a entrevista; mas seus pais logo garantiram seu consentimento, e o casamento ficou decidido.

Então, o honesto marinho, mais iludido do que queria confessar, com o pensamento que sua filha iria ser baroneza, partiu logo com o barão para arrumar todos os negócios em Paris, depois de terem marcado o dia, da quinzena seguinte, para virem assignar o contrato do casamento de seus filhos; sahindo de casa, encontraram Clotilde que esperava o momento da partida do seu.

Tudo vai bem, pequena, lhe disse elle alegremente, e tu ficarás mais contente comigo de que esperas; em seguida, depois de ter feito um gesto de adeus segundo o Sr. de la Preslay, se afastou rapidamente.

Clotilde, com o coração alegre e a alma feliz, vinha graciosamente para junto da Sra. de la Preslay, quando passando sob as portulas do pequeno salão onde a baroneza estava habitualmente, seu nome, que ella ouvio pronunciar por Marcello, a fez estremecer e parar como se tivesse sido fulminada de uma paralyisia completa.

Clotilde!... Clotilde!... dizia elle com desdém; mas Clotilde é uma criada, e eu não a quero esposar nem esposar-me, não obstante seu dinheiro.

A pobre menina advinhou tudo: então, uma nuvem passou sobre seus olhos, uma montanha de gelo sobre seu coração, e, pallida, mornada, ella ouvio sem as entender, as supplicas da mãe desolada, e as orgulhosas recuzas do filho, então comprehendeu que aquelle era vencido, e com o temor de ser surpreendida, teve bastante força para ganhar seu quarto, onde cahio ajoelhada diante da imagem do Deus de amor immolado sobre a cruz, para depor a seus pés suas dores.

A luta que a infeliz menina sustentou contra seu coração foi terrível sem duvida, porque ella amava Marcello, a pobre moça!... Mas a dignidade, o nobre orgulho de si, a elevaram sobre seu amor, e quando voltou para junto de sua bemfeitora, seu partido estava irrevogavelmente tomado.

A Sra. de la-Preslay estava só e annunciou jovialmente a Clotilde o que se tinha decidido; esta, inclinou-se com respeito.

—Será feito o que vós e meu pai decidiram, senhora, disse ella friamente.

A Sra. de la-Preslay a olhou surpreendida.

—Eu acreditava tornar-te mais contente communicando-te o que me cauza tanto prazer, disse docemente; porque agora tu serás verdadeiramente minha filha, Clotilde.

Ouvindo essas palavras partidas do coração, a pobre moça teve grande difficuldade em conservar sua mascara de gelo, porem triumphou ainda.

Marcello, que julgava fazer a filha do marinho uma honra da qual ella devia ficar orgulhosa, foi por seu turno cruelmente ferido por esta indef-

força; no principio quizatear opponda-lhe força igual; mas pouco a pouco o despeito confundiu, e quando chegou o dia em que o contracto devia ser assignado, elle sentio que o amor tinha succedido ao desprezo que tinha no principio sentido por esta admiravel moça.

(Continua).

D. M. J. N. Feitosa

PENSAMENTOS

A MULHER.

A mulher é a fraqueza feita força.

É o prisma em que se reflecte a magestade da criação.

É um anjo enviado do céu com plenos poderes de dar a mostra do céu ou do inferno sobre a terra.

Brucarense.

É o capitulo da sociedade, no baile a luz que enebria, no lar a consolação.

P. Eleuterio.

O AMOR.

O amor é a festa das almas.

É um sentimento que resulta da harmonia entre duas almas que verdadeiramente se comprehendem.

É o unico sentimento capaz de embolar os espinhos da existencia.

Brucarense.

É o prologo de um desejo: o de dois corpos se communicarem depois de duas almas se haverem comprehendido.

P. Eleuterio.

O CIUME.

O ciúme é o calvário do amor.

É o veneno que actua sobre o coração mais fino; e que deve a sua existencia a susceptibilidade de uma razão pouco esclarecida.

É uma lima com que o amor desgasta o coração sensível.

F. Eleuterio.

É o crysol do amor.

Bracarense.

O CORAÇÃO.

O coração é a cabeça das mulheres.

É o porto mais seguro em que se obrigam as nossas afeições.

É o alvo das paixões : desgraçado daquelle em que uma actua.

Bracarense.

É o berço e o túmulo de todas as nossas emoções.

F. Eleuterio.

A CONSCIENCIA.

A consciencia é o derradeiro pudor que se perde.

É o raio luminoso que esclarece o naufrágio de uma alma em erro.

É o anjo consolador das falsas imputações.

F. Eleuterio.

É um juiz infallível ; não ha felicidade em opposição ás suas sentenças.

Bracarense.

Ver-te e amar-te.

Eu vi-te tão bella, tão cheia de encantos,

Que louco seria deixando de amar-te.

Tus dotes e graças, mulher, eram tantas

Que amei-te ao mirar-te.

Embora tu fosses do céu um adorno

Como essas estrellas, que o céu poucas tem.

Embora habitasses de Deus junto ao throno,

Te amara também !

Embora tu fosses das fúrias tema,
Com fúrias rixinas no mundo grande,
Ao vento das bellas gentes e fúria
Viveta te amando!

Embora tu fosses das fúrias tema,
Das fúrias bravas fúria temida,
Sem medo ou arde, contente de por
A teu pes minha vida.

Embora tu fosses a vida agitada,
Que vinhas rixados iras, morte,
Seede por mim, oh mulher, adorada,
Com sabido prazer.

Embora tu fosses estrela luzente,
Embora tu fosses archampo divino,
Amara-te sempre, que amar-te fervente
É ao meu destino.

Embora tu fosses fúria de sacral,
Das fúrias rixinas do mar, vida trada,
Sem pejo ou receio, eu juro te amara
Mulher, amada e lada.

Thomas Camolon.

REVISTA THEATRAL.

Quarta-feira 23 teve lugar no Theatro de S. Pedro o beneficio do Sr. Simões, com o espectáculo amittuado, e, causa rara, apesar do longo trabalho da tarde, celebraram-se os espectadores satisfeitos, e dando por bem empregado o seu tempo.

O drama — Trabalho e honra — pelo bom desempenho que teve, mereceu a applauso da — Trabalho e honra — esmeraram-se todos os artistas, mereceram quasi todos bem, e honra lhes cabe porque sendo o drama conhecido, tinham de lutar com as primeiras impressões que são quasi sempre desfavoraveis as segundas.

Em poucas palavras exporei o enredo do drama.

Chalaby, o velho banqueiro do caos de Facinas, a força de trabalho e economia, com o dinheiro, uma boa duzia de contos de reis, e manda seu filho Carlos estudar a Lisboa para se fazer em medicina. O rapaz seguiu de mais longe o longe do caminho, porque, encontrando um tal João Fernandes, um desses filhos de mãe modernos que, especulando com a sua ineptidão, adianta-lhe dinheiro a bruto rasão, e acaba por obter a falsificação da firma de seu pai, rompiendo em uma só letra o trabalho de todas as outras que já haviam feito.

Munido com este documento, apresenta-se João Fernandes ao pai de Carlos, exigindo o dinheiro das quantias que emprestara: o velho recusa pagar, mas a vista da firma falsificada, não só para livrar seu filho de cada, como tambem para poupar a sua mulher Genoveva tão grande desgosto, entrega quanto possui, obriga o filho a partir a bordo do

Neptuno que se fazia de vella para Australia, declara que elle proprio perdera os seus bens em arriscadas especulações, e para prover nos meios de sua subsistencia, de novo lança mão do seu antigo officio de barqueiro.

Correm os mezes, os annos sem ha terem noticias, ate que a final chega o Neptuno que andara quasi perdido, e que a coragem e dedicacão de Carlos devia o ter-se salvado. Com o navio foi tambem salvo o carregamento, que era toda a fortuna de uma grande casa commercial, a qual, em signal de reconhecimento, dá-lhe sociedade, ficando Carlos rico e habilitado para reparar os seus erros passados. Jose Fernandes recebe tambem o premio da sua *philantropia*, pois casando com uma moça linda como uma *camelia*, teve a *cautela*, para evitar qualquer questão acerca das suas transacções passadas, de meter toda a sua fortuna no banco de Londres, e para maior seguranca, em nome de sua mulher. Esta, para agradecer-lhe tamanha fineza, bala a linda plumagem e vai destruir entre os bastidores de algum theatro, não só a sua liberdade, como tambem a fortuna do acautelado Jose Fernandes. Eis o assumpto do drama : fallarei agora da execucao.

A Sra. D. Ludovina «Genovea» não trepidou em pintar o rosto, caracterizou-se perfeitamente, e representou com tanta naturalidade e perfeicão que fez o publico lastimar não ser muito maior o seu papel para ter o gosto de admirar a por mais tempo. No grito de desespero quando sabe da partida do filho, no seu encontro com elle, no dialogo com o marido querendo preparal-o para tornar o vel-o, não é humanamente possivel fazer-se mais : o coração comprehende o senão, porém os labios não tem expressões que possam pintar tão soberbos lances. Não é este papel daquelles que estão feitos, e que basta ao artista repetir as palavras com mais ou menos intelligencia ; não : foi uma creação, foi o seu talento que fez o que ella é e de todo o coração felicito-a por tão bella creação.

O Sr. Simões Christóvão em todo o correr do drama trabalhou muito bem ; no segundo acto esteve admiravel : a incredulidade que mostra quando Jose Fernandes lhe diz que seu filho lhe é devedor de uma avultada quantia, o desespero e vergonha que o acommettem vendo que este se havia deshonrado falsificando uma firma, são bem desenhados, e finalmente, quando lhe apresenta o cartão de Jose Fernandes, e na despedida, quando a fúria lhe dá o abraço derradeiro, como envergonhado de tal frequência, e o pai irado contra o filho, é o pai que, castigando-o, em um supremo abraço lhe denota que, se o pae como jáiz, o seu coração de pai se despedraça por essa cruel separação.

O Sr. Gusmão «Jose Fernandes» despertou do lethargo em que jazia, e representou como ha muito não representa : a elle, ao Sr. Simões, e a Sra. D. Ludovina pertencem as honras da noite.

O Sr. Lisboa *Seabra* esteve bom : a Sra. D. Leonor *Amelia* disse o seu papel com bastante intelligencia ; porém o Sr. Galvão *Carlos* não desempenhou o seu : tomou a nuvem por Juno, julgou representar o *Samuel dos Dois renegados* quando representava o *Carlos do Trabalho e honra*.

Nas tragedias e em alguns dramas da escola antiga a declamação é bem cabida até certo ponto, mas nunca em uma comedia. Lembre-se que a natureza é a primeira coisa que o artista deve ter em vista; e se o Sr. Galvão estivesse com o seu filho em um jardim ou em sua casa com alguns amigos, certamente não lhes fallaria declamando.

A scena comica *Um como tantos* está escripta como graça e espirito, porem a linguagem a francezada não foi bem sustentada, e não agradou desde que o actor transportou a acção para o Rio de Janeiro, e procurou parodiar o Love.

A comedia *Tribulação e ventura* tem alguns contrasensos, porem agradou porque foi bem desempenhada. O Sr. Simões fez o que se podia fazer com um papel tão insignificante. O Sr. Barbosa representou muito bem, não exagrou coisa alguma, como faz algumas vezes, como ainda o fez na ultima representação da comedia *Por causa de um algarismo* não sei porque, sendo ellas um bom artista.

A Sra. D. Antonina que nesta comedia faz dois papeis: um de velha e outro de moça, foi com justica bastante applaudida; na parte de velha tem algumas cousas boas e alguns defeitos, asias desculpaveis; não só porquanto elle es e o seu genero, como tambem porque os bons artistas, não se fazem a um dia, e a Sra. D. Antonina apenas começa a sua carreira artistica, concludo tem mostrado bastante intelligencia e ja faz muita differença daquella que debutou no Lyceum. Continua a estudar, e o futuro a indemnisação dos esforços do presente.

Anuncia-se para o Fale Jureto proximo o beneficio da Sociedade Portuguezza de *Amor e da Monarchia e Beneficente* — um to excellente drama — *Cabo Simão*, — uma aria cantada pela Sra. D. Carlota Millet a pedido — *Vasco da Gama* — do illustre litterato portuguez o Sr. Mendoz Leal, e a comedia — *Tribulação e ventura* — A concurrencia deve ser grande, não só pelo espectáculo, como tambem porque es a sociedade tem se tornando cada vez da proccia quer dos Brazileiros quer dos Portuguezes, pelo fim a que se dedica a Beneficencia, que não tem patrin os ricos, e por isso toda a lugatonda existe um necessitado ou uma mao generosa que o socorre, e ja para não fodes as coisas ainda imperam os sentimentos de honra e de humanidade.

Fuam Campêlo. — Sabado 23 foi mudado o espectáculo, annunciando-se na noite de tocense Nova Senhora das Dores. Por motivos de doença o espectáculo de sábado, sem repentinamente enferm e não podendo ter rotas o espectáculo annunciado, representaram-se as comedias *Ser e não ser* As *duas bengalas* e as duas enredadas scenas comicas *Novo Ortelio* e *as picadas do velho Camé* a primeira de Sr. Dr. Macedo, e a segunda do Sr. Vasques sendo ambas executadas por este senhor.

Fuam Campêlo.

ANTES E DEPOIS

NOVELLA

Continuação

III.

Como sabes, não ha muito tempo, que vivi alguns mezes n'uma cidade de provincia. Se nada tivesse de que fallar-te, eu te fallaria de uma cidade de provincia; mas contenta-te, por hoje, com saber que as provincianas teem conseguido obter casas de vidro, como dizia não sei que moralista de não sei que paiz, para que cada qual não fallasse e não praticasse senão o que pudesse fallar e praticar em publico. Na cidade onde onde estive levaram elles até ao extremo o entretenimento de julgarem de todas as maneiras as accões alheias; mas havia nessa cidade uma familia, que, sobre todas as outras, era o alvo de todas as miras, o assumpto predilecto para as conversações enfadonhas de provincia, que nenhum interesse podem inspirar senão aos do lugar. Ainda hoje mesmo, meu caro, estou por saber o que havia de singular naquella familia para assim chamar, de uma maneira tão inconveniente, a attenção dos palradores. Uma vez ou outra não tiveram a attenção de deixar a maledicencia na presença de um estrangeiro, como era eu; e apesar de tudo quanto lhes ouvi, não achei motivo algum que determinasse a aquelles senhores uma resolução tão prompta de tudo analysarem, e do mais insignificante passo tirarem graves conjecturas, que se deshonravam alguém com certeza era a quem as fazia.

Essa familia habitava em uma rua que se affastava do ponto mais ruidoso e do mais largo movimento, que era o lugar do desembarque. Compunha-se ella de uma senhora idosa e de um senhor não menos idoso, respeitáveis pais de uma encantadora menina de 16 a 20 annos, alta, esbelta, flexivel, loura e de olhos de um azul humido, rasgados e grandes. Em meio daquella circumscripta sociedade provinciana, sempre me pareceu aquella moça a encarnação do que havia de mais espirital em todos os seus conterraneos.

O retrato não é favorecido, antes não está bem parecido. Antonieta, era esse o seu nome, fazia, ella só, o costeo das conversações de meia duzia de rapazes, que lá ha, cuja idade fluctua approximadamente entre 20 e 25 annos.

Estes rapazes, dos quaes me parece se pôde encontrar um exemplar em cada cidade ou villa de provincia, nada faziam, nada esperavam, a sem fortuna certa, que fosse conhecida ao menos, elles realizavam o difficilissimo problema de se entreterem todas as noites e todas as manhãs no mesmo assumpto, e sobre o mesmo objecto, sem nunca sentirem o menor aborrecimento, e achando cada vez mais, uma nova face sob que encarar Antonieta e sua familia. Houve mesmo uma semana, meu amigo, em que o espirito de maledicencia desdobrou tão ao largo as suas azas fulvas, que as autoridades do lugar, acordadas como de sobresalto, lembraram-se de pôr um termo a semelhante ordem de cousas. Baldado intento! A familia continuou a servir, como tinha servido até então, de melhor prato, para aquelles oculos, e a um leve ruido, que se fizera no lugar sobre tal negocio, succedeu a calma; e o pequeno jornal, que se incumbia de illustrar aquelle bom povo, calou-se igualmente, como todos os mais que tentaram favorecer a familia, indagando da vida desses rapazes, e proporcionando-lhes um meio de vida. As influencias mostraram-se, e no fim de contas todos se abraçaram e desejaram-se mutua e cordialmente saúde e dinheiro.

Mas o que principalmente incommodava sobremaneira aquellas cabeças ocas era não saberem ao certo o estado de fortuna do pai de Antonieta, e a maneira por que elle conseguia ir ajuntando cabedões, que todos lhe attribuiam, a elle, que ninguém via ou constava empregar-se em alguma cousa, o que era uma verdadeira e pura calumnia, porque ao depois tive occasião de saber, e de ver que o pai de Antonieta passava as manhãs no commercio, as tardes no seio de seus afazeres domesticos de homem, que tem um jardim e uma grande chacara, e as noites no seu gabinete, onde rascunhava papel até tarde.

Localizado pela curiosidade de saber quem tanto occupava a cidade, dirigi muitas vezes os meus passeios por perto da habitação da moça, e a unica cousa que conseguia era vê-la passeando por entre as arvores, ou sentada em algum banco de pedra lendo livros, que daria o melhor do meu sangue, para saber-lhes o título e o autor, porque dahi eu saberia, por meio de deducções e de comparações, achar o caminho de entrar no genio, no caracter e na maneira de viver daquella moça, e ao depois da familia, cujos habitos e idéas se manifestariam claramente por meio de um raciocinio bem desenvolvido, por meio da comparação de muitos termos, dos quaes só tinha em meu poder dous dos mais insignificantes: Antonieta lê, ou Antonieta passeia por entre as arvores.

J. Vasconcellos.

(Continúa).

O AMOR.

PAGINAS DE UM ALBUM.

Continuação.

Quem soletra nas verdes folhinhas que engrinaldam o velho tronco, um segredo da natureza, uma maravilha da criação, um poder da Divindade? Quem é esse pobre louco que se expõe ao ridículo de uma sociedade estúpida, contemplando em extase os derradeiros raios do sol que se se occultam atravez das elevadas montanhas?

Quem é esse que faz os peitos palpitar de júbilo, descrevendo os suspiros da brisa por entre a folhagem, o murmúrio do rio que desliza por vium de luzentes pedrinhas, a meiga canção dos passaros que se embalam nos ramos da laranjeira, a alegria dos prados, o brilhantismo das nuvens, o perfume das flores, a pureza da athemophera, quando desponha na amplidão do céu a risonda estrella da manhã? E' o anjo da harmonia, e o poeta!

Quem possui a chave d'ouro, com a qual se abre o cofre de tantas graças, o sacario de tantas bellas, a ambula de tantas perfeições, e templo de tantas sublimidades?

E' ainda o poeta! E quem é a nímpha encantadora, a musa celeste, o espirito divino, o archanjo da poesia, que lhe inspira, tão admiraveis sentimentos, tão meigas phrazes, tão doces palpites, tão amoroso enthusiasmo? Interrogae e elle vos dirá com a face radiante de prazer, com os olhos voltados para o céu, o riso nos labios e a mão poisada junto ao coração — « o « amor! » E onde vae elle depositar os transportes da sua alma, os vãos da sua fantasia, a belleza dos seus pensamentos, os raios da sua paixão? « No peito da mulher!... »

Salve! Emanação celeste da Divindade! Magestoso Jordão onde recebemos a purificação de nossos erros! Ignea columna, que nos aponta a verdadeira estrada da perfeição! Nova escada de Jacob, por onde nossos affectos sobem á eternidade, conduzidos nas azas dos anjos! Salve!

A mulher a quem dedicamos os mais puros affectos de nossa alma, a quem consagramos as vigílias das nossas noites, a quem devemos os nossos gozos e os nossos soffrimentos, é sempre bella como uma Venus pagã, tem sempre as formas de uma estatua grega, tem sempre as feições das virgens de Rafael, tem sempre a fidelidade de Sara, a formosura de Haydeá, o amor de Rachel, a melancolia de René e a innocencia de Virginia como a primitiva Eva, traz a graça no seu porte, o céu nos seus olhos, e a dignidade do amor em todos os seus movimentos. Um manto de primores cinge o contorno de seu corpo nímico, o brilho das estrellas

não offuscam o brilho dos seus olhos negros, e nem seus cabellos invejam a ondulação dos ramos da palmeira, ao perpassar das auras matutinas; as rosas da mocidade vicejam em sua face e n'um sorrir tão bello, como o sorrir d'aurora, fulgem seus dentes quaes minúsculas pérolas!

— Si falla, a sua voz tem mais doçura e meiguice que os ternos accentos de uma frauta vibrada ao longe por apaixonados labios — Si caminha, debaixo dos seus pés de Andaluza rebentam mil flores; si assenta-se as graças a odeiam; si ergue os olhos os corações se inflammam; se sorri, alegria-se a natureza; o mesmo sol parece demorar o seu curso para contemplal-a!... Mas, emudece e chora... então tudo é tristeza! desaparecem as bellezas, as aves cessam seus doces cantos, as flores inclinam-se e perdem os seus perfumes; os astros occultam-se entre as nuvens; por toda parte reina o silencio da desolação, interrompido de quando em quando, pelos tristes lamentos da brisa que deposita suas magoas no coração das flores, ou pelo gotejar das lagrimas que o céu derrama e que deslizam pela aveludada superficie das folhas!...

E que o amor se incumba de colorir com suas ficicias tintas, o quadro encantador de nossas sedutororas illusões; é que o amor evadindo todo o nosso ser, entorpecendo a nossa razão, apoderando-se dos nossos sentidos, desprende as azas da imaginação, que sentindo-se livre levanta o véo e divaga pelas ethereas regiões da fantasia!

Essa paixão impura, que por ahí profana o com o doce nome de amor, essa verdadeira aberração dos mais elevados sentimentos do coração humano, que tem por principio a immoralidade e por fim a sociedade dos prazeres que resultam do sensualismo; e, o sempre será indigna de semelhante nome! O amor tem por base a pureza dos costumes, a delicadeza dos pensamentos, a santidade das intenções. Como a violeta que se esconde entre as folhas, elle occulta-se nos véos do pudor. Não se patenteia com o descaramento, do vicio, não põe em concorrência o seu merecimento, não se prostetue como essas mulheres da Babilonia, que mercadejavam sua pudicia, nas praças publicas, aos que transitavam, e á luz do sol!...

Quanto a nos julgarmos a prostituição moral, muito mais perniciososa que aquella que se patenteia por actos — Este sentimento deshonesto, que se alimenta com a baixesa e com a degradação do espirito, suavizado pelo limar do ouro, jamais achou asylo no coração do poeta, que tem uma missão mais augusta a cumprir sobre a terra! O amor do poeta é immenso como o ideal que elle comprehende, e terno como o seu nome que nunca perece! O verdadeiro amor (diz um escriptor), é semelhante ao enxerto, que da substancia de dous troncos diversos forma um só pela sua estreitissima união.

Abramos algumas paginas do Poema campestre de Saint-Pierre, vamos caminhando por um trilho semeado de lyrios e rosas, ouvir o amoroso colloquio que "Paulo" entretém com a sua formosa "Virginia", sentados á fresca sombra das verdes palmeiras, e ao som longiquo das

ondas que beijam a superficie da praia, e vem misturar-se com o descan-
te mavioso dos passarinhos que alegres saltam por cima das pedras da
fonte.

(Continua.)

M. M. dos Reis.

A FILHA DO MARINHEIRO

(Conclusão.)

— No dia marcado, o Sr. de la Preslay, a Baroneza, Marcello, Clotilde e o marinheiro estavam reunidos no salão onde o tabelliao lia os artigos do contracto.

— Eis-ahi o dote de minha filha, acabava de dizer este ultimo entregando a Baroneza os titulos livres de suas propriedades, quando de repente a porta foi aberta para dar entrada a um moço vestido em traje de campones.

— Sou eu, disse elle sorrindo, João Raymundo, vosso visinho.

— E o que nos quereis? perguntou orgulhosamente o Barão.

— Nada com vósco, disse o rendeiro; porem tenho que fallar com a Senhora, e o Senhor.

E com um gesto mostrou a Baroneza e o marinheiro.

— Eu venho, accrescentou elle, lhe pedir sua filha Clotilde em casamento.

Ouvindo estas palavras, todos ficaram estupefactos, menos Clotilde que desmaiou ligeiramente.

— E quem te deu o direito de pretender minha filha? perguntou bruscamente o marinheiro.

— Eu, meu pai, disse nobremente Clotilde estendendo a mão ao rendeiro; ha muito tempo João Raymundo tem uma grande ternura por mim; eu o amo tambem, (e sua voz tremeu ligeiramente pronunciando essas palavras) e fui ainda eu que lhe disse que escolhesse este momento para vir-vos pedir minha mão.

— E por que não fallaste mais cedo, infeliz menina? exclamou a Baroneza deixando correr suas lagrimas.

— Porque eu queria vos entregar vossa fortuna antes de vos tirar vosso filho, respondeu a nobre moça com um doce sorriso; e como João Raymundo me esposa sem dote continuou ella alegremente, vamos nos tornar vossos rendeiros, tudo irá melhor assim.

— E ou? disse tristemente Marcello, quem vos substituirá em meu coração?

— Uma moça de vossa classe, senhor Barão, disse ella deixando escapar um malicioso sorriso; depois, voltando-se, estendeu-lhe a mão com effusão, e a ternura de uma irmã dedicada. Marcello, disse ella docemente.

— Vamos! vamos! exclamou o marinheiro rindo-se ás gargalhadas para occultar sua emoção. Tudo está talvez mais bem arranjado assim, pequena, porque uma Baroneza e um marinheiro não navegam muito reunidos, e talvez um dia corasses de mim; e penso que uma rendeira e um marinheiro, harmonisam-se melhor: toca pois, João Raymundo, disse elle estendendo sua larga mão ao joven rendeiro, eu te dou minha filha, mas mudo uma ordem a manobra, porque ainda ha dinheiro no sacco, e « sem dote » não me vai!

As cousas foram arranjadas assim como o queria Clotilde: a familia de la Preslay voltou a Paris logo depois do casamento, e o marinheiro convidou todo o palz para as nupcias de sua filha com João Raymundo, nupcias que se fazem hoje.

Depois que o camponez acabou de contar-me esta historia, todo o povo alegre se levantou para por-se a caminho; a curiosidade me impellindo associei-me a elle, e vendo Clotilde, em toda sua nobre simplicidade, sob os vestidos de rendeira que ella tinha querido tomar entrando em sua nova vida, me lembrou este dictado arabe:

— Havia outrora um *atomo* que se queixava de ser abandonado na terra; no fim de alguns annos, elle tornou-se um diamante.

D. M. S. N. Feital

VOLCÕES DA LUA.

Uma questão interessante, e que tem quebrado a cabeça de muitos astrónomos, é o de decidir-se a existencia de volcões na lua, e se ella pôde ou não ser habitada.

A lua, como sabemos, é um satellite da terra, que apresenta em sua face immensas cavidades e montanhas, mais elevadas que as nossas; entre essas elevações distinguimos algumas interinamente isoladas, tendo na parte superior cavidades de formas ellipticas.

Ora, para fazermos uma idea clara a respeito destas montanhas circulares, comparando-as com as crateras extinctas que existem na superficie da terra, devemos reflectir que entre os volcões terrestres, e as

montanhas lunares, ha differença muito palpavel : é que estas ultimas tem dimensões transversaes muito maiores que aquella dos volcões, e actualmente é muito difficil o admitir-se que as crateras de volcões lunares possam existir com diametros tão consideraveis: assim pensa um astrónomo nosso contemporaneo.

De mais, o celebre Humbolat claramente tem nos descripto, e ensinado muita cousa sobre o diametro dessas crateras de erupções ignivomas terrestres, o que não se pode applicar para a lua: assim essas montanhas que dizem volcanicas, devem ser tidas como analogas a certas eminencias circulares, e mais consideraveis que existem na superficie da terra, e que os geólogos denominam, crateras de sublevamento.

Pelas sombras das montanhas lunares projectadas sobre sua superficie, muitos astrónomos tem podido calcular a altitude destas montanhas, apesar desse satellite nos mostrar sempre sua face tranquilla: contudo nessas montanhas de pentes rapidos, formatura conica, com o auxilio dos telescopios gigantescos, tem-se visto na lua terrenos volcanicos, taes como se observa no Etna, Vezuvio, etc.

Herschel (o filho) tem distinguido sobre algumas regiões lunares indícios incontestaveis de dejecções volcanicas. A cratera denominada Bernouilli tem uma profundez de 6.000 metros.

Herschel (o pai) notou certas mudanças na face de nosso satellite, e immediatamente attribuiu esta mudança causada pelo trabalho de seus habitantes; o astrónomo Schroeter apoiou esta opinião: e isto não nos deve causar admiracão, porque aqui ha annos decorridos, havendo um eclipse do sol visivel para o sul da Europa, no momento em que a escuridão appareceu, vio-se um buraco na lua, atravez do qual via-se o sol.

O hespanhol D. Ulloa attrahido pelo brillantismo que offereciam certos pontos da lua, imaginou ver o firmamento atravez de nosso satellite. Que vista tão boa não tinha este sujeito!

Durante o eclipse total de 1842 que foi visivel para o meio-dia da Franca, e que este anno repete a 18 do mesmo mez, no momento em que os astrónomos dispunham-se para observar a coroa luminosa, um phenomeno imprevisito roubou suas attencões; certas protuberancias violaceas, mostram-se sobre os contornos do disco lunar.

Em 7 de Setembro de 1858 o mesmo phenomeno teve lugar em Paranaгуá, no Brasil, segundo li no *Monde Illustrée*; ora as sciencias astronomicas que a passos gigantescos tem progredido, nada tem podido responder sobre estas protuberancias que apparecem nos eclipses.

Quem sabe se são volcões?!

A 3 de Março de 1794, M. Wilhins vio uma luz sobre a parte não esclarecida da lua, semelhante a uma pequena estrella, e em outro lugar de distancia de 30 leguas de M. Wilhins, o mesmo phenomeno foi visto, no mesmo dia e hora, notando-se que os espectadores não serviam-se de instrumentos opticos: pois saibam os leitores que era naquella mesma parte da lua onde outr'ora Herschel a 20 de Abril de 1787 tinha

visto um vulcão ardente ! por conseguinte nesta occasião estava realisa-
da uma prova deciziva de vulcões lunares.

Muitos astrónomos, taes como Laplace, attribuem os acrolitos lançados
dos vulcões da lua ; mas vamos agora patenteiar outras razões contra-
rias a estas.

As manchas da lua resultam da composição pouco homogenea das par-
tes constituintes deste planeta secundario ; por conseguinte é provavel a
não existencia de vulcões activos, em razão mesmo da maior parte da
superficie da lua estar erisada de montanhas circulares, tendo crateras
de dimensões espantosas, salvo se é admissivel a hypothese de um fogo
central na lua.

Buffon diz que as substancias vejetaes e animaes sepultadas no seio da
terra, os carvoes, as pyrites humectadas pela agua se inflamam dellas
mesmas, os betumes são tambem as causas de incendiarem-se os vulcões
que tem suas origens nas camadas salitrosas inferiores, sobre o terreno
primitivo : o ar, segundo Buffon, é necessario para que o vulcão mante-
nha-se em estado de ignição.

Werner colloca a residencia dos vulcões não longe do superficie da
terra.

Lametherie tendo por muito tempo analysado a questão das causas, e
sede dos vulcões, diz que as substancias organicas, as turbas, enxofres,
pyrites, fosséis e carvoes, são as causas dos fogos volcanicos ; e um sem
numero de experiencias tem demonstrado que as aguas do mar e aguas
doces contribuem para este phenomeno; por conseguinte colloca a sede
volcanica em todos os terrenos, principalmente no solo primitivo e de
transição.

M. Breislak discutindo a opinião de seus predecessores, da modificações
a muita cousa, attendendo a natureza local dos vulcões, nos da uma ana-
lyse satisfactoria, dando a intervenção de correntes electricas que de-
senvolve nas erupções, a existencia da agua, e substancias mineraes que
nesses laboratorios subterraneos desenvolvem o gaz hydrogenio, mas
como dar-se isto na lua se ali não existe atmosphera ; e nem agua ? como
conceber-se a existencia de um fogo subllunar ?

Franklin.

Continua.



As contas do meu sofrer.

SOMMAR.

Por vezes tenho tentado
Sommar todos meus tormentos,
Mas não posso, pois me nascem
Milhões delles em momentos.

As parcellas ja são tantas
Que me fazem confusão ;
Repito, sommar não posso
Tormentos do coração.

Nem tambem sommar desejo
O meu ter, meus cabedais,
Porque sou pobre, confesso,
Nem serei rico, jamais !

Mas se é certo que o que tem
Não se diz um indigente,
Diz-me a somma que sou rico
Na desgraça assaz potente.

DIMINUIR.

Se tento diminuir
Com trabalho o meu sofrer,
Meu trabalho não tem fructo,
Porque cede a mór poder.

D'esperança nem um vislumbre
Ao menos, siquér, me luz...
Embora, soffra-se o pezo
De cruel enorme cruz !...

Eu bem sei qu' este sofrer
Me abrevia o passamento,
Que a vida me diminue,
Minhas forças, meu alento.

Mas se é certo que é ditoso.
Quem tem menos a soffrer,
Confesso, que sou feliz,
Pois que breve heide morrer.

MULTIPLICAR.

Deste meu viver d'espinhos,
De martyrios sem cessar,
Recrescer só vejo penas,
Espinhos multiplicar.

E' verdade, elles recrescem
Aos mil e mil em momentos,
Avivando dentro d'alma,
Cada qual velhos tormentos.

Quaes folhas da sensitiva,
Que se recentem d'um tóque ;
Meus tormentos se recentem
D'um pezar ao novo choque.

Mas se é certo a provação
Ser o dote d'infelizes,
Soffrerei até que o tronco
Se despegue das raizes.

REPARTIR.

Reparar, não posso, eu sinto,
Riquezas, porque sou pobre;
Quem não tem não pode dar,
Embora vontade sobre.

Quem apenas se possui
De tormentos abastança,
Não reparte o seu thezouro,
Muito mais sendo d' herança.
Porque o sofrer que no berço
Mão occulta nos deu,
Mais vale que o vil metal,
Que mão vil talvez cunhou.

Mas se é certo que quem sofre
É grande no seu penar...
Então me digo soberbo,
Sou rico, não quero dar.

PROVA REAL.

A prova real, exacta
Das contas do meu sofrer.
Tire-a já, dá-me zero,
Que diz nada, diz morrer.

B. da S. Magalhães.

REVISTA THEATRAL.

Gymnasio. — Quarta-feira 22 teve lugar o beneficio do porteiro com o drama *Demonio Familiar* e a comedia *Dominus tecum*. Sendo conhecido o drama, fallarei apenas da comedia, que me fez lembrar da fabula de Esopo *Mons parturians*; promettia muito, e afinal... nada! É bem escripta, espirituosa até certo ponto, porém o final é inteiramente ridiculo: a Sra. D. Clotilde, querendo talvez pôr-se em harmonia com o defeito da comedia, carregou tanto sobre os aa, tornou-os tão agudos que chegou a ferir os ouvidos dos espectadores que tiveram a infelicidade de escutal-a.

Annunciou-se o *Furacão*, e quando esperavamos um cataclisma geral, degenerou em *Dama das Camélias*. Nenhuma concorrência.

S. Januario. — Sexta-feira 31 representou-se o drama *Diana de Rione*, em beneficio do Sr. Medeiros. A Sra. D. Jesuina, De Giovanni e Martins trabalharam bem; o Sr. Salles Guimarães cantou muito; deve cohibir-se deste defeito. O Sr. Peixoto Guimarães deve pedir que lhe ensinem a pisar em scena... é uma lastima!... quando louco de amor, e resolvido a matar-se, pergunta a condessa se o não ama, pareceu-me que lhe dizia: « Como vai de saude?... tem passado bem?... ora estimo. »

Os mais artistas estão abaixo de toda a critica.

O scenario é magnifico.... sallas velhas.

Não posso passar em silencio um facto que se deu na ultima representação da *Kelly*. Findo o drama, levantou-se uma senhora que estava em um dos camarotes de boca e offerrou uma corôa á Sra. D. Jesuina, a qual fingio não ter visto o brinde que lhe era offerecido: levantou-se então um cavalheiro que estava no mesmo camarote, e, apresentando-lhe a corôa, chegou a chamal-a pelo seu nome: mesmo procedimento da Sra. D. Jesuina, que, apesar de advertida pelo Sr. Magalhães que com ella estava em scena, não se moveu. Vendo isto, foi este recebê-la e entregar-lh'a. E' um procedimento inteiramente contrario aos preceitos da civilidade e boa educação, principalmente em um artista, que deve ter toda a consideração para com o publico. Fossem quaes fossem os motivos que a levaram a proceder de uma maneira tão *inqualificavel*, a sua accção foi geralmente censurada, e o publico bem lhe mostrou o seu desagrado, começando uma pateada que, felizmente, foi suffocada. E' bom não continuar.

A scena comica, *O Sr. Bento dos Pontinhos*, composição do Sr. Magalhães, é chistosa, e agradou ao publico, que chamou o autor á scena.

Theatro de S. Pedro. — Mão fado preside a esta empresa. Quando julgamos abandonado o systema do *tudo serve*, ali vem desenganar-nos o desleixo e a incuria da mór parte dos seus empregados. Para que paga a empresa pingues ordenados a um director de scena e a um administrador? Será somente para os comerem em santo ocio, e louvando a Deus, ou para zelarem os interesses da empresa, vigiando que esteja tudo em ordem e com azeio, para que o publico não tenha de que se queixar? Se é para isto, o seu procedimento é diametralmente opposto. A ultima representação do *Sansão* foi uma vergonha, uma nodoa depois das representações do *Prestigiador* e *Trabalho e honra*. O trainel de montanha que serve para as mutações do primeiro acto estava todo rôto o deixando ver o interior; subiram bastidores agarrados aos pannos das mutações, pegaram as bambolinas ao desmoronamento, e muitas outras cousas que seria enfadonho repellar, e que exuberantemente provam o desleixo que ali reina. Eis porque pesa o desconceito sobre o theatro de S. Pedro, eis porque desagradam as melhores composições. Não sendo espectáculo em que entre o Sr. João Caetano, com raras excepções, todos os mais vão á scena Deus sabe como!... A meu ver, devia o empresario chamar a estes empregados *tão zelosos*, e em signal de reconhecimento duplicar-lhes os ordenados.

O mesmo succede na sala do publico. Por que só se vêem taes assuadas e gritos na sala do theatro de S. Pedro?... Pela falta de energia da autoridade que preside aos seus espectaculos. Como homem particular, respeito e prezo as bellas qualidades do juiz que ali preside, mas como autoridade está inteiramente deslocado. Para o theatro de S. Pedro é necessario um juiz energico, que cohiba e reprima as assuadas e abusos que ali se praticam, que mantenha o decoro que deve ser guardado. Não se diga que isso procede dos espectadores que o frequentam, não... porque sabendo-se que qualquer acto que ultrapasse os limites

da decencia é severamente punido, ninguém se atreverá a pratical-o; portanto, enquanto a autoridade não se revestir da precisa energia e não se fizer respeitar, hei de clamar contra ella, e dar publicidade aos abusos praticados a sua vista, abusos de que só ella é culpada, porque: Quem cata, consente.

Theatro Lyrico. — Reuniram-se alguns artistas dispersos e escapos ao grande naufragio da *Meduza lyrica*, e deram-nos o *Ernani*. Por emquanto nada se pode asseverar a não ser que se esforçaram todos por agradar, e que se entre elles não avulta nome algum apregoado pelas com lobas da fama, a isto suppre a boa vontade e a frescura das vozes. Attendendo as poucas forças da associação, o desempenho excedeu a expectativa, e o publico, applaudindo-os, fez-lhes completa justiça.

João Lillo.

PROBLEMAS.

Valendo as figuras 10 pontos na jogo do 31, como se hade prefazer aquella somma com tres reis, sem ser preciso az?

Com um numero par, dous impares e duas letras alphabeticas, ter-se ha um objecto que possa trazer capa, mais ou menos rica?

B. S. M.

Em additamento aos *pensamentos* que publicamos no nosso passado numero, addicionamos mais um que se não tem tanto de poetico como aquelles, tem certamente muito mais de real e positivo.

CONSCIENCIA.

Palavra em que todos falam e que ninguém conhece; cêra molle que se amolda a todos os feitos; boneco de engonso que dança a vontade de seu dono; mercadoria que sempre se vende segundo o preço que lhe é posto.

A. P.

Promette mandar mais algum?

Fomos mimoseados pelo Sr. Francisco Correa Vasques com um exemplar da sua espirituosa e interessante scena comica — *As pitadas do velho Cosme* —. Não imilimos opinião nenhuma acerca d'esse trabatho que recommendado pelo applauso geral com que foi recebido e pela imprensa diaria, não precisa encomios da nossa penna para mais o conceituar.

A minha visita durou apenas alguns minutos: conversámos sobre as generalidades, que são o objecto das conversações d'aquella natureza, e ao retirar-me encontrei com o pai d'Antonietta. A visita recommençaria com as mesmas circumstancias e nas mesmas condições, se me não tivesse apressado em partir, impressionado como ficara pela attitude e pela presença d'aquella moça, e inclinado ao mesmo tempo a meditar sobre aquella visita e aquella familia, que acabavam de quebrar a monotonia da minha existencia provinciana.

Repeti por algumas vezes os meus passeios á chacara, e as minhas visitas ao interior d'aquella familia, porém nada mudara nas relações nossas, continuando Antonietta a tratar-me com a mesma indiferença superior, que constitue uma especie de orgulho, que conhecendo antecipadamente as misérias da sociedade, evita-a, collocando-se superior a ella por a maneira de a considerar.

Mas n'aquelle recolhimento, em que Antonietta se envolvera não havia somente a percepção dos labores e das grandes difficuldades, com que se lutava na existencia, havia mais ainda: um signal fugitivo de arrependimento, um quer que fosse, que fazia pensar no seu passado. A tristeza, que a cobria com o seu veo, podia ser simultaneamente o resultado d'uma falta nobre e dignamente expiada, segundo as razões n'uma sociedade, que não vê na mulher senão um objecto de vaidade; na solidão e lamthem a disposição d'alma, em que nos deixa o desengano de não havermos encontrado o mundo como o havíamos sonhado; nas nossas horas desceuidadas da mocidade.

J. Vascónellos.

(Continua)

O AMOR..

PAGINAS DE UM ALBUM.

Conclusão.

Quando me sinto cansado, a tua vista me descança; (diz elle, Paulo reflectindo em seus olhos a innocencia de seu amor) quando me sinto cansado a tua vista me descança: quando do alto do monte eu te avisto no fundo do valle pareces-me no meio dos vergeis um lindo botão de rosa: se vais caminhando, a perdiz que corre ao encontro dos seus perdigotos, não tem mais garbo e nem caminha com tanta ligeireza: ainda que eu te perca de vista entre as arvores, não me é preciso ver-te para descobrir-te; um não sei que, que não posso exprimir fica para mim no ar.

por onde passas, sobre a relva onde te assentas; quando eu me chego para ti, arrebatas todos os meus sentidos; o azul do céu, é menos formoso que o azul dos teus olhos; e o canto das bengalinhas, menos suave que o som da tua voz; se eu te toco com a ponta do dedo, todo o meu corpo estremece de gosto.

Diz-me qual foi o encanto com que me enfeitigaste? Foi com o teu saber? Mas, nossas mães sabem mais que nós; foi com os teus carinhos? porém ellas abraçam-me mais vezes que tu.—Creio que foi com a tua bondade.—Toma, minha querida, accêita este ramo florido de himoeiro, que eu apanhei no bosque; põe-o-las á noite junto do teu leito. Chupa este favo de mel, eu para ti é que o trouxe do alto daquelle rochedo. Porém antes disso, encosta-te a este peito, nelle descansa, que eu também descansarei.

Então, Virginia, derrama no coração do seu querido Paulo estas palavras singelas, mas encantadoras, que revelam a candura de sua alma. Oh! meu irmão! (assim se chamavam) os raios do sol pela manhã no alto destes rochedos não me alegram tanto como a tua presença. Muito eu amo a minha mãe, muito amo á tua, mas, quando te chamam—seu filho—então amo-as muito mais! Os carinhos que ellas te fazem, me são mais sensíveis que os que dellas recebo. Tu perguntas porque me amas; mãs, todas as creaturas creadas juntas amam-se reciprocamente, olha para os nossos passarinhos, creados no mesmo ninho, amam-se como nós, e como nós sempre andam juntos. Ouve como mutuamente se chamam de uma para outra arvore; do mesmo modo quando o eco me traz aos ouvidos as arias que tocas na tua frauta no alto da montanha, e que eu repito a letra dellas no fundo do valle

Euto los os dias, oro a Deus por minha mãe, pela tua, por ti, pelos nossos servos: porém quando pronuncio o teu nome, parece-me que o meu fervor ainda augmenta. Não saes com que instancia peço a Deus que te não succeda mal algum! Porque has de tu ir tão longe e tão alto buscar-me flores e fructos? Como estás cansado! Estás alagado em suor!

E com seu lencinho branco enchugava-lhe a testa e as faces, e lhe dava alguns beijos

Oh! delicioso sentimento do coração humano! Suavissimo nectar preparado pelos anjos! palavra meiga e encantadora, que adoça os lábios o proferir-a! Arca sagrada onde se asilam os mais elevados sentimentos que conduzem o homem a fazel-o penetrar no templo da gloria! Amor! Que os fracos te temam e os maos te proscrivam! Tu és o grande sacerdote deste mundo, o revelador da immortalidade, o fogo do altar; e sem o teu clarão o homem não suspeitaria o infinito!

Felizes dos que vos acolhem, vos veneram e vos comprehendem!

Amor ! Embalde blasfemam contra ti ! embalde te odeiam ! Embalde te calunham !

Eu te saúdo, porque és a fonte preciosa donde emana a felicidade do homem, felicidade abençoada pela religião do Crucificado, que estendendo os braços sobre uma cruz e do alto do Golgotha, fitando os olhos na humanidade, deixou escapar dos seus divinos lábios este pensamento sagrado, este hymno immortal, esta exclamação sublime : — AMEN VOS UNS AOS OUTROS !...

M. M. dos Reis.

VOLCÕES DA LUA.

(Conclusão.)

Herschel em suas transacções philosophicas de 1792 nos refere que estando a lua inteiramente eclipsada observára em Outubro de 1790 acerca de 150 pontos vermelhos, e luminosos da lua, e attribuo isto a volcões activos, mais o distincto, e immortal Arago disse : « Eu posso afirmar que o illustre astrónomo pasouse por uma illusão, vede em duas palavras a explicação desta singularidade. As diversas partes do nosso satellite não reflectem igualmente, e muitas pessoas sabem quanto certos pontos da lua, brilham mais que os outros, nos eclipses da lua, os raios do sol chogando a nosso satellite por um effeito de refração e pela continuação do effeito de absorpção que devem provar, ao passar pela atmosphera terrestre, não poderão produzir estes supposlos volcões ? »

Ora, quem attentamente tem observado a lua, e seus pontos luminosos, outro sim tem estudado que a intensidade da luz sincenta não é a mesma em todas regiões do nosso satellite assim deve pensar com Arago, e Slong que tambem é da mesma opinião.

As manchas da lua jamais somem-se como acontece com as do sol, em seu corpo não existe alguma coisa que indique a presença da atmosphera, ora, se existisse atmosphera quando a lua passasse perto de um astro devia perturbar seus raios luminosos, como acontece com o planeta Marte.

A existencia de mares ou liquido em sua superficie tambem é inadmis-

sivel; ora se na lua existisse agua esta certamente que evaporaria e o faria nuvens e nós cá na terra com os telescópios observaríamos estas manchas variaveis, demais M. Biot muito bem demonstrou a impossibilidade de tal atmosphera; logo não pode a lua ser habitada por seres similhante aos do nosso globo, salvo se Kircher no seu *ter restitutum* que fez as regiões ethereas demonstrar o contrario e dar enfim a solução de alguns problemas curiosos, taes como se a agua que existe na lua é propria para o baptismo, ou se o vinho que fabrica-se no planeta Jupiter é proprio para para o sacrificio da missa, etc.

Ha duas especies de montanhas lunares, compõe-se a primeira de montanhas distinctas por elevarem subitamente no meio de uma planicie, redondas, e curiosas por extremo, uma dellas denominada Pico tem 9:000 pes de altura; a segunda especie são as cordilheiras semelhantes ás nossas, uma d'estas chamadas Apeninos parece não haver formado a principio senão uma; os Apeninos lunares chegam a ter 18:000 pes acima da base e em outra cordilheira da lua ha picos que chegam a ter 25:000 pes de altura; ha finalmente 22 montanhas cujas alturas excedem ao Monte Branco na Europa.

A occasião melhor para se observar estas eminencias é nos quartos, ou nos oitantes.

Os astrónomos usando hoje do sistema de projecção orthographica já levantaram uma carta do Satellite da terra.

A lua finalmente vem a ser 49 vezes mais pequena que a terra seu diametro anda pela quarta parte do do nosso globo; a distancia media da lua á terra é de 96, 723, leguas de 4 Kilometros, sua luz é 300 mil vezes menor que a do sol. Enquanto que a terra gira uma vez ao redor do sol ella gira 12 vezes em torno da terra: sendo sua sua revolução sideral de 27 dias 7 horas, 43 minutos revolução sidodica de 290, 12 horas, 44 minutos, revolução anomalística de 270, 13 horas, 18 minutos, sua longitude media da epoca $118^{\circ} 12'$, longitude do perigeo $366^{\circ} 10'$, longitude do nó ascendente $13^{\circ} 54'$, a inclinação de sua orbita vem a ser de $5^{\circ} 8'$, movimento medio em longitude, em um dia medio de $13^{\circ} 10'$ anda em 1 minuto 14 leguas, cada um de seus dias, e cada uma de suas noites tem 336 horas.

Muitas estrellas que cá da terra não vemos, lá na lua devem ser viriveis, uma noite na lua deve ser afformoseada dos quados os mais bellos, e seductores, inumeros as outras que não vemos da terra lá devem não seintellar pela auzencia do ar atmospherico, a terra vista da lua deve ser um astro gigantesco com um diametro apparente a cerea de 2° , soffrendo phases, offerecendo em sua face manchas que apparecem, e desaparecem; e se cá da terra o phenomeno de um eclipse do sol nos causa certo horror, que diríamos se lá da lua visse-mos este velho globo andando 300 leguas por hora, fosse lapar a face do do astro que com sua luz tudo vivifica, e abrilhanta!!! O sol eclipsado pela terra!!!

Se no momento que na terra opera-se um eclipse tudo torna-se lugubre; a coroa luminosa nos arrebatá, como não devem o pensamento humano extasiar-se se xando das plagas terrestres, vai em seu altivo vôo pousar cansado sobre as regiões lumares para considerar a terra interposta ao sol, e a lua, um phenomeno mais demorado; uma coroa luminosa mais tranquilla, e soberba! se não admiramos a mão do Supremo Architecto, somos forçados pela razão aremontar outra vez nosso vôo ouzando para terra, e ahí confessar-mos a Omnipotencia, e Deidade do Eterno.

Franklin

FOLHAS SOLTAS

DEUS.

O deslizar doce das horas de felicidades recamadas pelo suave perfume das flores de uma existencia placida e alegre, o esvoaçar meigo da batejante brisa ciclando as folhas da mangueira, o descambar magestoso do sol para o ocaso, o gorgear terno das aves preludiando as viciosas cores da primavera, o cahir somolento das cascatas reproduzindo esse som magestoso e bello; enfim esse encantador e sublime painel da natureza que se desenrolla a nossos olhos nos apresenta a idéa grandiosa, a imagem sublime de Deus!!...

Deus!! o autor do Universo!!... o motor da materia!!...

Deus!! o recinto do amor, da virtude, a fonte dos bens e da gloria!!..

E como não acreditar-se nelle se nossa alma robustecida de fé e esperanza move o coração a crê-lo? Como não acreditar nelle, se nosso coração o sente, se nossos olhos distinguem os seus beneficios?!!...

Para qualquer parte que lancemos os olhos admiramos a sua grandeza!!

Quando o espirito do homem está prestes a desligar-se do corpo e sua alma exhalar o ultimo suspiro, e que elle contempla esse abysmo em que breve hade lançar-se, e vê por entre o véo da morte, a vida tão suspirada a sorrir-lhe os encantos do mundo que não mais gozará e sente ir pouco a pouco apagando a luz de sua existencia, seu coração ainda palpa e elle erguendo seus moribundos olhos para o céu pronuncia uma prece de amor, seus pensamentos se elevam á Deus, e em

sua alma renasce uma esperança doce e enebriante como o doce acorde dos hymnos dos anjos ! !... e elle alegre feliz admira a bondade do Senhor !...

A mãe que abraçada ao grupo dos filhinhos mendiga esfarrapada de porta em porta o pão para sustental-os e o leite para amamental-os ; aperta-os contra o seio e os ensina unindo as suas mãosinhas a rezar a Deus, e a fê se deposita em seu coração ! ! !...

Encostado ao muro da prisão contemplando a belleza do Universo, e os prazeres da vida, o condemnado no exilio chora a patria e a familia, e só tem esperança em Deus !...

O pobre que trabalha noite e dia para matar a fome de sua familia nelle espera o fructo de seu suor.

O naufrago que lançado n'uma taboa vê a morte diante dos olhos e a vida pouco distante com a coragem sobr'natural eleva sua alma a Deus e procura socegado alcançar a praia !

Como é magestoso o canto da natureza saudando a Omnipotencia de Deus !..

Como é feliz o homem que se contemplando, admira a sublimidade do Creador ! !.,

Essas flôres exhalando seus doces perfumes, esses passaros formando em seus cantos, essa orchestra de amor e de gloria traduzem a linguagem sublime d'elle !....

Esse espectaculo medonho e soberbo que se apresenta a nossos olhos quando a natureza se enfurece, essas mil cores que nos deslumbram a vista ; nos mostra a sua grandeza !...

E haverá um homem que revestindo-se em si e contemplando esse mundo de magestade se torne a atheu ? !... ah ! não, não creio.

A alma nos sonhos poeticos, o espirito ao perpassar de suaves pensamentos e o coração no amplexo dos doces prazeres, e nos paroxismo da dor, se curva submisso e agradecido á gloria e poder de Deus !...

Meu coração ama a Deus !....

Minha alma adora a Deus ! !.,

Meu espirito venera a Deus ! !...

Deus poderoso e bom !....

Montenegro

A FLOR

Com razão se comparam as flôres com o amor, que uma mulher de olhares ternos nos inspira.

Na flôr estão symbolicamente e occultos o presente e o passado, hontem e hoje.

Hontem, o dia das illusões, que nos enchiam de gozo ; e hoje o dia tempestuoso que nos lembra o prazer passado.

Hoje vemos ostentar-se linda n'um jardim a mimosa flor matisada de vivissimas cores, exhalando perfumes que nos embriagam; e amanhã a contemplamos desfolhada, sem corolla e sem perfumes.

Eis o quadro da vida. Tudo passa deixando apoz si apenas uma triste recordação.

A historia de uma flor é uma obra de muitos volumes escripta pelo tempo.

A historia de uma mulher não é mais que uma fiel cópia da historia dessa flor.

A mulher ama mais que tudo as flores, procurando as mais bellas para aspirar seus doces aromas.

A flor é a amiga intima da mulher a quem confia ella os seus amores, prazeres e amarguras.

Quantos suspiros d'amor escapam dos purpurinos labios da mulher para se aninharem no formoso calice das flores!

Quantas vezes a namorada denzella murmura junto á corolla de uma flor o nome de seu amante! quantas outras lhe pergunta por elle e quantas lagrimas desprendidas de seus olhos não humedecem as suas petalas!

A flor não viveria sem a mulher, porque ninguem mais lhe prodigalizaria cuidados, porque ninguem sabe cultivar-a como a mulher; e esta poderia acaso passar sem as flores, unicas amigas a quem confia seus suspiros, lagrimas e penas?

A mulher e a flor são duas amigas intimas e inseparaveis, mais do que isso, duas irmãs: a mulher é flor de primoroso matiz, como ella cheia d'espumas e como ella passageira...

Para o homem a flor encerra em si outros pensamentos. A flor é rival que elle sempre contempla com respeito, sem se atrever a tocá-la.

A flor, para o homem, é um objecto sagrado porque sabe que é a favorita da mulher, a contempla com inveja, porque sabe que sua amante a ama e porque sabe tambem que é a confidente dos suspiros que quizera aspirar e das palavras que desejára escutar.

O homem pergunta á flor pelo amor da mulher, buscando entre suas petalas uma recordação que adora; estremece ao ver uma lagrima, ignorando si nasceu dos olhos de sua amante ou si é gotta crystalina do orvalho da manha.

A mulher ama a flor e o homem respeitosa e admira.

A historia de uma flor comprehende-se em duas significativas palavras—*hontem* e *hoje*, ou passado e presente.

Hontem a flor ostentava-se orgulhosa exhalando suaves perfumes; *hoje* triste, desfolhada, roja pelo chão, joguete do vento que a leva de um a outro canto, sem calix, sem perfume e sem cor.

Eis o quadro da vida.

REVISTA THEATRAL.

S. Pedro. Sabbado 8 representou-se o muito conhecido drama a *Gargalhada*, e a comedia o *Tecelão*, e domingo 9 as comedias *D. Cezar de Bazan*, e *Tribulação e Ventura*. O Sr. João Caetano, como sempre, esteve admiravel no papel de *André*. As Sras. D. Leonor, *Adelia* e D. Ricciolini *Sra. Lagrange* trabalharam bem. A Sra. D. Maria Amalia, *Magdalena*, não representou mal, porém esteve muito agarrada ao ponto, o que, em abono da verdade, poucas vezes lhe succede. O Sr. Martinho, *Leopoldo*, continúa como sempre: tem representado este papel mais de duzentas vezes e ainda não o tem de cor!!! Suspenso aos labios do ponto, falla fora de tempo, troca todas as palavras, e estrophia de tal maneira o bello idioma de Camões e João de Barros que, depois de ter passado pelos seus labios, torna-se uma cousa que não tem nome entre os dialectos conhecidos, uma cousa que só se poderá designar com o nome de *linguagem de Martinho*.

Este senhor tem uma habilidade rara: recebe um papel, e na noite do espectáculo, quem o escreven, seja autor ou traductor, desconhece o seu trabalho; ainda mais, representa-o quatro, cinco, e mais vezes consecutivas... e em cada noite é um novo papel, uma linguagem nova!!! E' habilidade de mais!

A comedia o *Tecelão* continúa a agradar e é quasi geralmente bem desempenhada. Ha duas cousas, porém, que me não agradam: apresentar-se a Sra. D. Antonina ricamente vestida no primeiro acto, sendo filha de um militar pobre; e não fallar o Sr. Galvão senão por meio de uma enfadonha cantoria.

Na comedia *D. Cezar de Bazan* desempenharam todos os seus papéis menos a Sra. D. Maria Amalia que, com quanto se caracterisasse hom. do papel da *marqueza de Montefior* fez uma velha ridicula e caricata, uma velha de farça, esquecendo-se que é uma fidalga de antiga linhagem, e cujo unico defeito é ser feia. Nunca pensei que se pudesse descer tanto em uma noite.

Gymnasio. Foi a scena o *Furacão* melodrama que, além de não ter merecimento algum, foi pessimamente desempenhado. O enredo é simples e já muito conhecido.

Mathens, rendeiro do conde de Luceval, recebe em casa uma pobre orpha chamada Jenny, educa-a como sua filha, e attendendo ás suas virtudes tenciona casal-a com seu filho Eloy, porém o conde de Luceval tendo visto a rapariga, namora-se della, faz protesto de tel-a por sua amante, e para seduzil-a envia-lhe, como medianeiro neste negocio, um creado seu por nome Germano, maroto dos quatro costados, o qual em nome do conde lhe offerece mundos e fundos. A menina regeita aquelles offerecimentos, porém um terrivel furacão assola o paiz, devasta a colhieta do velho Mathens, e um raio incendia-lhe a herdade, reduzindo-o á miseria. Jenny, vendo de um lado tamanho infortunio, e do outro

as intrigas de Germano que fazia luzir a seus olhos a esperança de poder soccorrer o seu bemfeitor; desvanada e sem pezar as consequências de tal acção, segue-o ao castello do conde; porém apenas alli chega reflectindo com mais calma, vê diante de si aberto um abysmo em que está a despenhar-se a sua honra, e quer voltar para a companhia dos seus. O conde de Luceval, examinando alguns papeis deixados por seu pai, conhece que Jenny é sua irmã, trata-a com todo o carinho, dá-lhe dinheiro para soccorrer os seus bemfeitores, promette fazer por elles quanto estiver ao seu alcance, e manda levá-la á herdade na sua carruagem. Succede, porém, que Eloy, estando tambem no castello onde fora implorar soccorros, presencia a maneira affavel porque o conde trata a sua noiva, e enganado pelas apparencias, volta desesperado á herdade, onde accusa Jenny de ser a amante do conde de Luceval. Neste interim chega o conde, declara-lhe em particular que aquella menina é sua irmã, e com esta declaração fica Jenny rehabilitada; renasce a alegria em todos os semblantes, Eloy pede-lhe perdão de ter duvidado de sua virtude, casa com ella, e voltam as cousas ao antigo estado. Eis o enredo, passemos á execução.

A Sra. D. Adelaide, *Jenny*, a ingenua da peça, apesar de um *sepponha* por *supponha* e outras coisas que lhe escaparam, falla que é um letrado; argumenta philosophia com o conde, e apresenta idéas muito acima da inculta intelligencia de uma aldeã. Seja a culpa do autor ou do traductor, o caracter é mal desenhado. Porque razão, sendo uma aldeã, apresenta-se no primeiro acto com vestido e meias de seda?... onde foi uma aldeã buscar aquelle rico véo de blonde? porque razão se apresenta com aquelle comprido vestido preto dos nossos dias? Que desembaraço era aquelle em casa do conde?... onde estavam o acanhamento e a timidez proprias de uma menina que se vê a sós e sem defesa em casa de um homem que não conhece, e que, a seu respeito, nutre más intenções? Desconheci inteiramente a Sra. D. Adelaide. O papel foi mal comprehendido e mal executado. Bem quizera *eu* dizer o contrario, porém *eu* não sou *eu*, sou a revista.

O Sr. Pedro Joaquim, *conde de Luceval*, e Graça, *Matheus*, trabalharam bem, e salvariam a peça se alguma cousa a pudesse salvar.

O Sr. Vasques, *Eloy*, não andou mal; porém onde foi buscar aquella enorme barretina e aquella farda?... seria para provocar a hilaridade ou seria rubrica da peça?... Se é, calo-me; o actor não é culpado dos desmandos do autor.

O Sr. Heller, *Germano*, disse todas as palavras com o mesmo tom, engoliu todos os pontos e virgulas, e de um papel engraçado e espirituoso conseguiu fazer um papel enfadonho e aborrecido.

A maneira por que foi mettido em scena o *Furacão* denota completa ausencia de um ensaiador. Como é que depois de um furacão, incendio, desmoronamento e quanta calamidade se lembrou o autor de amentoar, apparecem as aldeãs penteadinhas, assejadas e sem a mais

leve mancha no vestuário, como se acabassem de paramentar-se para uma festa?... o que eram aquelles traineis amarello-escuros que no primeiro acto, estavam ao fundo da scena?... seriam montanhas?... talvez. Por que razão se apresentam no ultimo acto aquelles bastidores de arvores sem folhas, quando o furacão derrubou até a grande nogueira em que se balançavam os avós do velho Mathews?... por que razão apparece no meio da scena aquella arvore solitaria, com todas as suas folhas, e que de mais a mais não appareceu no primeiro acto que apresenta o mesmo lugar algumas horas antes?... Nasceu e cresceu nessas poucas horas?... Por que razão veem-se no primeiro acto cahirem os ramos das arvores cortados pelo raio, ficando as arvores sempre inteiras?... por que razão... mas já basta... *Pau sepultis*: o Furacão está neste caso... já se acha enterrado no vasto cemiterio do porão. A terra lhe seja leve! Tem dado enchentes... de bancos.

S. Januario. — Sabbado foram á scena as comedias *Cosimo* e *Porta falsa*, ambas muito conhecidas. No *Cosimo* a Sra. D. Jesuina trabalhou bem, o Sr. Guilherme, *Cosimo*, não esteve máo, porém o príncipe (o Sr. Guimarães) esteve abaixo de toda a critica.

A *Porta falsa*, que tanto agradou no Gymnasio, é geralmente mal representada, com excepção do Sr. Magalhães. O Sr. Pereira, querendo fazer-se velho, cobre o rosto com uma espessa camada de gesso...

O Sr. Salles Guimarães, sem dó dos pobres espectadores, atira-lhes á face com um *cum effêto* capaz de fazer recuar os mais audazes. A Sra. D. Magdalena, querendo imitar o seu nobre enthusiasmo, entezando o pescoço, diz com toda a seriedade: *é contrario, seccurrer, purtêro, currador* e outras cousinhas do mesmo genero. O Sr. Guilherme tem, no ultimo acto, um dito que deve ser cortado, ou pelo menos modificado... deve saber qual é pelo effeito que produz e pela maneira frisante por que o pronuncia. O scenario é cada vez melhor... sallas velhas e esfarrapadas... mobilia idem... ha porém nesta peça uma cousa que está acima de todos os elogios. O thema principal da comedia é uma porta falsa encoberta por um grande espelho do tamanho da porta, de sorte que o espelho move-se com ella. Pois sabem que espelho apresentaram para encobrir uma porta de uns quinze palmos de altura?... *um espelho de dous palmos quadrados!!!*... É na côrte que se vêem cousas taes!...

O Sr. Martins fez alterações no *Escacha-pecegueiro*... a scena comica é demasiado livre.

A scena comica do Sr. Magalhães, *O Sr. Bento das Pontinhos*, continúa a agradar, e é sempre com justiça applaudida. É uma das mais espirituosas scenas comicas que tem apparecido nos nossos theatros. Parabens ao autor.

A ultima hora. — Percorrendo o *Correio Mercantil* de 10 do corrente, deparei com uma catilnaria de um novo barão de Munkausen, que, embuçado com a capa de Epaminondas, qual novo D. Quichote,

me bradava com voz rouquenha : « Alto lá... chegue a bolos, já que se atreveu a tocar no theatro S. Januario! » De certo não desceria a responder ao supposto Epaminondas, pois bem lhe conheci o disfarce, se a palavra *calumnia* não tivesse sido pronunciada.

Guiado sempre pelo pharol da verdade, nunca fui parcial para este, nem hostilizei aquelle; digo-a nua e crua, e a melhor prova é que, nesse mesmo numero da *Revista*, elogiei a Sra. D. Jesuina, e, convicto da minha imparcialidade, não trepidei em censural-a no que mereceu.

Diz o Sr. Epaminondas que a posição em que se achava a Sra. D. Jesuina não lhe permittia ver que lhe era offerecida uma corôa, que o Sr. Magalhães não a prevenio, que *esse senhor não interromperia a representação para prevenil-a, podendo elle, como fez, ir recebê-la para dar-lhe em occasião opportuna*, que a Sra. D. Jesuina recebeu-a com especial agrado, e que pelas minhas expressões : « *E' um procedimento contrario aos preceitos da civilidade e boa educação* » fui o primeiro a merecer a censura.

Vejamos se tem razão.

A Sra. D. Jesuina estava do lado opposto e de frente para o camarote donde lhe farião o offercimento, portanto não podia deixar de vê-lo, e e fora de to lá a duvida que o Sr. Magalhães prevenio-a; além disto, se não podia esse senhor interromper a representação *nem para prevenil-a*, podia acaso interrompê-la para ir receber uma corôa que não lhe era destinada? Não f... é que o Sr. Magalhães quiz, de alguma maneira, attenuar a desagradavel impressão de tal acontecimento. E' falso que a Sra. D. Jesuina a recebeu com especial agrado : esta senhora nem sequer dignou-se fazer com a cabeça um signal de agradecimento, e se a não collocou sobre a mesa é porque semelhante accão, depois do que se acabava de passar, ultrapassaria as raias da conveniencia; portanto não me pode caber censura alguma pelo que disse, pois que de certo não é civil quem recebe um brinde e o não agradece.

Um ultimo argumento. Se não fosse verdade o que acabo de expôr, e sim o que expoz o Sr. Epaminondas, ter-se-hia o publico pronunciado, como o fez, contra a Sra. D. Jesuina? Certamente que não. Os subterfugios que procurou o Sr. Epaminondas são tão mal arrançados que ainda mais corroboram a minha primeira asserção, e delles collige-se que, talvez por um momento de irreflexão, teve lugar esse acontecimento, que, a todo custo, quer negar por não ser muito airoso. Enfim... Quem conhece o seu erro e se arrepende, merece indulgencia.

Seja Lillo.

A decifração do 1.º problema do numero passado, é a seguinte :

Poderá ter-se 31, representando os tres reis — Luiz XVII — Fernando VII e D. João VI.

Do 2.º Seja o numero *pa* — 50 em tetra romana — L — os numeros impares — I e V — as duas letras alphabeticas — RO —

ANTES E DEPOIS

NOVELLA.

Continuação

V

Apresso-me, continuou Alberto, em chegar á acção, ao nó do drama. Encontramo-nos, Antonieta e eu, em um baile, em casa de uma sua antiga parente, que tinha para mostrar os seus antigos sessenta annos, emoldurados em um vestido de seda amarella, com ramagens brancas e de duas ordens de folhos na barra: era uma recordação, feliz ou não, da sua mocidade, que florescera em 1822. En via-a, no seu salão, fazendo as honras de sua casa, com aquella urbanidade toda graciosa, que obriga mais do que ao reconhecimento, quando é exercida por uma mulher moça, e que se torna summiamente ridicula quando a ella se junta a affectação e a velhice da tia de Antonieta. Esse termo — tia — escapou-me da penha; é o verdadeiro se julgarem, pelas relações do sangue, a pessoa a quem á dirijo, mas pelas relações moraes entre a joven e melancolica senhora e a dona da casa, elle não pôde em rigor ser applicado. As tias são em geral a peça principal na machina de uma familia; peça tanto mais importante quanto menos vista é. Atam-se e desatam-se os negocios de uma sobrinha; e ao imprevisto de um acontecimento, ao apparecimento repentino de uma circumstancia, ao inesperado de uma resolução, acha-se ligada uma tia, que ninguem descobre, mas que existe; que governa, mas que não reina. Não acontecia o mesmo com Antonieta; sua tia sabia apenas que tinha a mais formosa sobrinha e a mais rica herdeira do lugar; esperava tranquillamente, como um acto do destino, o seu casamento, que lhe proporcionaria a oportunidade de mostrar ainda uma vez o seu vestido de ramagens, que nesse momento provocava o espirito e o riso dos seus convidados. — Data do primeiro reinado. — O vestido ou a proprietaria do vestido? — O padrão attesta quão informe era ainda o gosto publico na mocidade daquelle vestido; as modistas estavam ainda por inventar. — As marquizes do seculo XVIII deveram usar, senão daquelle padrão, ao menos daquellas cores vivas e antipathicas; assim, aquelle vestido é uma recordação historica, mas franceza pelo estilo. — Estas observações maliciosas faziam-se a um canto do salão entre os grupos de rapazes, como os ha em todos os bailes, que deixariam de ser para dansar, se já não tivessem deixado de dansar para fallar.

Antonietta estava sentada tão perto do lugar onde a maledicencia, maledicencia fina e verdade, mas sempre maledicencia, se desdobrava com mandada intrepidez, e ouvia a conversação, humilhada e silenciosa, não ousando levantar-se, para que não houvesse mais um pretexto para os palhaçoes.

Ela observava-a com dó e com curiosidade ao mesmo tempo; conhecia a agonia em que o seu orgulho lutava com a sua vaidade; marcaria, com uma exactidão notavel, os graos por que ia subindo a sua indignação até chegar á manifestação.

Tinha o rosto corado, a fronte enrugada, e despedia dos olhos um olhar indifferente sobre o salão, e ao mesmo tempo cheio de uma colera que a educação a obrigava a calar, como se não ouvisse o que se dizia, ouvera ser um supplicio.

O vestido de ramagens de sua tia far-lhe-hia soffrer tanto? Será verdade que é um martyrio para uma mulher offender-a, ainda mesmo indirectamente, na sua vaidade? Não bayeria naquella cidade, naquella reunião, entre todos aquelles homens moços, um rosto que não lhe fosse indifferente, um olhar que correspondesse ao seu, um homem, cujos movimentos e cujas phrases fossem analysadas por ella? Impossivel.

— Aquelle vestido implica esta pergunta, já estabelecida por Gavarini. Onde acaba o retrato e onde começa a caricatura? — Os vestidos velhos de uma mulher moça guardam ainda alguma graça, alguma forma, alguma coisa de quem o usou; mas o vestido velho de uma mulher velha é uma inutilidade que se não explica, é um objecto sem valor moral; no primeiro caso a admiração é possível; no segundo, um momento de attenção já é um rasgo de heroismo. — Entre aquella senhora, amarella como o seu vestido, e aquelle vestido velho como aquella senhora, ha relações intimas de connexão, que o proprio Balzac não explicaria. — Completam-se um a outro; são partes integrantes de um mesmo todo: explicam-se mutuamente. Já o disseram: ainda havemos de voltar ao estudo das sciencias occultas. — A orchestra começara uma valsa, que Antonietta me havia prometido. Foi ter com ella, e depois de havermos dado umas duas voltas apenas, estabeleceu-se entre nós o seguinte dialogo:

— Este baile não marcará para mim. É uma noite feliz.... tenho-a visto tão preoccupada, tão triste como nos dias ordinarios. Parece que para as senhoras um baile não offerece tanto prazer senão quanto ellas nelle querem achar.

— O baile não dá alegrias a quem não as tem, nem dissipa a tristeza senão dos que têm a coragem de esquecer em uma valsa que ha pessoas que soffem dores purgantes de coração e que não querem....

— Ou que não podem? disse eu rindo.

— Que não que não ou que não podem ser consoladas. Querer e poder neste caso são synonymos.

— V. Ex. dá-me licença que seja franco?

Antonieta rio-se como que prevendo o que tinha a dizer-lhe.

— A sua preocupação constante, o seu trato frio e indiferente, a gravidade da sua conversação e os seus juízos sobre a sociedade affligem-me e assustam-me sobre a sua felicidade, minha senhora!

— Permite-me agora que seja franca por minha vez?

Inclinei-me.

— Eu soffro por mim e soffro pelo homem que me ama e que eu amo : soffro duas vezes. Bem vê que a minha tristeza é legítima ; se estivesse alegre, teria remorsos ao depois. O contentamento é para aquelles senhores que fazem espirito. Temol-o, minha familia e eu, recebido em nossa casa como um amigo ; o senhor já conquistou as sympathias de minha mãe e a amizade íntima de meu pai ; começa agora a conquistar as minhas confidencias ; pedir-lhe segredo seria offender a sua discreção, assim....

— Mas promette-me ao menos narrar-me a sua historia?

Antonieta desatou a rir. Sua tia passara diante de seus olhos... em uma volta de valsa!

(Continua).

J. Vasconcellos

IDÉA SOBRE UM LIVRO.

(SOMBRAS E SONHOS DO DR. TEIXEIRA DE MELLO)

I.

Nem sou eu o primeiro a fallar do autor das Sombras e sonhos, o Sr. Teixeira de Mello, nem o ultimo a render-lhe o incentivo merecido. Muitos são os que d'elle se têm occupado ; mas poucos os que têm publicado o que a respeito pensam : e, destes poucos, muito pouco se tem colhido, porque do que se tem manifestado, vê-se claramente que quasi nada se tem dito.

A não ser uma pequena narração de alguns defeitos do autor a que ora me refiro, defeitos que se a boa critica não os elogia ou applaude, ao menos não faz delles cavallo de batalha, apresentando-os como o fructo de suas applicadas investigações, nada mais tenho lido do que um ou outro frio e laconico elogio.

Praze, porém, ao céo que aquelles que ainda tenham que dizer, a respeito das bonas e más, não sejam tão severos e resumidos, como os seus poucos predecessores; ou, se o forem, não vendam os olhos, ao menos nos pontos onde a verdadeira critica litteraria manda que se pare, se veja, se repare, se aprecie enfim, o merito do autor que se analyse.

Ja vai tempo em que, sobralado os defeitos de sobra influiam no juizo que se deveria dar a qualquer producao litteraria ou scientifica: hoje o movimento que a ollar se ajunta é proporcional ao maior ou menor numero de bellas que em uma se lejam, ou de principios que na outra se desenvolvam: a critica maior ou menor somma de conhecimentos e erudição, que revela o autor, que se tem em vista analysar. E é por isso que pouco ou nenhum é o merito que se dá a essas simples composições que, embora appareçam, mostram na escola da indiferença.

É preciso concordarmos que estamos em uma época toda de melhoramentos e peria lidade; que o progresso é a civilização tem encontrado tal apoio pela massa do povo, que esta vai de dia para dia mais se aperfeiçoando nas regras do bom gosto, e desenvolvendo-se nas regiões do bom senso; e que desta sorte todo aquelle que tiver no intento apresentar-lhe uma desharmonia rhythmica, oratoria, ou um qualquer paradoxo, nada mais fará do que repetir-lhe aquillo que elle já sabia, muito antes de se lhe apontar ao dedo.

Entretanto este é o systema que vai guiando a nossa mocidade nas suas operações analyticas. O autor que lhe cahe nas mãos é julgado, não pelo que tem bom, mas pelo que tem de máo; e esse máo é muitas vezes aquelle que desculpa Horacio: « *Quandoque bonus...* »

Não quero que não se aponte defeitos em um escriptor, não; julgó até esse um meio de corrigir-o: mas não posso levar á paciencia a que deixem desapercebidos aquelles topicos donde resalta o bello, e donde muitas vezes sorve-se o sublime.

Voltaire, a aguja de Luiz XIV, esse espirito mordaz e penetrante, que, como um raio do eterno, falcava por entre a população, que cega o venerava; para quem La Fontaine não passava de um mediano fabulista, dizia analysando os *Camões*: « *Camões cabe sempre em taes disparates* » por quem de muitas de suas anachronicas, ter lido Vasco fallar com Ulysses e Enca. Mas notando a maneira admiravel por que Camões narrava os diversos episodios, com uma arte que lhe parecia divina, disse: « *Tout cela prouve enfin que l'ouvrage est plein de grandes beautés, puisque depuis deux cents ans il fait les delices de une nation spirituelle.* »

Quando se lê uma qualquer critica sobre uma obra qualquer, lêem-se e analysam-se dois autores. É triste, porém, quando do segundo não se faz uma idea clara do primeiro.

Se uma obra merece o trabalho de uma analyse, não tenha esta só-

mente por fim apresentar defeitos no autor; incumbu-se tambem de justa e intelligentemente não occultar o que ha de util e agradável no desenvolvimento da leitura que emprehe para que verdadeiramente não perca o tempo o leitor que se dispõe a lê-la.

Quando Azevedo (M. A. A.) analysa o Jacques Rolla de Alfredo de Musset, o Aldo, o Rimado de Jorge Sand; quando dirigindo-se para as plagas do norte, ali estuda a Arabia e a India, e vai depois a Portugal distinguir a phase heroica da phase negra, isto é, os vultos de Figueira e Camões do de Bocage, o enyenho darminho na perdicao, e como Marlowe — *sauida do corpo e alma*, não ha quem se não enebrie com tal leitura, e quem não aprenda mesmo de semelhantes analyses.

Lêde lord Byron por M^{me} Louise Sir Belloc, e vede se em cada uma de suas pagmas, não vedes o mesmo Byron fallando... E entretanto uma analyse das obras do libertino inglêz.

E' assim que um trabalho critico tem merecimento: e escolhendo-se o que ha de bom, porque esse é um meio de trahir os defeitos, e não apontando-se o que somente é mau, porque deste modo leva-se a creença de que nada ha de bom.

Não me arvoreo litterato; não tenho os foros para tal fim necessario, que, sei, importam tempo e estudo; e por isso não analysarei a obra de que fallei-vos no principio; destina-a antes para mais habéis pennis. Sómente apontarei alguns trechos, com algumas observações, que me pareceram verdadeiras, os quaes têm escapado a apreciação daquelles que têm analysado as SOMBRAS E SONHOS....

(Continúa.)

Capitulo da Silva

O SR. ANDRÉ.

I.

Em uma chacara no campo de S. Christovão, vivia em 1842, uma nobre e honrada familia, da provincia de Minas, composta dos chefes e de uma interessante menina de 15 annos de idade. D. Brites era o modelo das virtudes e das graças da infancia; era um anjo com toda a sua louçania e candidez.

Na cidade de Ouro-Preto, nascôra sobre aquelles frias serrainhas essa mimosa florsinha, que aos raios do sol esplendido do Guanabara,

desprendera-se vagosa dos dias de incerta felicidade que lhe antolhava o futuro!

A família do joven mineiro possuía uma consideravel fortuna, e de ante-mão se podia avaliar o grande numero de precedentes á sua mão para esposa! D. Brites, sempre alegre, sorria-se maliciosamente todas as vezes que a boa-mãe lhe apresentava a proposta de um novo candidato.

— Ainda cedo, minha filha! dizia ella, e correndo ligeiramente lá pedir ao pupai uma nova telexa, e o bom do velho sempre condescendente despedia polidamente os namorados das graças e perfeições de sua filha, ou com mais certeza, os namorados de seu bello e avulhado *dois*!

Entre os aspirantes á nobreza galante mineira, havia um negociante portuguez, que vivendo na vizinhança do commendador Fernando, o pai de D. Brites, não sentava nem pensava n'outra coisa senão naquella união que lhe augmentaria repentinamente o commercio.

D. Brites, escarneo tanto das effadellas enternecidas do Sr. André, como dos mais doces e vehementes protestos dos *leões da moda*; porém, se antes desanimava com os pedidos de servirem de brinco a uma caprichosa e travessa menina, aquelle seguia com duplice tenacidade nas suas intenções.

Ha no coração dos homens de commercio uma força de tão grande vontade, em tudo que lhes augmenta o activo, assim como nos calculos de astronomia; uma força de paciencia no desenvolvimento dos — a.

II.

Existe tambem uma lei constante e invariavel na organização geral do mundo, e que depois dos grandes effeitos, seguem-se poderosas reacções: assim a travessa menina que se sorria das declarações do Sr. André, e das poeticas homenagens dos *dandys*, chegou um dia em que os sorrisos fugiram-lhe das labios, a cor das faces, e sentio sob o fina gaze de seu vestido o coração bater-lhe, como nunca o sentira até então!

F poucos dias antes, tinha sido apresentado em um *soirée* que deo o commendador Fernando, um elegante moço, cujo nome era geralmente respeitado como o de um advogado habil e talentoso. O Dr. Augusto, sem possuir uma grande fortuna, vivia satisfeito e feliz da pequena herança que recebera de seus pais, em uma pequena e romantica casa da rua do Mercury, onde entregava continuamente aos estudos adquiria solidos conhecimentos.

Vendo a mimosa filha do commendador Fernando, admirando naquella testa o transumpto das bellezas celestes, o joven advogado comprehendeu chegada a hora de pagar o seu tributo ao travesso menino vendado!

Depois de uma walsa de alguns momentos, em que sentia o coração daquelle anjinho palpar de encontro ao seo, até então virgem de

amor, o moço comprehendendo que dali em diante sua vida seria um ermo, se aquella angelica menina regatasse os affectos ardentes que sentia provar seu peito. Porém não! Seus corações voaram na mesma direcção, arrastados pelo mesmo fluido, e no fim do *sorrido* o moço estava radiante de felicidade: a jovem Brites, pela primeira vez pensativa, o Sr. André, furioso como um dragão, pois presentia que aquella tristeza roubava-lhe a esperanza do dote!

(Continua.)

JOÃO DE BARROS.

O *João de Barros* é um passaro muito vulgar na provincia de Minas, e que revela por si só que Deos estabeleceu no universo, uma admiravel harmonia.

A grande habilidade que o *Castor* apresenta na edificação de suas moradas, em formar esses diques que represam as torrentes, é um facto que desafia a nossa curiosidade; porém, a pequena casa que o *João de Barros* construe nos galhos e ramagens de altivas arvores, a simetria que se observa em seu aposento, e o plano adaptado as suas commodidades, por si só basta, para excitar a mais viva admiração.

O *João de Barros* é um passaro regular, do tamanho de um Birro, geralmente da cor de oliveira; o canto activo e com certa particularidade que não se póde descrever; este passaro é singular edifica sua morada, como dissemos, nos galhos das arvores, disposta da maneira seguinte: a casa tem uma só porta, que dá para uma pequena sala, na qual ha outra porta, que dá para um quartinho, convém notar, que a disposição da sala, em sua forma geometrica, em relação ao quartinho, apresenta a forma de um spiral, forma que serve de obstaculo para que os Tucanos ahi não penetrem seus compridos bicos, e não causem estragos a seus filhinhos.

O *João de Barros* edifica suas casas desta maneira: primeiramente, o macho, e a femêa amassam com os pés na beira dos regatos, rios, ou pantanos, o barro, misturado com capim, ou outros detritos vegetaes que encontram á superficie desses lugares; depois de amassado levam-o até alongar destinado á construcção dos aposentos; depositado ali começa um a estende-lo na superficie do galho da arvore, e a alisa-lo com o bico; é o assoalho da casa.

Depois disto levantam as paredes lateraes, conservando sempre o lugar da porta: chegadas as paredes á altura de meio palmo vão fechando o tecto; dando por tudo o diametro da altura do edificio cerca de um palmo: concluido o tecto, formam a parede que divide a sala do quartinho.

E curiosa a modo pague socorrer! — *o João de Barros* trabalha em quanto que um carrega o barro, em seu lado, o outro se incansavelmente levanta os alhorres da morada, recebe a pequena bola de barro que o conductor deixa, e lançando-a nas paredes estende-a com o dedo, e este mesmo lhe serve de colher de rebocador para alisar as superfícies cheias de asperezas. muitas vezes succede que o barro em razão do calor fica muito duro, ou quasi que secco; o que faz o *João de Barros*?

Vai para onde existe agua, molha-se todo, e sentando-se nas paredes de sua casa, ali a esborrifa com suas azas; e começa depois a trabalhar. Muitas vezes tive occasião de observar o seguinte facto, que é cheio de curiosidade: a cabada a quantidade do barro que o outro tinha conduzido, o architecto trabalhador escorava, e quando a demora do outro ia se prolongando, o architecto chegava ao topo de arvore, e rompia em um cântico; ao longe respondia o outro passaro, e logo vinha este trazendo o barro.

O trabalho destes passaros as mais das vezes é alternado: um conduz o barro e outro o capim.

Na verdade que isto nos surprehende, e desafia a nossa curiosidade.

Outro phenomeno singular que o *João de Barros* apresenta é o de edificar a porta da sua casa, para aquelle ponto do horizonte, menos sujeito a trovoadas, a chuvas tempestuosas; e em cada anno muda de caso, e se os ventos chuvosos tomam outra direcção no horizonte, estes passaros novamente vão construir outras moradas.

Os camponeses da Minas costumam a indicar de que lado do horizonte será mais chuvoso no anno que decorre, fazem observando para que lado do horizonte o *João de Barros*, edificou a porta da sua morada.

Assim pois, neste anno de 1861 as portas estão para S. O., nas casas que se no municipio de Avaruaçu; e é exakte que as tempestades nesses lugares tem vindo do N. E. ponto opposto; e esta mudança de porta, teve lugar na entrada da primavera.

E diga-se que o *João de Barros* é um excellent Physico?!

E podes, leitores, observar uma singularidade conjugal no meio do casal do *João de Barros*? — pois escuta!

A esposa dorme no quarto, onde ha o seu leito macio, e o esposo como vigilante sentinella, fica repousando na silla.

E não será este *João de Barros* um passaro curioso, e digno de se estudar pelo homem zangado desta ordem, e harmonia que existe entre todos os seres?

Creemos que sim.

Rio de Janeiro 14 de Junho de 1861

Franklin.

AMOR.

Marília, meus olhos viram uma flor tão pura, e tão bella que a sua cor atrevia-se a emular a de tuas faces! Era uma flor colhida nos jardins da aurora perfumando o vento, que roçando-lhe o cato seio vinha roubar-lhe um beijo de ternura!

Era uma flor das que vivem nos vergeis desse pequeno tyranno, que achando-se no peito de algum insensato, como um alvo para ellas atremessa os seus farpões! E contemplei-a... ella era o resumo de todos os encantos que se podem ver nos céos e na terra! Não a conheceras tu?— Vai, Marília, mirar-te na lisa superficie de um lago, ou colloca os teus ouvidos no meu peito, e escuta esse nome que o meu coração profere!

Cada pulsação, uma letra, cada arqueijo, uma syllaba, e o seu amor, uma palavra! Amor! palavra doce quando pende dos labios da donzella; amor!... insondavel mysterio quando o profere apaixonado poeta; amor!... louco delirio do mancebo desvairado; amor!... ardentes chammadas de incendiado volcão!

Por ti, se escuta no escondido ninho, o lento pipillar das aves; por ti, elevando-se o homem em profundo meditar ao creator reconhece o seu Deus, e procura observar as suas leis; por ti, apraz a donzella os delectos da vida, quando filtras em su alma tem magico poder!

E' pois, Marília, n'este momento que o amor nos offerece os encantos dos gozos divinos, o nos faz olvidar os seus apreciaveis delectos. E' neste momento, doce, como a expressão da virgem, profundo, como o pensamento do poeta, extremo, como o do mancebo delirante, ardente, como os desejos dest'alma.

Oh! Marília, eu te amo, como nunca se amou.

R. * * *

AO SOL.

IMITAÇÃO.

Que fazes—possante—no ar dominando
Teu fogo espalhando—por montes e valles?...
Revela quem deu-te tamanho poder;
Revela o teu ser—revela, não cales.

O mundo se agita apenas despontas,
Apenas apontas—ao longe fulgindo;
Mil hymnos da terra ao céu se levantam
Das aves que cantam—aos ninhos fugindo.

Do prado as florinhas esperam contentes
Teus beijos ardentes replectos de amor,
A relva mimosa de orvalho banhada
Espera curvada—teu doce calor.

Em toda a Natura renasce alegria
Apenas o dia—em teu carro se mostra
Até do deserto e selvagem feroz
Correndo veloz—contracto se prostra.

Que mago deleite, que doce languor
Teu vivo calor—nos lança dos ares
Nas horas da sêsta, lá quando dominas
As verdes campinas—o leito dos mares!...

Então tu imperas da brisa aos bafejos
Mil loucos desejos—fazendo sonhar,
Porem—sobranceiro—ao mundo sorrindo
Tu vás proseguindo—no teu caminhar.

E quando completas teu gyro no espaço
E vás no regaço—do mar t'inclinando
Que santo mysterio! que doce magia
Que meiga poesia! vás tu espalhando!...

Do prado os cantores te mandam do seio
Em doce gorgueio canções sonoras,
Nas azas da brisa te mandam as flores
Suaves odores—das petalas mimosas.

Oh Sol!... quem és tu, que lá dessa altura,
A toda a Natura—dás tanto esplendor?...
E's rei do Universo do céu habitante
Ou tacho brilhante—nas mãos do Senhor?...

Ah !... diz-me o segredo de tua existencia
Revela a essencia—que encerras comigo
A' luz de teus raios em basta floresta
Nas horas da sesta— *conversa comigo.*

A. J. de Sousa.

Junho de 1864.

CHARADA.

Cinco, seis, um tenho em mim :
So uma perna se me ajunta,
Uma tripeça é meu fim,
E em tal caso a quem pergunta,
Responderei bem, assi:
— Já não stou lá, stou aqui.

1

Quanto a nós todos deveu
Nos ultimos trances Roma ? !
Porém de mim se esqueceu,
Nem de minhas irmãs toma
Nota, ou menção faz a historia,
Que aos companheiros dá gloria.

2

CONCEITO.

Lembro Lucio Junio Bruto,
O inimigo dos tyranos ;
Mil horrores executo,
E combino horrendos planos,
Porque obedecer não posso
A' regra do Padre-nosso.

J. J. Correia de Almeida

REVISTA THEATRAL.

S. Pedro. Teve lugar o beneficio da sociedade portugueza *Amante da Monarchia e Beneficente* com todo o espectaculo annuciado. O drama já todos o conhecem : é uma das mais bellas perolas da corôa srlistica do Sr. João Caetano. A poesia *Vasco da Gama* recitada pela Sra. D. Ludovina é bem escripta, e em toda ella transluz o enthusiasmo pelas cousas da patria.

Sexta-feira 14 representou-se *A mãe e a filha* excellente drama de assumpto familiar, e que é uma proveitosa lição para a mocidade inconsiderada. Em geral foi bem desempenhado.

Domingo 16 deu-se uma occurrencia bastante desagradavel. Quando acabava o Sr. Simões de representar o *Manoel d'Abalada*, quiz um espectador desfeiteal-o batendo com os pés em signal de desapprovação. Tão injusta foi esta acção praticada contra nm artista de merecimento, e que, com toda a mestria, acabava de reproduzir e sustentar o typo e linguagem de nm saloio, que, cheio de indignação, levantaram-se os espectadores em massa e repilliram o insulto fazendo-o recahir sobre o agressor. Como artista não merecia o Sr. Simões a desfeita que um mal intencionado tentou fazer-lhe, e deve estar satisfeito pela maneira decisiva porque se pronunciou o publico em seu favor.

Gymnasio. A unica novidade é a representação da comedia « *As proezas de Richelieu* » fazendo o papel do joven duque a Sra. D. Adelaide que, não excedeu mas igualou as Sras. D. Veluti e Eugénia Camara que já com bastante aceitação, fizeram este papel. Não sou dos que hostiliam por sistema, ou por motivos particulares; a verdade é sempre o meu norte, e confesso que o Richelieu de hoje fez-me esquecer um pouco a Jenny de hontem. Os mais artistas trabalharam regularmente

S. Januario. *Diana de Rione e Porta-falsa*—Já fallei de ambas e por isso aguardo cousa nova.

Forgo Lillo.

Ao Sr. *Epaminondas*. Quando S. S. avançou a dizer que eu faltára a verdade, respondi-lhe provando a veracidade das minhas palavras; porem agora que S. S., já não refutando o que eu disse, mostra com expressões que não me compete qualificar, desejos de uma questão pelos jornaes, dir-lhe-hei que não acceito a luya *por estar suja*, e que não lhe responderei, ainda quando em novas correspondencias a isso me desafie, pois que o publico sensato já decidiu quem havia mentido.

ANTES E DEPOIS

NOVELLA.

(Continuação.)

VI.

Antonieta amava e em segredo ; occultava a sua afeição ás pessoas, que a cercavam ; como todos os espiritos poeticos comprazia-se no isolamento, cultivando na solidão o sentimento mais puro, que nos é dado nutrir. Ella narrou-me uma tarde, passeando por entre aquelles saudosos arvoredos de sua casa, a historia dos seus amores. Foi isso pouco depois do baile, em que a sua indscrição me revelára o segredo de sua existencia. O crepusculo cahia sobre a terra ; as virações frescas da tarde, impregnadas dos perfumes das flôres agitava as arvores ; as orlas do horizonte tingiam-se das côres variegadas do iris ; corria tanta saudade e tanta poezia naquella hora tão melancolica, e a narração d'Antonieta estava tão adaptada á hora, que nunca esquecerei os curtos momentos, que ali passámos.

Entre o sentimento puro e candido que lhe brotára do coração como uma veia d'agua, d'uma fonte, e o sentimento que a sociedade convençãoou chamar—amor—e que é o resultado de sentimentos estranhos a essa afeição, havia a profunda distincção que separa tudo, que nasce de uma alma habituada á contemplação serena da natureza, e o que vem da alma, afadigada nos asperos desencontros sociaes. Uma mulher da capital rir-so-bia do amor d'Antonieta ; Antonieta não comprehendia o amor d'uma mulher da capital. O amor daquella implicava a caridade christã : um moço que não conhecêra pai nem mãe ; nem amigos o lisongeavam, nem inimigos o exaltavam com a calúnia ; sem protecção e sem esperanças que não fossem nas suas proprias forças ; entregue a si mesmo face a face com a sociedade em que deveria conquistar um lugar, e onde tão difficil é o accesso ao mais humilde, esse moço tinha a sustentar uma luta de todos os dias, luta desconhecida e tenaz, onde havia cem probabilidades contra noventa e nove de se tornar um homem perdido ou um homem conceituado, rico e influente.

Essa luta, em que esse moço de vinte annos perdia as suas melhores illusões—as dos vinte annos!—no fundo obscuro e humido d'um es-

criptorio de commercio, é commum a todos aquelles que leem chegado a uma posição eminente, depois de terem atravessado as horas difficeis d'uma existencia ignorada.

Faz-se mister uma coragem sobrehumana para se encarar e aceitar a sangue frio as injusticas, as mil e uma saliencias sociaes, que chocam os espiritos timoratos ; é rigorosamente necessario uma perseverança, que não conheça um só instante de duvida ; faz-se um homem martyr, com a esperanza de menos de obter o céu como recompensa ; e quando os sentimentos da inferioridade de posição, e ao amor proprio offendido com o espectáculo das distincções entre pobres e ricos, accresce uma certa allivez natural, então a dedicação ao trabalho rude torna-se um heroismo de todas as horas ; e se ao cabo o triumpho vem coroar essa longa série de dias attribulados, elle já nos encontra sem forças, e o habito das privações torna-o inutil. Não comprehendendo os gozós do mundo, julgamos os outros igualmente dispensados de os procurarem : é isso o que justifica o egoismo de certos homens. Mas, quando em vez do triumpho, chega o desengano absoluto, sobreveem a duvida terrivel de termos errado o nosso caminho, então a devassidão é provavel, ou o suicidio se torna possivel. Para os que succumbem nessa luta, de que não ha historiador, o esquecimento, que lhe prodigalisamos encobre os espinhos, que feriram a alma dos que succumbiram, e que não dão de ferir a alma dos que passarem por ella.

J. Vasconcellos.

(Continua.)

IMPRESSÕES

SOBRE AFRICA OCCIDENTAL (1)

Ao correr da penna.

O receio de que estes nossos — *apontamentos* — aborrecessem ao leitor já cansado de ver tantas paginas confiadas á nossa penna, duas vezes nos impoz silencio e por consequencia a suspensão deste trabalho ; mas o dever nos apontou a dedicatoria é a pessoa a quem o haviamos dedicado. E' simplesmente por esse motivo que o continuamos.

A. de Castilho.

(1) Vem da Revista Luso Brasileiro.—ns. 1, 2 e 5.

BATALHAS.

Se bem nos recorda, era este o ponto de que tratavamos.

Prosigamos, que bem vasta é a materia que elle nos offerece.

Quantos dos nossos leitores não estarão dizendo pela boca pequena que ou a ironia de que nos servimos é movida pelo despeito de alguma retirada pouco airosa que nos obrigassem a fazer ou que o que por ali se lê, estratado da correspondencia daquellas possessões, não são mais do que... Seja lá'o que fôr; cada qual que responda por si: quanto a nós não fazemos mais do que repetir o que lá diziamos—*poucas mil praças avassalam o reino do Congo*.

E se por ventura alguém suppõe insufficiente o que já dissemos para confirmar esta asserção, para o que é preciso ser um pouco exigente, vamos convencer-o agora, copiando do nosso canhenho alguns apontamentos e recordando alguns factos.

Valha-nos Deus, que andamos mal de cabeça: tomemos de novo a estrada real, e lembrando-nos o rifão despresemos os atalhos.

Ha no Congo, oito leguas pouco mais ou menos a distancia da 2.^a divisão de *Quimalenso*, uma sansala conhecida pelo—*Quixino*. —Marchavamos do Bembe em direcção áquella divisão, quando a *guarda avançada* nos deu parte de que grande numero de povo se avistava n'uma das entradas da sansala. O governador, que então commandava uma pequena força composta de 400 praças de infantaria e uma boca de fogo de calibre 6, ordenou que continuássemos a marcha esperando o seu ataque. A mór parte d'entre os officiaes, pedimos para que se fizesse um tiro de balla rasa do que o governador de principio não annuiu por isso que o nosso *potente* inimigo tem por habito fugir a unhas de cavallo mal suppoem que o *ndoky ampuêne* (2) lhe irá fazer avaria e voltarem depois vingando-se na apupada se o tiro lhes não causa destroço. Tanto porem instámos e não sei-se mesmo implorámos, o certo é que aquelle mais por condescendencia ao que por convicção de utilidade, mandou fazer alto e assestar a peça em lugar conveniente.

Ou fosse acaso ou obra da Providencia o certo é que, apenas disparado o tiro vimos uma nuvem de poeira cobrir o terreno occupado pelo gentio.

Avançando um *pelotão* conheceu-se que o tiro comquanto disparado com pontaria incerta, que a altura do capim não deixára fazer perfeita, produzira o desejado fim. Um corpo sem tronco, um outro extrabuxando e algum sangue no caminho que conduzia á sansala, substituíra o grande troço de *valentes* de ante mão preparados, quem sabe se para nos fazer debandar.

Em conclusão; no dia seguinte pelas oito horas da manhã, perante a nossa força prestava juramento de vassallagem perpetua o *poderosissimo* Soba do—*Quixino*.

Que animo forte! Que terrivel inimigo!

Inda mais um exemplo.

(2) Feiticeiro grande—é como chamam as bocas de fogo.

Depois de queimada e devastada a sansala da *Quiuanguilla* de que já fallámos, o povo dellas entusiasta do *malavo* como o inglez do *Port Wine* entendeu não dever deixar á descripção o rico palmar que possuía junto ás suas antigas habitações: para poderem pois, segundo supunham, aproveitar-se a seu salvo daquella pequena parte de suas perdidas riquezas, foram estabelecer-se no cimo de um morro não longe do lugar que antigamente occupavam. Quiz tambem o acaso que podessemos capturar um dos espiões delles, que com meia duzia de *quicuangas* vinha ao nosso acampamento, a pretexto de vendel-as, mas com o fim de poder diariamente informar o seu Soba do que entre nós se passava. Não foram precisos anginhos nem ameaças para o fazer confessar onde estavam os seus companheiros: um pequeno copo de aguardente e meia duzia de coraes operou o milagre.

Dediquemos aqui uma lagrima á memoria deste fiel vassallo que tão impiamente fusillámos mais tarde no seu proprio povo, bem perto da sua gente.

No dia seguinte, eis-nos de novo em marcha para o lugar onde já anteriormente tínhamos encontrado por inimigos, respeitaveis palmeiras de melhores tempos. Chegados ao local em que a antiga sansala tinha sido edificada, disse-nos o guia que a nova sansala estava estabelecida n'um morro que nos ficava á esquerda e que calculo de 600 pés aproximadamente: em compensação da generosidade que tivera para com nosco, o intelligente guia entendeu dever pregar-nos este logro, aliás bem desculpavel, receiando talvez desanimar-nos, se disesse que em lugar de um, eram tres. Subimos o primeiro e só chegados acima, torrados pelo sol, exhaustos de cansaço e mortos de sede, nos conhecemos victimas da tal *peça* a que não achamos espirito nenhum: avistámos a nova sansala em projecto, é verdade, mas só lá podemos chegar deixando sobre o primeiro morro uma pequena *peça* de calibre 1 que levávamos, e descendo sentados porque nos foi impossivel descel-o de outra sorte.

Na baixa deste despinhadeiro havia uma densa malta: era por entre ella o caminho de que se serviam, porque alem do agradavel era curto: vinte homens com armas e munições, bastariam para nos desimar; mas qual! Dotados da mais reconhecida generosidade, deixaram-nos o campo livre e o que é mais, porcos, cabras e carneiros que deram á farta para toda a gente que levavam os que, inclusive carregadores, no numero de 1.200 montava a 1.400 homens pouco mais ou menos.

Mais uma reconhecida prova de verdadeira coragem, e de singular denodo!

A' vista disto...

*Digam os sabios da escriptura.
Que segredos são estes da natura.*

Antes porem que o leitor nos venha lembrar do havermos sahido um pouco do nosso programma, e de já estarem anciosos por ver do novo o

Conquista pacifico, deixemol-os e mais as suas bravuras, para voltarmos á nossa descripção.

RELIGIÃO.

Já tratámos deste ponto ; mas tanto sobre o joelho, que nos ficou o melhor no canhenho. Salte pois o leitor, se assim o entender, as paginas que medeiam entre os dois apontamentos, e conheçam a nossa falta: mas perdoem-a, servindo de circumstancia attenuante a confissão espontanea que acabamos de fazer.

O Conquista com toda a tendencia para a religião, é talvez o homem que liga a ella, maior numero de crenças supersticiosas.

Crê em Deus : não comprehende o sacrificio da paixão ; mas respeita o crucifixo. Crê o no céu; mas fal-o representar por estúpidos, infames, e indecentes idolos que sob a fórma humana imitam á ponta de faca (3). Crê em Deus, unico sim ; mas dando-lhe cada povo o nome da sua tribu : assim, para o povo *Bamba* o seu Deus é o Deus *Bamba* e nas mais semelhantemente. Notámos em todas as sanzalas porque passamos, um *manipanzo* maior ou menor em cada uma das entradas da matta, enterrado no chão : por mais que procurámos saber a explicação disto só obtinhamos por resposta — *E' bom*.

Em cada povoado ha uma cubata, que com quanto não defira das demais é conhecida pela casa de Deus (4), e na qual vão depor as suas offeras por este ou aquelle fim, fazer os seus pedidos e etc. Realmente a mais fecunda intelligencia em vão procuraria pôr um leitor ao facto, pela descripção a mais collorida, desta interessante casa. De um lado, panellas com liquidos, dinheiro de cobre que gira em *Loanda*, coracs falsos, misangas, frutas, farinha e subas de milho, *mallungas* e que sei eu, tudo em desordem, e tudo ao pé da imagem de pau. O fim de tudo isto que nol-o diga quem souber: quanto a nós, fomos bem curiosos ; mas de nada nos serviu curiosidade nem desejo.

Parece-nos poder affirmar que o Conquista crê na immortalidade da alma : pelos menos o *Cabinda* podemos affirmar que crê, pelo que vimos n'um enterro feito no Ambriz. Hia o caixão levado como entre nós pelos convidados pegando ás argolas ; seguiam-o os amigos e as amigas, precedidos por um alto e corpulento Cabinda que por meio de um grande porta voz lhe dava recados para o outro mundo, taes como — recommendações deste para aquelle, desta para aquella, noticia do casamento daquelle outro e muita mais cousa neste genero.

(Con'inua).

(3) Nome vulgar — *Manipanzo*.

(4) *Cubata* e á *Ngana Nzambi*.

O SR. ANDRÉ.

(Conclusão.)

III.

O Dr. Augusto, depois da noite do *soirée* em casa do commendador Fernando, apenas regressava da corte, em lugar de entregar-se ao estudo como tinha por costume, voava ligeiramente para junto da sua bem-querida menina; eram felizes! — Amavam — ambos pela primeira vez; e tanto mais desconhecido é um prazer qualquer, tanto mais intenso elle é! Um poeta, sem duvida contaria as horas silenciosas, que os dous amantes passeavam pelas solitarias devezas do S. Christovão; contaria as noites de luar prateando as ilhotas do oceano e os montes velando pela — *Princesa do valle* — adormecida no regaço do cruzeiro; mas a um insulso prosador não vem uma resaca dessa luz divina dourar por um instante a descórada prosa!

O Dr. Augusto obteve com satisfação de todos a mão da feliz e idolatrada menina, e até os seus proprios rivaes mostravam-se satisfeitos ou fingiam-o estar, entrando nesse numero o Sr. André, que entretanto esperava ainda jogar a ultima carta, pois não podia se afazer á idea de ver passar a bella fortuna do commendador para as mãos de um outro que não fossem as suas.

Tres ou quatro dias saltavam para a completa felicidade do joven advogado, quando uma noite recebeu pelo correio urbano (sublime instituição para os velhacos!) uma carta anonyma que promettia convencê-lo da infidelidade de sua bella e querida Brites, se, segundo seus avisos, elle se occultasse perto da chacara do commendador, apenas principiassse a raiar o dia!

Augusto amava extremosamente para que um só instante desse credito a semelhante aleivosia; porém indignado esperou ansioso pela hora aprasada. Escondido atrás de uma sebe, vio abrir-se cautelosamente a porta da chacara do commendador, e o Sr. André, como uma raposa matreira, esgueirar-se por ella sorrateiramente.

O moco comprehendendo então donde lhe vinha aquella carta, e em vez de perseguir o fugitivo, correu em direcção a casa de que se evadira; ao empurrão brusco e desatinado que deu, a porta gyrou sobre seus gonzos e o doutor encontrou no corredor uma escrava que servia constantemente a D. Brites.

Agarral-a puxando para fóra do pátio, e pôr-lhe no peito um punhal, foi obra de um minuto. A morte é sempre horrivel venha ella embora nas duras palhas da masmorra, ou nas doces tenazes do sacrificio!

A escrava ajoelhou-se aos pés do mancebo, e confessou-lhe que seduzida pelas promessas e dadas do Sr. André, consentira que elle passasse a noite no corredor da chacara.

O moço não quiz ouvir mais; largou a infeliz escrava e dirigio-se pelo caminho que seguira o fugitivo. O Sr. André, vendo que não era perseguido pelo doutor, tinha-se escondido em uma moita de matos quasi no meio do campo, afim de observar dali o que se passasse: infelizmente pouco tempo esperou, porque foi testemunha da scena que se passou no portão da chácara, e só então comprehendendo que devia livrar-se da cólera do doutor, e ganhando immediatamente o largo, viu entretanto ser perseguido por elle.

O medo é capaz de fazer correr um paralytico, e o Sr. André que apenas tinha as pernas enguilhadas, mostrou que ainda serviam para muito; correu directamente para a praia, e vendo-se seguido pelo doutor, lançou-se em um pequeno bote que se achava preso á ponte, e com um esforço inaudito, conseguiu affastal-o da terra.

Ah! pobre e infeliz André! mal sabia elle que corria precipitadamente para a sua ruina! o bote em que se embarcara ha muito que se achava inutilisado, e apenas obedecendo ao impulso do remo, foi pouco a pouco se submergindo.

E o infeliz não sabia nadar!

O Dr. Augusto só então pôde comprehender o perigo que corria o Sr. André; aos seus gritos de soccorro, abriram-se quasi todas as casas e alguns pescadores tentaram deitar as lanchas ao mar para procurar salvar o desgraçado!

Era um horrivel espectaculo! Quando o bote se achou quasi submergido, aquelle homem só então lembrou-se de Deus, olhou para o céu e lançou um grito desesperado e medonho, e para sempre desapareceu no oceano!

O Dr. Augusto seis dias depois possuia sua feliz e querida Brites, e para todos foi sempre um mysterio a verdadeira causa da morte do Sr. André!

ESTRELLAS

(ASTRONOMIA)

O genio scientifico marchando sempre para seu apogeo, apoiado na observação, tem remontado seu vôo até as mais distantes camadas de estrellas, para investigar muitos phenomenos curiosos dessa harmonia e ordem que reina no universo.

Com effeito, a observação das estrellas duplices, etc., é sempre uma cousa que nos arrebatá a regiões do maravilhoso, não só pela mais viva curiosidade que nos desperta, como tambem o homem sente que o fragil vôo de sua intelligencia procurando estudar esses mundos que gravitam no espaço celeste, é como que esmagado; então o homem vendo provada a sua incuria, ao mesmo tempo reconhece o poder e sabedoria do Eterno geometra, o finalmente contemplando o bello quadro que o universo

apresenta quanto ás estrellas que vistas a olhos desarmados não são mais que uma só estrella, mas que vistas com o telescópio ellas mostram 2, 3 e 4 pontos de differentes intensidades de luz, e as leis de Newton ainda são applicadas a esses systemas planetarios que rolam sobre nossas cabeças, sendo forçados a exclamar admirados este cantico do Psalmista

« Caeli enarrant gloriam dei, et opera manerum ejus amuntial firmamentum. »

Está demonstrado que existem no espaço celeste estrellas tão proximas umas das outras que suas distancias angulares abrangem a poucos segundos; M. Strerwe tem registrado 3.057 estrellas duplices, e com 987 cujas distancias angulares attingem a menos de 4" então seguindo-se Herschel, o estudo dos elementos que compõem os systemas binarios dos astros, chegamos a uma conclusão que nas estrellas duplices, uma deve rodar ao redor da outra na grande ursa, constellação que raspeja nas orlas de nosso horizonte do norte: ha uma estrella que vista ao telescópio apresenta dous pontos brilhantes, e apoiado na observação Savari chegou a conhecer que um desses corpos obdecendo ás duas primeiras leis de Kepler, tem o movimento de rotação ao redor do outro.

Ao passo que o estudo das estrellas duplices e triplices foi tomando uma importancia, reconheceu-se afinal que na constellação Hercules ha uma estrella que sua resolução attinge a 36 annos; na coroa borial uma outra cuja revolução sobe a 67 annos e assim outras muitas que as taboas astronómicas registram.

Confessemos porém que o céu do norte tem sido o mais explorado em rasão de um alto numero de observatorios e observadores, entretanto que o céu austral que encerra estrellas duplices, nebulosas importantes não tem sido tão observado como precisava ser e porisso a sciencia pouco nos diz sobre o céu abrilhantado pelo cruzeiro do sul.

Strerwe registrou 120.000 estrellas das que pertencem á ordem das duplices, etc., etc.; se o céu do sul fosse explorado a que numero não subiriam estas estrellas!

Mesmo no systema das nebulosas ha nas proximidades do cruzeiro um grupo de nebulosas stellares com uma nebulosa planetaria no centro e cortejada de um pequeno numero de brilhantes corpos dispostos em ordem elliptica e talvez gosem de uma importancia scientifica os estudos desses corpos de differentes intensidades de leis; mas quantas nebulosas destas não existirão ignoradas em nosso céu austral?

A sciencia tem demonstrado que nas estrellas duplices umas gravitam para as outras assim como succede com os diversos corpos que compõem o nosso systema planetario; a observação tem demonstrado mais que as duas estrellas que formam uma duplice, em geral não apresentam a mesma intensidade de leis; ou que os raios de luz dimanados de uns destes corpos apresentam côres differentes, e a mais forte destas côres, é sempre vermellia ou côr de laranja, e os raios de luz mais fracos são sempre os que tiram a côr verde ou azul bem desenvolvida.

As estrellas que sendo um só ponto pela simples vista mas que nos

telescópios apresentam quatro pontos brilhantes são em pequeno numero. A curiosidade natural nos força a aventurar um juizo baseado no estudo de outros corpos, para estendermos a analogia dellas até a essas derradeiras camadas que limitam o espaço celeste, isto é se a idéa que fazemos da natureza das estrellas, é que ellas são verdadeiros sóes, lóco de systemas para nós incognitos; se ellas esclarecem e vivificam a outros mundos, então a nossa rasão é forçada a tirar a curiosa illação que o movimento de revolução nas estrellas duplices, triplices, etc., é o phenomeno mais maravilhoso e cheio de curiosidade que o universo traz estampado em sua face.

Apezar de que não podemos pela grande distancia em que existimos avaliar as massas dos diversos corpos que compõem as estrellas duplices, somos induzidos a crer que algumas entre ellas têm analogia com o nosso sol, estas que estrellas devem exercer poderosas attracções umas sobre outras, e finalmente se cada estrella é cortejada por seus planetas, e que estes ainda devem ser circulados pelos seus competentes satellites. A ultima e curiosa conclusão que podemos tirar do estudo destes corpos, é que o phenomeno do dia e da noite em superficies, em rasão de ser complexo, será o facto mais maravilhoso.

A existencia de dous sóes sobre os horisontes de seus planetas, seus levantes e occasos em horas differentes, os raios de luz que abrilhantam suas superficies, com côres mui differentes, e enfim uma variedade de crepusculos, dias e noites.

O espirito humano enche-se de assombro e espanto só em contemplar na existencia desses quadros que por analogia, estendemos até aos confins do universo.

E mais assombro ainda apodera-se do homem quando considera que a luz vinda desses corpos leva muitos annos para chegar á terra, e que pôdem elles terem desaparecido do universo, e nós cá na terra, ainda estudamos seus movimentos.

Na verdade que a contemplação dos corpos celestes, o estudo de seus movimentos e mais factos importantes, é a cousa mais bella possível e se ha sciencia que demonstra o poder do Eterno, é a astronomia.



O SERTANEJO

BRASILIENSE

Vai, indiano indolente;
Na ygóra docemente
Descendo o rio a cantar.
Eu não invejo tua sorte,
Meu companheiro do Norte,
Eu também sei poetar !

Tens as noites estrelladas,
Tens as aguas prateadas,
Onde pescas ao luar;
Eu tenho lá nos serões,
Ao sorrir das estações,
Muito amor a m'embalar.

Na tua linda maqueira
Descansas a tarde inteira,
Fumando — dormes por fim —
Eu passo a noite ao relento
Suspirando como o vento
Entre as follhas do jasmim,

Tenho as minhas cantilenas
Por essas noites serenas
Que fallam ao coração!
Minha viola sentida,
Minha floresta querida
Doces tardes de verão.

Eu bem sei, tem mil encantos
Esses prazeres tão santos
Da choupana — do teu lar —
Onde o travesso filhinho
Faz e brinca innocentinho
Este beija ao se deitar.

Eu tambem tenho dulçores,
Tenho meus santos amores
Na floresta sou feliz.
Tenho os carinhos de um anjo,
Risos puros de um archanjo,
Venturas que se não diz.

Ha mysterios na floresta
Nas doces horas da sesta,
Da tarde no desmaiar! . . .
Segredos nas cachoeiras
Nas côres das cordilheiras,
Da fonte no deslizar.

Ha, meu Deus, tanta harmonia
Tão suave poesia,
Na terra do meu amor!
— India nos matos perdida
Sorrindo mesmo indormida,
Aos cantos do trovador.

Vai indiano indolente,
Na ygara docemente
Descendo o rio a cantar;
Eu não invejo tua sorte
Meu compauheirs do Norte,
Eu tambem sei poetar.

Alexandre de Souza.

REVISTA THEATRAL.

S. Pedro.—Subiram á scena em beneficio do Sr. Martinho o drama —*Os salteadores da Falperra*— a scena comica —*O pedestre amoroso*— e a comedia —*Um phosphoro eleitoral*.

Se, em 1.º de abril, levado por ardente desejo de pregar um logro ao publico, impingindo-lhe gato por lebre, se, de proposito, mandasse escrever alguma coisa que estivesse em taes condições, certamente não seria melhor servido do que lançando mão do espectáculo com que mimoseou os seus amigos.

O supposto drama é uma coisa que não tem principio nem fim, em que não ha uma só idéa aproveitavel, em que não existe um só principio de moral: pelo contrario; está recheado de absurdos, de contra-sensos, quasi chega a endeosar o crime, o roubo o o homicidio.

Este, porque sua mãe soffre necessidades, assassina, rouba, faz-se chefe de uma quadrilha de salteadores, e em recompensa de tão bellos feitos, recebe um perdão, e desposa uma menina honesta em detrimento de seu irmão que tambem a amava, e que sempre trillhou a vereda da honra.

Aquella aconselha ao marido que roube, e este, sob pretextó de fazer a vontade a sua mulher, rouba os seus bemfeitores reduzindo-os á miseria.

E que phraseado!! O papel do Sr. Martinho está cheio de expressões altamente immoraes, de phrases indignas de serem proferidas diante de pessoas de educação, de phrases que envergonham até a quem as ouve. No meu entender, nenhum actor que fosse *artista* lançaria mão de semelhante composição para seu beneficio, mas *variant sententiæ*!

Não se enfade o autor por me ouvir fallar desta maneira; mesmo por conhecê-lo, por já ter vi-to outras composições suas, sou severo para com elle. Que culpa tenho eu de, envergonhado da minha precipitação, ver-me obrigado a esconder o ramo que levava para galardoar o seu trabalho? Nenhuma.

A scena comica—*O pedestre amoroso*— já não é para os nossos dias, e se agradou quando pela primeira vez foi á scena, foi porque o actor Costa tinha graça natural, e acompanhado de violão cantava uma modinha em voga nessa época e não se apresentava como o fez o Sr. Martinho com uma viola sem cordas.

A comedia—*Um phosphoro eleitoral*—cifra-se em uma reunião de povo que desde que começa até que acaba, grila a uma voz:—*E' phosphoro!*—*Não é phosphoro!!!*—acompanhando a sua algazarra de uma solfa de *fã bordão* tocada nos seus respectivos costados; e se a Sra. D. Ricciolini não tivesse a feliz lembrança de caracterizar-se reproduzindo um typo muito conhecido nesta corte, acabaria o espectáculo com outra solfa de *fã tacão* tocada pelos respectivos espectadores.

Gymnasio.—Proezas de Richelieu—e—Demonio familiar. Já falei de ambas.

S. Januario.—Subio á scena neste theatro no domingo 24 a comedia—*Um francez na Hespanha*—em que debutou a Sra. D. Bernardina Ulloa Pinheiro de Moraes. Agradou no geral, e confiarei que é uma das poucas peças que tenho visto naquelle theatro, sem deslocções. A Sra. D. Jesuina, reproduzio com graça a interessante *Rosina*; o Sr. Martins, no papel de *Reniflard*, o Sr. Magalhães no de *D. Inigo*, o Sr. Pereira no de *Benito*, e o Sr. Guilherme no de *D. Ramon* trabalharam muito bem, apresentando fielmente os typos e costumes. Nos *rompantes de Hespanhol*, e nos modos de *bandido*, agradaram os Srs. Magalhães e Pereira. A debutante tem bonita presença, porém nada ainda se pôde dizer, visto o susto e acanhamento de quem pela primeira vez piza em scena.

Na segunda-feira repetio-se a mesma comedia, seguida da primeira representação da scena comica —*O Sr. Bento dos Anzões Carapuça*—composição do Sr. Martins; tem seus *quês*; mas é chistosa.

Aconselharei ao Sr. Guilherme a que não falle com as suas namoradas de chapéo armado na cabeça: podem não gostar.

O Sr. Peixoto Guimarães, na comedia—*Dous genios iguaes não fazem liga*—agarrrou-se aos punhos da camisa por uma forma intoleravel. A mania de estar sempre de azas abertas, com as mãos na cintura, é ridicula e pouco *comme il faut*.

A Sra. D. Camilla andou na comedia, como Pilatos no credo:—*não disse mesmo o papel*, por que o não sabia.

Forg' Lillo.

Terminando hoje as assignaturas dos cavalheiros que receberam os primeiros numeros da — *Revista Luso Brasileira* —, rogamos a esses Senhores assignantes o obsequio de mandarem fazer a devila declaração n'este escriptorio, até terça feira proxima. Aquelles que não prevenirem, serão considerados como assignantes no 2º trimestre.

ANTES E DEPOIS

NOVELA -

(Continuação.)

VII.

A linguagem humana é impotente para traduzir detalhadamente os martyrios moraes de todos esses que não conhecem senão a si proprios, que não confiam senão em suas proprias forças, e que isolados emprehendem a conquista d'um logar eminente. Essas existencias solitarias e attribuladas poderiam ser comparadas, pela espontaneidade, com que são acceitas, ás existencias dos antigos solitarios da Thebaida.

Não ha solidão, que mais prejudique ao individuo do que a solidão moral; os sentimentos generosos não acham expansão; as forças vivas do espirito ou definham ou anniquillam-se na regularidade estúpida de uma mecanica ingleza, como é a vida commercial; o estado social offende; as suas injustiças são mais claramente delineadas aos olhos de quem vive no isolamento; este descontentamento cresce diariamente; as cousas apresentam uma côr mais carregada; a prevenção esterilisa o espirito, que não aceita as crenças, sob pena das austeridades da desillusão; o coração morre; a alma perde as suas delicadezas ao contacto frio da experiencia, adquerida extemporaneamente; cessam as alegrias ingenuas e as esperanças risonhas da mocidade; surgem simultaneamente mil dissabores, ainda mais amargos pela imaginação. Arruína-se tudo que ha de bom no homem, e sobre essas ruínas ergue-se altivo tudo o que elle tem de máo.

A um moço, que na época, a que se refere a nsssa historia, se acha entregue aos horrores de uma posição precaria, ás duvidas atrozes sobre o seu fucturo, ás agonias pungentes em que o lançara a falta de crença em seus exforços, confiou Antonieta o seu coração de anjo. Nessa afeição a mulher despira-se do que tinha de terrestre e deixava ao

afflicto, como consolação unica, as primicias puras do seu amor. Não havia ali a caridade christã, o amor do evangelho?

Antonieta prodigalisava a esse homem toda a generosidade de suas afeições, todo o balsamo do seu amor, que curava muitas feridas, sempre abertas pelo pensamento fixo nos males do presente, ainda agravados pela vivacidade da imaginação.

Durante dous annos corrêra na mais placida serenidade a convivência de Antonieta com o seu amante.

Havia entre ambos a harmonia absoluta de dous espiritos, que se comprehendem, e se tem identificado a ponto de não formarem senão um só; ella não comprehendia os rigores da sociedade para com aquelle homem; parecia-lhe que, como todos, elle tinha igualmente direitos ás sympathias dos outros; a injustiça que ella observava, era o resultado logico das desigualdades naturaes, que são tão communs na sociedade; mas a sua inexperiencia a levava á opinião de que a sociedade é uma madrasta para os pobres e desherdados da sorte. Esse pensamento tem produzido a morte moral de muitos entes que o seu destino chamava talvez a lugares eminentes. Elle por sua parte não tinha coragem de romper com a idéa unica, que o acabrunhava de se tornar um homem rico e poderoso, e entregar-se ao cultivo exclusivo de sua afeição.

Antonieta apparecia-lhe generosa, ingenua, amante, desconhecendo os abysmos em que naufragam os sentimentos mais nobres de uma mulher, nas grandes reuniões da grande sociedade, toda amor e dedicação a suas infelicidades, sem intenções secretas sobre os estranhos, tendo ainda toda a ingenuidade de coração unida aos encantos graciosos do seu corpo.

Ella não comprehendia o mundo em seus caprichos; o mundo lhe ia impôr em breve o jugo dos seus caprichos e dos seus prejuizos.

F. Vasconcellos.

(Continua.)

IMPRESSÕES

SOBRE AFRICA OCCIDENTAL.

Ao correr da penna.

CODIGO DO BOM TOM.

Não se zanguem com este titulo ; será mal cabido, mas é innocente . E demais, que outro lhe cabe ? Se um Conguista fisesse imprimir uma obra em resumo de todos os actos cerimoniaes, não chamaria a isso o — *Codigo do bom tom* — ?

Se escrevemos asneira, chamem-o de *máo tom*, ou como quizerem, com tanto que o deixem passar .

Em Loanda e nos demais pontos do interior, não ha, n'este genero, costumes esquisitos : começam no Ambriz . No Congo ha trez qualidades de cumprimentos entre os homens ; são os seguintes :

1.º — Entre dous rapases da mesma idade, que consiste simplesmente no cumprimento trivial de aperto de mão .

2.º — Entre dous homens de diversas idades : o mais moço ajoelha e bate palmas ; o mais velho curva-se, e encostando a palma da mão esquerda nas costas da mão direita, com esta lhe diz — adeos —

3.º — Entre dous velhos : ajoelham ambos, batem palmas, dizem adeos e apertam depois as mãos .

As mulheres ajoelham sempre, quando não ha intimidade—quando a ha, trocam simplesmente esta pergunta—*Cólélé ?* (como passou) a que a outra responde — *Cólélé qu'amy* (passei bem) (1)

Na maior parte das principaes sanzalas, não diverge o cumprimento á *testa coroadá* ; porem n'outras observa-se o seguinte :

O Conguista que seguindo os seus preceitos, guarda as *conveniencias sociaes*, e segue á risca a *etiqueta*, não come á meza com sua mulher ; mas apenas só ou rodeado de seus amigos : quando todos elles teem terminado, janta então a mulher ou mulheres .

Sangrem'o-nos em saude. Dissemos *meza*, para seguir também as

(1) Não respondo pela orthographia que não conheço.

nossas conveniências ; mas entenda-se que a meza do jantar é o chão extremo ou quando muito, forrado com uma esteira.

Lá o porque elles fazem isto, não o podemos dizer : não é decerto por desprezo, pois é a mulher, como já dissemos, uma das suas maiores ambições, e tanto que as escondem cuidadosamente dos seus inimigos, como faziam connosco .

O Soba, que como primeiro do povoado, devia merecer-lhes todo o respeito, não está consignado no *Manual da Civilidade Conguista*, como merecedor de grandes considerações e respeitos, que elle tambem não procura : passa-se por um Soba desaperebidamente : se elle traja como qualquer outro, e só differe em andar sempre acompanhado por 2 ou 3 Macotás !

Ha apenas um caso em que a palavra *Regia* é sagrada : quando sentença, depois de ouvir as partes nas suas audiencias.

E' tambem n'estes casos que mais respeito consagram ás nossas authoridades ; porque nos Presidios do interior, é o Chefe respectivo quem decide as suas contendas, e elles sujeitam-se em tudo e por tudo á sentença favoravel ou contraria .

Manda tambem a civilidade que ambas as partes litigantes ao entrar na sala das audiencias e depois de pagar os emolumentos, façam reverente cumprimento ao Juiz .

E' preceito que se cumpre igualmente antes de começar a allegar o seu direito, ou sustentar a defeza, baterem palmas duas veses, disendo :
— *Taté — Mamé — Justiça, Maniputo, Nzambi* — cuja traducção é
— *Pai — Mai — dos Homens e de Deos espero justiça.* —

A. de Casilho.

(Continua).

PANORAMA DO SUL DE MINAS.

I.

O Sul de Minas, admirado pelo filho do velho mundo, em razão dos quadros mais poeticos e arrebatadores com que esse delicioso eden bra-

sileiro ostenta-se debaixo dos tropicos; o sul de Minas, cujos espaçosos valles e gigantescas montanhas sempre peçadas de diamantes, amethistas, agathas e granadas, recreiando a vista, assombrando a imaginação, essas eminencias da terra, que desde suas fraldas até os soberbos pinheiros entarjam no coração humano a sabedeia e poder do Eterno no dia da criação de nosso planeta. O sul de Minas é o mais rico painel que a natureza prodigalisou ao pai dos tropicos.

Quem no Brasil não admira essas nossas campinas esmaltadas das mais lindas e variadas flôres: esse jardim natural que ao desdem todos os annos se repro luz cheio de tantos primores!...

Quem não admira esses fecundissimos campos e florestas que com fartura nutrem a milhares de povos, criam manadas sempre vigorosas desse gado que, transpondo a Mantiqueira, vai abastecer o mercado da capital do imperio!

Quem é capaz de calcar aos pés o solo mineiro com indifferença que admirado não volva-se para contemplar a cascata de um rio que, embravecido, despenha-se de um rochedo matizado de um tapete virente e poetico!

A natureza physica do sul de Minas apresenta um quadro dessa Suissa, osculando a orla dos gelados Alpes, reclinada às crystalinas aguas do Rheno.

E' impossivel que esse clima da Italia, esses montes e campos, que tanto alegam a vista na amplidão e nuança do horizonte, não falle ao coração humano.

E' impossivel que essa Flora mineira, cortejada de um infinito numero de brilhantes insectos que o mais afamado gabinete zoologico não possue collecções da millesima parte: essas aves de vivas e brilhantes plumagens não chame um minuto de attenção aos olhos que, rapidos, deparam com estes quadros da natureza!

A provincia de Minas é o gigante dos thesouros e preciosidades naturaes, mas que existe tudo votado á região do esquecimento; e, para conhecermos qual o grão de importancia que ella possue nas sciencias physicas, ahí estão Saint Hilaire, Sellon, Martins e o Mineiro Ildefonso.

Minas, que em seu seio recolhe uma preciosidade de metaes, que seus rios e montanhas estao cheios dessas pedras de alto valor, algum dia occupará o lugar distincto que lhe compete, mas será quando o tempo e a necessidade demonstrar aos vindouros que Minas póde sub.

sistir sem recurso algum de fóra, que a riqueza, agricultura, industria e artes é propria para a lançar no zenith do progresso, porque emfim a sua natureza physica, de mãos dadas com o genio de seus filhos, assim promettem.

Esperemos; o futuro corroborará isto.

ESTUDOS OROGRAPHICOS.

II.

A parte do Brasil mais notavel pelo systema montanhoso é inegavel que é na provincia de Minas, e principalmente ao sul.

As montanhas do sul de Minas são todas ellas, ou na Mantiqueira ou em suas ramificações primarias, secundarias, etc.

Uma observação que muitas pessoas terão feito é que na direcção de uma serra, no ponto onde ella faz um angulo ou quebra sua direcção, este nucleo é sempre um ponto notavel acima do nivel do mar, e no sul de Minas ha varias cordilheiras que confirmam esta observação.

A cordilheira da Mantiqueira, vindo do norte de Minas na latitude de $22^{\circ} 30'$ e $1^{\circ} \frac{1}{2}$ de long. occid. do meridiano do Rio de Janeiro; faz um angulo para oeste, e vai procurar as margens do Rio Pardo em Jaguary: o nucleo deste angulo é o ponto mais elevado do Brasil.

Ao sul da Soledade do Itajuba ella affasta se mais 10 grãos para o sul, em relação ao ponto situado na lat. de 22° e $30'$, e lança nma ramificação pelerosa para o norte: este ponto, que deparei na obra dos Srs. Chauchand e Munster, comprehendido na lat. de 22° , fica acima de 22° e $42'$; é o segundo ponto mais culminante do Brasil.

Passando nós um golpe de vista sobre a Mantiqueira e suas ramificações, rapidamente vamos estudar a sua direcção e altitude.

No sul de Minas ella vem surgindo nas margens do Rio Pardo, mas não é uma pequena interrupção ou extenso valle que este rio atravessa que é motivo para a Mantiqueira perder o nome, como muitos querem; a observação constante é que ella vindo da provincia de S. Paulo, a serra da Canna Verde com todos seus galhos para oeste e NO são rami-

ficações da Mantiqueira, que, tomando a direcção regular para norte, é a mesma corda de montes que atravessa a Ventania, e, fazendo ali um angulo quasi recto, procura Passos, Jacuhy, etc.

Assim, pois, o Rio S. João nasce em um ramo da Mantiqueira.

A serra de Caldas, que apresenta um pico pyramidal e que ter uma altura notavel acima do nivel do mar, esta serra, lançando galhos que procuram as margens do Sapucahy, fórma um systema de serras que são ramificações secundarias e terciarias da Mantiqueira, cuja origem é em Jaguary.

Entre Jaguary e S. Bento do Sapucahy-mirim, a Mantiqueira apresenta um ponto notavel, que deve attingir de 5 a 6,000 mil palmos acima do nivel do mar.

Um outro angulo forma a Mantiqueira em S. Bento, affastado 15° ao sul do pico dos Orgãos em Itajubá, e aqui existe o pico do Bahú, em uma altura média de 7,000 palmos acima do nivel do mar.

Entre o pico do Bahú e pico dos Orgãos, a Mantiqueira reveste-se de um plato de tres leguas de diametro e cinco de extensão longitudinal.

As serras de Monte Sião, Pouso d'Anta, Serra do Soares e todos os galhos que seguem o Sapucahy-merim e vão estendendo-se até Santa Anna, desprende-se entre Jaguary e pico do Bahú em maior escala.

A Mantiqueira, entre os Orgãos e o Itabiaia, que é ponto mais elevado do Brasil, apresenta um systema de ramificações as mais altivas e soberbas: além dos pontos da Lapa e Jardim, que são muito salientes no alto desta cordilheira, temos a serra de S. Francisco que, partindo dos Orgãos, procura o Itajubá.

A serra da Bocaina, que começa no Passa-Quatro, domina uma vasta extensão de terreno, ramificando-se para o Carmo, Lambari, Capituba e Vintem.

E' a ramificação da Mantiqueira mais elevada que existe no sul de Minas: a oeste da Christina ella faz um angulo para dar origem ao Desproposito, Criminosos, etc.; o núcleo é o Sitio do Monte, ponto culminante e notavel: os seus ramos, que procuram as margens de Lourenço Velho, apresentam os cumes do Pedrão e Maria da Fé, pontos bem eleva los.

Em Santa Catharina temos a Pedra Branca, em outro quebrado que esta ramificação faz; é a pedra Cranca um ponto notavel do Brasil.

Do Itabiaia partem então cordilheiras para o norte, como sejam as serras da Lage, que é um ramo do Monte Bello, cuja abertura do angulo é um segundo terreno de montanhas secundarias.

Os ramos que vêm do Itabiaia são: Santo Antonio, Monte Bello, Guapiara, Parrecida, Francez, Papagaio, Gamarra e Lage. Pontos notaveis: o Chapéo, Papagaio, Pedra do Bispo e Parrecida, altitudes mais consideraveis que o Itambé e Itacolumi; e convém notar que, á excepção do Chapéo, os mais pontos existem nos angulos que estas serras fazem para oeste.

A léste da Ayuruoca existem os picos dos Tres Irmãos, que também são muito elevados; fazem parte da Mantiqueira.

A cordilheira da Mantiqueira, entre a lat. de 22° 30' e 22°, apresenta as seguintes eminencias: Pedra Sellada, Altos do Bocaina, Mira e pico da Jacutinga; a ramificação notavel que ella lança para NO é a serra do Bom Jardim.

Ao norte do Turvo, no municipio de Ayuruoca, os picos dos Dous Irmãos existem situados; também devem ter uma altitude notavel.

A serra do Marimbondo, S. Thomé das Letras, separa-la daquella outra pela passagem do Rio Verde, existem ligadas á serra da Mantiqueira, em Pouso Alto. Assim, pois, as Luminarias. S. João de Nepomuceno e Dôres da Boa Esperança, onde ha um cume bem saliente, é um só correr de serras que se ramifica para o Rio Verde, ao sul, e Rio Grande, ao norte: a serra do Paiol, onde ao oeste assoma-se o pico da Treituba, faz um angulo para o norte, depois para o oeste, e une-se com a Lavrinha; é separada da corda que vem do sul, em S. Thomé, pela passagem do Angahi.

Em S. João d'El-Rei temos a serra do Lenheiro, além do Rio das Mortes, a serra de S. José e Prados, que formam um mesmo systema; passando pela Resaca, unida á corda que tem o nome de Camapuan, segue uma derrota para Oliveira, Formiga e Piumhy: esta, e bem assim a serra do Ouro Branco, são ramificações da Mantiqueira para oeste (*).

As serras que por Santo Antonio do Amparo passam e as que procuram Campo Bello são rumos deste extenso galho da Mantiqueira. Logó é claro que no sul de Minas todas estas serras, que mais ou menos ramificam-se para diferentes pontos, são todas ellas filhas da cordilheira central, a Mantiqueira.

(*) Na serra do Ouro Branco o ponto mais alto é morro do Deus te livre.

... como o Boa Vista e o Ca-
... em uma planície.

... a forma certa represento, apesar de uma
... da provincia do Rio de Janeiro...
... da... da... do Rio de
... de... de...

Confesso

CONTINUAÇÃO

CONTINUAÇÃO

... da promessa que te fiz! ... Não há, então,
... meus olhos te contemplam, minha alma se eleva em uma
... de amor e de ventura, meu coração palpita com logo o
... e eu sou feliz! ... muito feliz!

... os prazeres da vida se reúnem no encanto de contemplar a
... de mim! ... e
... amor de um amor, em uma região, para a qual minha alma se
... por uma harmonia, tão doce, tão terna como os
... dos céus!

Comigo, a vida é como o doce festinar do lago sereno, recamada das
... mais bellas do teu jardim de encantos, com que o sopro da des-
... não vem despertar o doce sonho de felicidade!

... meu pensamento como que se resuscita de uma letargia de
... a tua voz de fada vem forir
... a ventura; e teus olhos,

Silva

Sr. D. ...

S. A.

Contigo, me assemelho a esses dous pombinhos que, abraçando-se, reproduzem esse encanto da natureza no doce pipilar do seu amor!...

Lembras-te dos olhares ternos que tantas vezes te lancei? pois bem; meu amor é como esse arranco do coração que só ambiciona o desejo de possuir a mais bella obra do Criador!... As lagrimas de Petrarcha chorando as saudades do sua Laura, os cantos do Homero lusitano immortalizando a sua Catharina, e esses doces queixumes de Dirceu á sua Marília vem lançar o meu coração no abysmo da dôr e da solidão, quando, ausente de ti, as flôres da ventura se tem murchado!...

Porém *contigo* eu sou como o guerreiro da tribu Tupy, de Gonçalves Dias, elevando-se no doce entusiasmo de sua gloria!...

Contigo, sou como a flôr que exprime em si o symbolo do amor e da felicidade!...

Contigo, sou o mais feliz dos mortaes!...

Esta é minha promessa; perdôa se não te disse o que o meu coração sente e o que minha alma deseja: perdôa: porém a ausencia me entristece, e eu só poderia dizer-te o quanto te amo, o quanto sou feliz se eu, envolvido no doce encanto do prazer, ao teu lado, visse um sorriso de amor em teus labios, um olhar de ternura, e a tua mão estendida para mim tua voz pronunciar essa palavra... *Contigo*.

M. de Castilho.

REVISTA THEATRAL.

S. Janeiro. — Quanta coisa se vê e se ouve nas serras, que mais ou menos ramificam-se para diferentes pontos, são todas ellas filhas da cordilheira central, a Mantiqueira.

Nas serras do Ouro Branco o ponto mais alto é morro do Deus te Livre.

para vir a ser um bom actor, esteja perdendo os melhores annos da vida, e que, ao contrario de um artista, poderia aproveitar tanto, não aproveita porque não faz parte de nenhuma das companhias da corte, quando a tantas outras, muito menos no caso, se confiam todos os seus papéis que não sabem de seu valor.

A poesia *O Sogrado*, lida tambem pelo Sr. Gonçalves, agradou muito.

No quinta-feira, 27 teve lugar o banquete da Sr. D. Marcelina Camargo, com o *Anjo da paz* e *Pereira* (falso), o *Estorço do crime* e as scenas seguintes. Na primeira apanhou com o Sr. Bento da Silva e Carapuca, e depois me deitar no desamparo de Lopo e espalhou-me que já é por demais conhecida. A excepção da primeira scena com o Sr. Magalhães, que me não agradou, já porque o por demais longe da paixão para ser de comedia: tira tudo do *Beito das Honras*.

A banqueteada foi mimosa por alguns crystallinos com bouquets e bouquets de pouco merecimento, na minha opinião.

Sexta-feira, 28. — *Dois anegadas*, lendo o papel de Samuel o Sr. Domingos Martins de Souza. Como são as coisas do mundo?... Ha muito tempo que o Lopo pregou-me aquelle fôrmido vel logro, e já me estava agitando!... Quando me estava a assistir a uma recita de arromba, e a ouvir um verdadeiro auto da fé e perdi uma das minhas mais caras ilusões. Sempre pensei que do máo se podia aproveitar alguma coisa; porém o Sr. Domingos e a sua companhia desenganaram-me. Ainda não que se possa suppor nada... e por mais que me estorcesse para poder analisar cada um do papel, a pena traza-me no papel estas palavras: *A companhia de Santos está abaixo de toda a critica*!...

E com que barbaude assassnaram a lingua de Camões!... Eis aqui uma pequena amostra das gentilezas praticadas nesse torueto em que o premio devia ser dado ao que mais disparates dissesse: «Cavalleiro, tu me demoralizaste, e eu fui encarcerado; porém o meu amor apagou carceres e arrombou logneiras», etc. E intitula-se 1º actor!... Que irrisão!...

Se não fora os esforços com que o Sr. Pereira no papel de Lopo da Silva puzera agradar, tinha adormecido na minha cadeira. Se o Sr. Domingos no papel de Samuel é 1º actor, o que será o Sr. Pereira?

S. Pedro. — Domingo 30. — *Seis degrãos do crime*. Veio, felizmente,

este drama, qual balsamo consolador, dissipar a desfavorável impressão que me ficou dos dous penúltimos espectáculos a que assisti. O drama já todos o conhecem, sabem todos que poderosas emoções despertou na alma o genio creador de João Caetano no papel de Julio, e facilmente comprehenderão como o representou quando lhes disser que esteve em uma das suas noites de inspiração. Toda a companhia emvidou os seus esforços para dar maior realce ao drama, e a Sra. D. Marquelou excedeu-se no papel de Luiza, além de apresentar-se vestida com apurado gosto, representou de maneira que ninguém lamentou a falta das actrizes que, antes della, fizeram este papel.

João Lillo.

A TRISTEZA.

Canta, canta, passarinho,
No caminho bufozo,
Teu saudoso terno canto
Entretanto faz chorar.

Faz chorar quem vive triste,
Quem vive na solidade,
Pungido de atroz saudade
Que não possa mitigar.

O teu ninho tu fabricas
Cheio de amor e ternura,
E no calix da dor pura
Tens de que te alimentar

E eu? procuro, mas debalde,
Coração que o meu entenda,
E n'esta deserta sonda
Nada me pôde alegrar.

Os olhos ao céu levanto
D'onde virá meu socorro,
E n'esta esperança morro
De que a meu Deus heide honrar.

Minha alma tem sede ardente
Tão sómente do infinito,
E eu habito sobre a terra,
Onde encerra-se o pezar.

A. P. CORRÊA PIMENTEL.

(Esta poesia foi offerecida pelo seu autor ao Revd. Sr. J. J. Corrêa d'Almeida, de Barbacena.)

A decifração da charada publicada no n. 6, é—*Vingança.*